UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES (UCAM)
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISA DO RIO DE JANEIRO (IUPERJ)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA (PPGS)

Eduardo Monteiro Rodrigues Lima

AUSÊNCIAS MONUMENTAIS: MEMÓRIA LGBTI+ NO ESPAÇO PÚBLICO E DIREITO À CIDADE

Rio de Janeiro
2024

UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES (UCAM)
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISA DO RIO DE JANEIRO (IUPERJ)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA (PPGS)

AUSÊNCIAS MONUMENTAIS: MEMÓRIA LGBTI+ NO ESPAÇO PÚBLICO E DIREITO À CIDADE

EDUARDO MONTEIRO RODRIGUES LIMA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP) da Universidade Candido Mendes em parceria com o Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ) como quesito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Alves Gomes

Rio de Janeiro
2024

Catalogação na Publicação
Biblioteca Central
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ
Bibliotecário responsável: Paulo César do Prado — CRB-7 7131

L732a Lima, Eduardo Monteiro Rodrigues.
Ausências monumentais: memória LGBTI+ no espaço público e direito à cidade. / Eduardo Monteiro Rodrigues Lima. — Rio de Janeiro, 2024.
152 f.

Dissertação (Pós-Graduação em Sociologia Política) -Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2024.
Orientação de: Lilian Alves Gomes.

1. LGBTI+. 2. Monumentos. 3. Memória I. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro II. Título.

CDU 316.837:725.94

EDUARDO MONTEIRO RODRIGUES LIMA

"AUSÊNCIAS MONUMENTAIS: MEMÓRIA LGBTI+ NO ESPAÇO PÚBLICO E DIREITO À CIDADE."

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro da Universidade Candido Mendes como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Profa. Dra. Lilian Alves Gomes
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro / UCAM

Prof. Dr. Rogério Ferreira Souza
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro / UCAM

Profa. Dra. Patrícia Lânes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO
2024

Dedico esta dissertação de mestrado à minha amada mãe, Maria Therezinha Apparecida Monteiro Lima, exemplo de perseverança e voz fundamental para minha caminhada; ao meu companheiro Fernando da Silva Santos, cujo afeto, paciência e cooperação foram fundamentais para concretização desta pesquisa e à minha saudosa e carinhosa amiga Blanca (*in memorian*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos presidentes do Grupo Pela Vidda e do Grupo Arco Íris, Dra. Maria Eduarda Aguiar e Claudio Nascimento, por terem me incluído em suas movimentadas agendas, o que me possibilitou uma rica vivência dentro do coração do movimento LGBTI+ no Rio de Janeiro.

Agradeço à artista plástica Jo Grassini, que esculpiu as estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia, que se encontram no Campo de São Bento em Niterói, pela calorosa conversa em seu ateliê, apresentando novas perspectivas para minha pesquisa.

Agradeço ao meu amigo Carlos Alberto Fragaite, memória viva da cena cultural LGBTI+ no Rio de Janeiro, que percebendo a necessidade de minha entrada em territórios por mim desconhecidos na comunidade LGBTI+, voluntariamente, ofereceu convite e companhia para eventos e celebrações.

Agradeço à minha orientadora, Dra. Lilian Alves Gomes, que com delicadeza e sabedoria permitiu que minha pesquisa adentrasse em searas personalíssimas, sem perder o trato científico. Agradeço à Dra. Gabriela Martins por me apresentar um ótimo conteúdo sobre o Movimento LGBTI+ no Brasil. Finalmente, agradeço à Dra. Patrícia Lânes Araújo de Souza e ao Dr. Rogério Ferreira de Souza pela disponibilidade para avaliação desta pesquisa.

RESUMO

O principal objetivo desta pesquisa foi o de explicitar a quase ausência de monumentos e outros marcos celebrativos da memória LGBTI+ no Brasil. A diversa comunidade LGBTI+ carece da presença de monumentos, de estátuas, de placas, de memoriais e de museus nas cidades brasileiras. Intentamos fazer uma apresentação do grupo LGBTI+ e explicar como se constituiu o movimento LGBTI+ no Brasil. Procurando elucidar o debate sobre a memória LGBTI+, buscamos mostrar uma interface entre a escassez de suportes de memória deste grupo específico com o direito à cidade. Tendo em vista a grande popularidade do falecido ator Paulo Gustavo (1978-2021) e a enorme visibilidade das estátuas daquele e de sua principal personagem (Dona Hermínia), no Campo de São Bento, na cidade de Niterói, RJ, fizemos uma prospecção sobre aquele nicho escultural enquanto forma de presença da memória LGBTI+. Concluímos que, apesar de lugares e marcos da memória LGBTI+ serem muito importantes, aqueles são raros no Brasil.

Palavras-chave: memória LGBTI+; monumento; direito à cidade.

ABSTRACT

The main aim of this research was making clear the nearly absence of monuments and other celebratory milestones of LGBTI+ memory in Brazil. The LGBTI+ community lacks the presence of monuments, statues, plaques, memorials and museums in the national cities. We intend to make a presentation of the LGBTI+ group and explain how it was set up in Brazil. We sought to elucidate the debate on the theoretical issues of LGBTI+ memory. We tried to show an interface between the scarcity of LGBTI+ memory media and the right to the city. In view of the great popularity of the late actor Paulo Gustavo and the enormous visibility of the statues of that actor and his main character (Dona Hermínia), we explored about the potential for a LGBTI+ monument in that sculptural niche, in São Bento`s Park, in the city of Niterói, RJ. We concluded that, although places and milestones of LGBTI+ memory are very important, they are rare in Brazil.

Keywords: LGBTI+ memory; monument; right to the city.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Placa com informações sobre o *Homomonument*, Amsterdã, Holanda 16
Figura 2 – Placa *OUTRAGE!* Highbury Fields, Londres, Inglaterra.....17
Figura 3 – Inscrição em mármore, rue Montergueill, Paris, França.....17
Figura 4 – "Na Lona" (registros carnavalescos), fotografia de Rogério Reis, exposição "Onde está o sujeito? Centro Cultural Justiça Federal, Rio de Janeiro, 2022.....25
Figura 5 – Imagem com informações de contato do Coletivo Arouchianos LGBTHQIAPD+, extraída do Instagram do Coletivo Arouchianos LGBTHQIAPD+.....34
Figura 6 – Reunião do Dia Nacional da Visibilidade Trans e Travesti (28 de janeiro), obtida no Instagram do Grupo Pela Vidda.....39
Figura 7 – Imagem de divulgação da apresentação do curta "Poder Falar", obtida no Instagram do Grupo Pela Vidda.....42
Figura 7 – Imagem de divulgação da apresentação do curta "Poder Falar", obtida no Instagram do Grupo Pela Vidda.....44
Figura 9 – Reprodução da frente e do verso de um cartão-postal, da série "Super heróis contra o preconceito" (2001), concebido pelo Grupo Gay Bahia, como parte da luta contra o preconceito, cuja frase, no verso diz: "Discriminação aos homossexuais é crime contra a humanidade. Estamos de olho!" 48
Figura 10 – Campanha divulgando cursos para população LGBTQIAPN+, veiculada pelo Grupo Pela Vidda no Instagram.....57
Figura 11 – Imagem contendo fala da deputada federal Erika Hilton, replicada no Instagram do Coletivo Famílias pela Diversidade.....58
Figura 12 – Post exibido no Instagram do psicólogo João Brod Jacobs.....58
Figura 13 – Campanha contra o preconceito veiculada no Instagram da comunidade LGBTQIA+.....59
Figura 14 – Imagem extraída do Instagram da Comunidade Trans no Corre.....80
Figura 15 – Placa em homenagem a João do Rio, Largo da Carioca, Rio de Janeiro.....84
Figura 16 – Saída da Estação Carioca (direção Rua da Carioca). A placa em homenagem a João do Rio, que não aparece nesta foto, foi "escondida" no paredão de concreto, à esquerda na fotografia, voltada para o Largo da Carioca, acima de um plano elevado daquele largo, totalmente fora da visibilidade dos transeuntes.....84
Figura 17 – Imagem ressaltando a pequena placa de João do Rio, "escondida" em local praticamente inacessível no Largo da Carioca.....85
Figura 18 – Imagem da primeira placa em homenagem à Lota de Macedo Soares, no Parque do Flamengo (Marques, 2022) 86
Figura 19 – Imagem do *Homomonument*..... 88
Figura 20 – Imagem extraída do encarte explicativo do *Homomonument*. Encarte disponível sobre um dos triângulos de granito que compõem o monumento, em 2023.....89
Figura 21 – Memorial dos homossexuais perseguidos pelo nazismo, Berlim, Alemanha (Guerreiro, 2023) 91

Figura 22 – National AIDS Memorial Groove, imagem extraída do site do National Aids Memorial, São Francisco, EUA.....93
Figura 23 – Imagem de nomes de vitimados pelo HIV, inscritos no National AIDS Memorial Groove, site do National Aids Memorial.....93
Figura 24 – Placa em homenagem ao cientista homossexual Alan Turing, Manchester, Inglaterra.....96
Figura 25 – Alan Turing Memorial, Manchester, Inglaterra.....97
Figura 26 – The Beacon of Hope, Manchester, Inglaterra……98
Figura 27 – Harvey Milk Memorial.....100
Figura 28 – Totem de Josephine Baker, Legacy Project, Chicago, EUA.....101
Figura 29 – Monumento-lápide a Tibira do Maranhão, São Luís.....103
Figura 30 – Instalação-monumento “Meu coração bate como o seu” 106
Figura 31 – Estátua de Marielle Franco, Rio de Janeiro.....109
Figura 32 – Placa em homenagem à Marielle Franco, Rio de Janeiro.....109
Figura 33 – Estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia no Campo de São Bento, Niterói.....112
Figura 34 – Placa em homenagem a Paulo Gustavo, fixada sobre mesa de concreto, ao lado da estátua daquele ator, no Campo de São Bento, Niterói.....113
Figura 35 – Placa em homenagem ao ator Paulo Gustavo, fixada na entrada da Confeitaria Beira Mar, Niterói.....116
Figura 36 – Mãos da artista plástica Jo Grassini esculpindo em argila a cabeça da escultura do ator Paulo Gustavo.....130
Figura 37 – Mãos da artista plástica Jo Grassini esculpindo a cabeça da escultura do ator Paulo Gustavo.....130
Figura 38 – Campanha veiculada pelo Instituto Pólis no Instagram.....135

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Act Up – Aids Coalition to Unleash Power

DST – Doença Sexualmente Transmissível

FDA – Food and Drug Administration

GAI – Grupo Arco Íris

GGB – Grupo Gay Bahia

GPV – Grupo Pela Vidda

LGBTI+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Intersexuais e outras identidades e expressões

LGBTQIAPN+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárie e outras identidades e expressões

LGBTQIAPD+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Demissexuais e outras identidades e expressões

LGBTHQIAPDN+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Mulheres Transexuais, Homens Transexuais, Héteros Aliados, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Demissexuais e outras identidades e expressões

MONA LGBTQIA+ – Museu de Ocupação e de Narrativas do Arouche LGBTQIA+

MuMo LGBTI+ – Museu do Movimento LGBTI+

STF – Supremo Tribunal Federal

SUS – Sistema Único de Saúde

ONG – Organização Não Governamental

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

2 DISCUSSÕES SOBRE A NOMEAÇÃO LGBTI+ E A CONSTITUIÇÃO DESTE GRUPO 25

2.1 LGBTI+, COMO NOS DEFINIMOS? 25

2.2 MOVIMENTO LGBTI+: COMO NOS CONSTITUÍMOS? 36

2.3 MOVIMENTOS SOCIAIS LGBTI+ E AÇÃO SOCIAL 44

3 MEMÓRIA LGBTI+ E DIREITO À CIDADE 60

3.1 LUGARES DE MEMÓRIA 60

3.2 ATIVISMO DA MEMÓRIA 64

3.3 DIREITO À CIDADE 72

4 MARCOS LGBTI+: MONUMENTOS, MEMORIAIS E PLACAS 81

4.1 MONUMENTOS, MEMORIAIS E MEMÓRIA LGBTI+ 81

4.2 MEMÓRIA LGBTI+ NAS CIDADES 88

4.2.1Monumentos erigidos para celebrar a causa e as lutas da comunidade LGBTI+: Monumento aos homossexuais em Amsterdã 88

4.2.2 Monumentos concebidos para homenagear os componentes da comunidade LGBTI+ perseguidos e executados durante a Segunda Guerra Mundial: Memorial aos homossexuais perseguidos pelo nazismo, em Berlim (Alemanha) 91

4.2.3 Memoriais ou monumentos concebidos in memorian às inúmeras vítimas do HIV: Memorial Nacional da AIDS em São Francisco 93

4.2.4 Estátuas ou memoriais edificados para reverenciar celebridades e personalidades LGBTI+: Memorial a Alan Turing em Manchester, Inglaterra 95

4.3 MONUMENTOS RELACIONADOS ÀS PAUTAS LGBTI+ NO BRASIL 102

4.3.1 Monumento-lápide ao Índio Tibira 102

4.3.2 Instalação-monumento “Meu coração bate como o seu” 106

4.3.3 Estátua e placa em homenagem à Marielle Franco 108

4.3.4 Homenagens ao ator Paulo Gustavo 111

4.3.4.1 Memória de Paulo Gustavo no Campo de São Bento e nas ruas de Niterói 111

4.3.4.2 O que as estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia significam para os visitantes do Campo de São Bento? 119

4.3.4.3 Jo Grassini e as estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia 127

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 134

REFERÊNCIAS 139

ANEXOS 146

ANEXO A – Alguns marcos de memória monumental LGBTI+ pelo mundo 147

INTRODUÇÃO

> Uma vez, quando era criança, destruí o jardim de minha avó; cortei as flores e prontamente as amarrei aos ramos mais secos que encontrei. Em minha inocência infantil senti que estava fazendo justiça àquelas plantas esquecidas. Pensei que elas também teriam direito a florescer e a serem bonitas.
> Agora me dou conta que esta é uma ideia recorrente em meu trabalho: meus desenhos são essas flores que desejo colocar nos locais esquecidos (censurados) e quem os observa pode recordar seu direito a florescer e ser sempre bonito. (Carlos Radriguez).[1]

É com o sentimento de que alguma justiça estarei promovendo para a população LGBTI+[2] que me lancei nesta pesquisa. Este trabalho será, quiçá, uma pétala de contribuição para o florescimento dos membros da comunidade tão diversa a qual pertenço.

Esta pesquisa nasceu a partir de minhas inquietações ao observar alguns locais de elaboração da memória do movimento LGBTI+, dentro e fora do Brasil e a forma como monumentos, memoriais e placas LGBTI+ se fazem, mais ou menos, presentes nas cidades brasileiras.

Como veremos no curso desta pesquisa não é de se desprezar o valor simbólico e discursivo de monumentos, memoriais e placas para a comunidade LGBTI+.

Quando em Amsterdã (Holanda) observei na placa do Monumento aos Homossexuais (*Homomonument*) o seguinte texto:

> Monumento aos Homossexuais. Celebra todas as mulheres ou homens que já tenham sido oprimidos ou perseguidos em virtude de sua homossexualidade. O Monumento aos Homossexuais apoia o Movimento Internacional Lésbico e Gay na luta contra o desprezo, a discriminação e a opressão, comprova que não estamos sozinhos e demanda uma vigilância permanente. Passado, presente e futuro estão

---

[1] Palavras do artista mexicano Carlos Radriguez na apresentação de seu livro de ilustrações "O Jardim", de 2019 [Tradução nossa].

[2] Em caráter de definição preliminar, informamos que esta sigla/acrônimo designa lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, intersexuais e o "+" sinaliza a possibilidade de adição de outras identidades e expressões no campo da sexualidade, tais como *queers*, assexuais, pansexuais, não-bináries e demais gêneros, identidades e orientações. Como será melhor desenvolvido no Capítulo 02, não pretendemos excluir outras combinações de letras e entendemos que as variações da sigla são reveladoras do caráter processual de identidades coletivas. Em citações textuais em que aparecem variações da sigla, preservaremos as opções feitas pelos autores.

> representados pelos 3 triângulos nesta praça, desenhada por Karin Daan, em 1987. [Tradução nossa].

Figura 1 – Placa com informações sobre o *Homomonument*, Amsterdã, Holanda

Foto: Eduardo Lima, 2023

Já a placa celebrativa da primeira manifestação pelos direitos civis dos gays na Inglaterra, organizada pela Frente de Liberação Gay, em Highbury Fields, Londres, contém a seguinte mensagem:

> **ULTRAJE**![3] A primeira passeata por direitos dos gays na Grã-Bretanha ocorreu neste lugar, Highbury Fields, em 27 de novembro de 1970, quando 150 membros da FRENTE DE LIBERAÇÃO GAY fizeram a primeira manifestação à luz de tochas contra o assédio policial. [Tradução nossa].

[3] OUTRAGE! – Palavra inglesa cuja tradução para o português pode ser ultraje, ofensa, afronta. No caso da placa a que fazemos referência diz respeito a um grupo britânico de ativismo LGBTI+, fundado em 1990, para combater a violência a comunidade LGBTI+ e a homofobia na Inglaterra. Entre as metas principais do grupo, direcionadas a polícia daquele país, apontamos: “Proteção, não perseguição!” (Protection, not persecution!) e “Policiamento sem preconceito!” (Policing without prejudice!). OUTRAGE foi um grupo democrático, voluntário, não hierarquizado, de ação direta, cuja subsistência era totalmente bancada por doações, que durou até 2011. Fonte: outrage.org.uk.

Figura 2 – Placa *OUTRAGE!* Highbury Fields, Londres. Inglaterra

Foto: Eduardo Lima, 2023

Quando em Paris, fotografei na rue Montorgueil a placa que homenageia o casal Jean Diot e Bruno Lenoir, que foram os últimos homens executados na França (1750), como punição pela homossexualidade. Estes são os dizeres da placa:

EM 04 DE JANEIRO DE 1750
NA RUE MONTORGUEILL
ENTRE A RUE SAINT-SAUVER E A ANTIGA RUE BEAUREPAIRE
FORAM PRESOS
BRUNO LENOIR e **JEAN DIOT**
CONDENADOS POR HOMOSSEXUALIDADE
ELES FORAM QUEIMADOS NA PLACE DE GRÈVE
EM 06 DE JULHO DE 1750
ESTA FOI A ÚLTIMA EXECUÇÃO
POR HOMOSSEXUALIDADE NA FRANÇA
[Tradução nossa]

Figura 3 – Inscrição em mármore, rue Montergueill, Paris, França

Foto: Eduardo Lima, 2023

As três placas acima parecem não fazer parte daquelas imagens simbólicas e seminais do movimento LGBTI+ que, por exemplo, retratam a revolta, em 1969, no bar Stonewall Inn, em Nova Iorque[4]. Todavia, são materialidades que nos incitam a refletir sobre a questão da memória LGBTI+ no Brasil e a quase ausência de marcos, como placas, memoriais e monumentos em homenagem às causas e às pessoas desse grupo em nosso país.

Nos três casos apontados acima, estamos lidando com materialidades fixadas no presente (ainda que retratem situações do passado), em espaços públicos da urbe, imbuídas de fortíssimo valor memorial: no aço da placa do Monumento aos Homossexuais, à margem de um dos principais canais de Amsterdã; no ferro da placa da Frente de Liberação Gay, fixada no edifício administrativo do Parque Highbury Fields, em Londres e no mármore da placa em homenagem a Bruno Lenoir e Jean Diot, assentada na calçada da rua Montergueill, em Paris, estamos falando de vidas, de direitos e de sonhos LGBTI+.

Quando me deparei com estas três placas, gatilhos imediatos de memórias, leituras e reflexões foram acionados. E a principal reflexão se apresentou: indivíduos como eu eram queimados em praça pública, na França, há menos de três séculos. Há menos de 80 anos, homossexuais eram perseguidos e enviados para os campos de concentração, na Alemanha. Na Inglaterra, faz 54 anos, a polícia coibia violentamente a manifestação pelos direitos civis dos gays.

As placas, os monumentos, os memoriais, os escritos, as fotografias, as músicas, as pinturas, os poemas, as peças teatrais, enfim, são inúmeros os registros que devem contar os sofrimentos, as lutas e as conquistas daqueles que ousaram buscar a felicidade, mesmo sabendo serem dissidentes. Neste trabalho, vamos nos debruçar sobre a memória LGBTI+, em especial, sobre aquela que se encontra nas cidades, exposta na forma de memoriais, monumentos ou placas celebrativas. O

[4] Renan Quinalha (2022) enfatiza que a revolta dos frequentadores do bar Stonewall Inn se tornou um marco internacional do movimento LGBTI+, tendo em vista a reação dos frequentadores em relação à truculência e à violência policial, na cosmopolita Nova Iorque de 1969. Naquela cidade, como nos conta o autor, desde a década de 1950 a população LGBTI+ vinha fortalecendo os sentimentos de liberdade sexual e de identidade gay. Foi neste cenário, de resistência e de luta, nas ruas de Nova Iorque, que os rostos e as posturas aguerridas das transexuais Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera tornaram-se símbolos do movimento LGBTI+, assim como as fotografias jornalísticas de policiais agredindo os usuários daquele bar.

intuito é demonstrar a importância destas materialidades para aquela comunidade e para a sociedade em geral, traçando, entre observações, imagens e teorias, um panorama de ausências, disputas e esquecimentos da memória LGBTI+ nas cidades brasileiras.

Foi confrontando exemplos como os citados acima com os autores que exploram as temáticas sobre memória, movimentos sociais e o direito à cidade e ao me deparar com os propósitos do projeto "Contramemórias na Cidade"[5], que me dei conta que eu não conhecia iniciativas como as apontadas acima, no Brasil. Assim, dei início a um processo de pesquisa aprofundando alguns questionamentos que considerei necessários: quem são as pessoas que constituem o grupo LGBTI+? Como este grupo foi se constituindo enquanto movimento social? Qual a memória já constituída por este grupo e onde se encontram eventuais monumentos edificados em razão deste grupo? Como a comunidade LGBTI+ usufrui dos espaços públicos na cidade?

Mobilizado por essas perguntas iniciais, comecei a produzir um levantamento sobre os monumentos e memoriais dedicados às pessoas LGBTI+ e às causas que mobilizam esta coletividade tão diversa. Em regra, monumentos, em memória de pessoas de sexualidade e gêneros dissidentes, no espaço público das cidades brasileiras, quase não são encontrados. Quando existem, não ocupam o mesmo lugar de destaque destinado a estátuas de colonizadores, cis e heterossexuais e têm sua materialidade constantemente ameaçada.

Como afirmam Wichers e Boita (2020):

> ... o patrimônio cultural LGBT é negligenciado pelas políticas públicas e pelos governos federal, estadual e municipal, reforçando o preconceito e a violência. Essa negação do direito à memória, à cultura e ao patrimônio soma-se a tantas outras como cidadania, segurança, saúde e educação (Wichers; Boita, 2020, p.152)

[5] Projeto de Pesquisa desenvolvido por Lilian Alves Gomes, doutora em Antropologia Social, professora e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro IUPERJ/UCAM, no qual, dentre outras abordagens, pesquisa-se as intervenções sobre monumentos construídos em homenagem a personagens genocidas, a construção de memoriais que remetem a passados traumáticos, a elaboração de antimonumentos, ações de contramemória, toponímia crítica e a releitura/reconfiguração de exposições e acervos por agentes historicamente retratados de forma estereotipada.

Nessa direção, acredito que os monumentos, mais que meros enfeites, podem ser vistos como agentes que dizem respeito aos anseios das pessoas LGBTI+, possibilitando a revisita de nossos momentos de dor e de luta, além da busca por uma sociedade mais equânime.

A produção de formas de presença da memória LGBTI+ rompe com a calada aceitação de parâmetros estritamente cisheteronormativos que moldam nossa sociedade e, inevitavelmente, a própria urbe. Nessa perspectiva, mais do que reiterar ausências, trata-se de refletir sobre materialidades, atores políticos e gestos criativos. É sobre a vontade de tirar nossas histórias das margens e das sombras e encher de orgulho existências não abraçadas pelo heterocentrismo que nos propomos a discutir a importância de monumentos LGBTI+, numa cidade para todos.

Entendemos a própria elaboração da pesquisa como uma forma de produção da memória. Destacamos que a reflexão sobre memória é relevante para o estudo do ativismo LGBTI+, possibilitando discussões em torno da intercessão memória, ação política e transformação da sociedade.

A pesquisa foi realizada por meio de abordagem qualitativa. Desde o início da investigação comecei a produzir um levantamento sobre monumentos e memoriais LGBTI+, que pode ser encontrado no anexo deste trabalho. Dentro do mosaico de homenagens apresentadas no levantamento em questão, avaliamos que seria interessante uma reflexão mais aprofundada sobre os seguintes monumentos: lápide em homenagem ao Índio Tibira (localizada em São Luís do Maranhão), monumento-instalação Meu Coração Bate Como o Seu (São Paulo -SP) e o nicho memorial em homenagem ao ator Paulo Gustavo (Niterói – Rio de Janeiro). Exemplos visitados pelo pesquisador ou abordados pela bibliografia, materiais de mídia e produzidos por iniciativas de memória LGBTI+ (cartografias, folders, coletâneas etc.) dentro e fora do Brasil, foram mobilizados à medida que pudessem dialogar com os casos analisados.

Realizei visitas aos locais onde se situam os monumentos que serão tematizados no trabalho, o que possibilitou a produção de notas registradas em diário de campo e de um acervo iconográfico. No texto de qualificação, propus a realização de entrevistas em profundidade com os idealizadores dos monumentos, todavia me deparei com dificuldades para contato e agendamento de entrevistas com aqueles que moram em outros Estados do país. Simultaneamente, participei de eventos

promovidos pelo Grupo Pela Vidda, no Rio de Janeiro. Em Niterói (RJ) realizei trabalho de campo no Campo de São Bento, onde se localizam as esculturas em homenagem a Paulo Gustavo, fiz entrevistas semiestruturadas com visitantes e trabalhadores do local e uma entrevista em profundidade com Jo Grassini, artista plástica que deu forma à homenagem ao ator Paulo Gustavo.

Esse conjunto de informações foi submetido ao crivo da literatura da teoria social que dialoga com as temáticas da memória (coletiva/social, locais de memória, memórias sensíveis, memórias subterrâneas etc.) em articulação com a reflexão sobre ativismo e movimentos sociais relacionados às temáticas LGBTI+ e o direito à cidade.

A maior parte das impressões e informações elaboradas nesta dissertação foram obtidas *in loco*, vendo e vivenciando relações sociais travadas em torno dos possíveis sítios de memória LGBTI+. A proposta em tela, desenvolvida por um homossexual cis branco, articula inquietações de pesquisa entrelaçadas ao relato/testemunho de uma pessoa com vivência de diferentes formas de homofobia. Em minha trajetória, observo a facilidade com que os integrantes do acrônimo LGBTI+ e suas memórias são "convidados" ou "sugestionados" a se retirarem da centralidade da urbe. A resistência ao preconceito também é parte do trabalho de outros pesquisadores aqui referenciados, tais como Areda (2017), Boita (2020), Bortolozzi (2017), Caetano (2018), Green (1999), Quinalha (2022), Nascimento (2018), Neto (2023), Vieira (2023) e tantos outros.

Essa dissertação foi estruturada em cinco capítulos centrais, além da introdução, das considerações finais e do anexo.

No segundo capítulo, intitulado "**Discussões sobre a Nomeação LGBTI+ e a Constituição deste Grupo**"**,** abordo o debate em torno do acrônimo LGBTI+ e algumas de suas variações. Para tanto, diálogo com autores que refletiram sobre o ativismo LGBTI+ e movimentos sociais, teoria *queer* e sociologia do estigma. Evidencio que a expansão da sequência de letras daquela sigla é uma resposta às necessidades de inclusão e visibilidade dentro do movimento, refletindo a complexidade e a diversidade das experiências de corpos dissidentes. Por meio das experiências vivenciadas dentro do Grupo Pela Vidda, descrevo as articulações desta ONG no sentido de atender às demandas da comunidade LGBTI+. Abordo a gênese

do movimento LGBTI+ no Brasil, apontando ações do Grupo Gay Bahia e iniciativas do Museu de Ocupação e de Narrativas do Arouche (MONA LGBTQIA+), e indico dados sobre as Paradas do Orgulho Gay em São Paulo e estatísticas sobre a violência contra os corpos LGBTI+ no Brasil.

No terceiro capítulo, "**Memória LGBTI+ e Direito à Cidade**", inicialmente, aponto referências teórico-conceituais para o entendimento da memória como um problema sociológico. Apresento conceitos como de lugar de memória (Pierre Nora), memória coletiva (Maurice Halbwachs), adentro as concepções de representações e imaginários apresentadas por Myrian Sepúlveda, não descuidando das proposições sobre violência e apagamentos contra grupos minoritários propostos por Eliana Lacombe e Márcio Seligmann-Silva. Enfatizo a importância do ativismo da memória (Yifat Gutman e Jenny Wüstenberg) e do *hacer memoria* (Vivian Urquidi, Ana Carolina Moura Almeida e Graziela Tavares de Souza Reis), como instrumentos de manutenção da vitalidade da memória LGBTI+ nas cidades. Exemplifico este ativismo através do Rolê Memórias e Resistência LGBTQIAP+ (Rio de Janeiro), das iniciativas do Museu de Ocupação e de Narrativas do Arouche LGBTQIAP+ (São Paulo) e através das informações quanto a concretização do Museu do Movimento LGBTI+ (MuMo LGBTI+), no Rio de Janeiro. Discorro sobre a trajetória conceitual de "direito à cidade", cunhado por Henri Lefebvre. Apresento ponderações de Richard Sennet, Joice Berth e David Harvey quanto a urbe e o direito de participação e do gozo de todos em relação à mesma. Aproveitei o arcabouço teórico daqueles autores para sustentar a importância da inserção dos corpos dissidentes na dinâmica da cidade. As pesquisas de Adriana Galuppo (2019), "Cidade Queer, uma autobiografia plural" e de Carolina Nogueira (2021), "Diversidade Carnavalizada, Experiência e Luta LGBT+ na e pela Cidade", são apresentadas para enfatizar a necessidade e a importância da integração, da visibilidade e da inserção da população LGBTI+ na cidade.

No quarto capítulo, intitulado "**Marcos LGBTI+: Monumentos, Memoriais e Placas**", procuramos ampliar nossa análise sobre monumentos e memoriais LGBTI+ propriamente ditos. Partimos das conceituações convencionais de Françoise Choay e de Zilá Bernd para adentrarmos nas dinâmicas e nada pacíficas acepções de Lillian Ramos Collado, que entende o monumento como um objeto socialmente complexo e Michel Pollak, que discorre sobre o viés socialmente problemático dos monumentos.

Em seguida, a fim de ressaltar o caráter disputado da memória LGBTI+, apresento dois casos de marcos expostos pelo Circuito Carioca de Diversidade, no Rio de Janeiro, que foram objeto de apagamento (a minúscula placa em homenagem ao jornalista e escritor homossexual João do Rio, no Largo da Carioca) ou de destruição (duas placas em homenagem a urbanista lésbica Lota de Macedo Soares). Aprofundo o questionamento quanto a quase ausência da monumentalidade LGBTI+ no território nacional. Apresento uma classificação elucidativa das materialidades erigidas em benefício deste grupo específico: a) monumentos edificados para celebrar a causa e as lutas da comunidade LGBTI+; b) monumentos concebidos para homenagear os componentes da comunidade LGBTI+, perseguidos e executados durante a Segunda Guerra Mundial; c) monumentos ou memoriais erigidos *in memorian* às inúmeras vítimas do HIV; d) estátuas ou memoriais edificados para reverenciar celebridades e personalidades LGBTI+. Dentro do panorama memorial e monumental LGBTI+ nacional, investigamos alguns dos monumentos relacionados às pautas LGBTI+: Monumento-lápide ao Índio Tibira (São Luís – MA), Instalação-monumento Meu Coração Bate Como o Seu (São Paulo – SP) e a Estátua e a placa em homenagem a Marielle Franco (Rio de Janeiro – RJ), sempre com a perspectiva de encontrar materialidades que reflitam discursos, símbolos, imagens e mensagens atinentes ao grupo LGBTI+.

No quinto capítulo, nomeado "**Homenagens ao ator Paulo Gustavo**", investigo se as estátuas em homenagem ao ator Paulo Gustavo (1978 -2021) e a sua principal personagem (Dona Hermínia), situadas no Campo de São Bento, Niterói (RJ), são entendidas como formas de presença da memória LGBTI+ no espaço público. Destaco que o ator homenageado viveu sua homossexualidade abertamente e se tornou uma figura pública de grande sucesso. Tivemos a intenção de depurar se uma ambiência memorial LGBTI+, tal qual aquelas que vivenciamos no *Homomonument* (Amsterdã) ou no Memorial a Alan Turing (Manchester), exemplos de ativismo memorial, estaria se concretizando no sítio escultural localizado em Niterói. A partir de visitas ao Campo de São Bento, parque público, central na cidade de Niterói e da aplicação de entrevistas semiestruturadas a visitantes e funcionários daquele parque público e entrevista direta com a escultora das estátuas analisadas, Jo Grassini,

obtivemos várias impressões e chegamos a algumas conclusões, no que diz respeito à memória LGBTI+ naquele local específico.

Finalmente, em minhas considerações finais faço um balanço sobre as informações produzidas durante esta pesquisa e enfatizo a importância e a necessidade de consolidação de uma cultura memorial LGBTI+ no Brasil.

Em anexo a esta pesquisa elaborei uma lista intitulada "**Alguns Marcos de Memória Monumental LGBTI+ pelo Mundo",** indicando 32 marcos de memória LGBTI+. Infelizmente, a maior parte daqueles marcos encontram-se no exterior, informação que, por si só, sinaliza para a relevância desta pesquisa.

Esclareço que as placas, os monumentos e os memoriais LGBTI+ do exterior, apontados nesta pesquisa, em sua maioria, foram visitados e vivenciados pelo pesquisador, como é o caso das placas indicadas neste capítulo introdutório. Preferimos abordar principalmente os monumentos visitados, sempre privilegiando as impressões obtidas nestes lugares de memória. Sabemos da existência de outros tantos monumentos em outros países, como Uruguai, Espanha, Canadá e Estados Unidos da América. Não desprezamos tais monumentos, porém não tivemos a chance de visitá-los. Alguns destes monumentos LGBTI+, situados no exterior, foram citados no capítulo 4 desta pesquisa, outros, relacionados no anexo desta pesquisa.

2 DISCUSSÕES SOBRE A NOMEAÇÃO LGBTI+ E A CONSTITUIÇÃO DESTE GRUPO

2.1 LGBTI+, COMO NOS DEFINIMOS?

Figura 4 – “Na Lona” (registros carnavalescos), fotografia de Rogério Reis, exposição “Onde está o sujeito? Centro Cultural Justiça Federal, Rio de Janeiro, 2022

A fotografia de Rogério Reis foi escolhida pelo mestrando como imagem inicial deste capítulo porque traz em si um aparente conflito: homem portando roupas femininas. Suponho que o fotógrafo Rogério Reis tenha colocado muitos visitantes de sua exposição (Onde está o sujeito?) perante uma pergunta essencial em nossas vidas: quem é você? O sujeito nesta fotografia é aquele que se coloca em posição de observação? Aquele que curiosamente observa? Não será o sujeito, aquele que, ausente na fotografia, faz-se presente ao refletir sobre a fotografia? O sujeito da fotografia não seria aquele que, com sua perícia profissional, cria um imaginário do indivíduo fotografado?

Muito mais do que a imagem de uma fotografia, um sujeito é uma possibilidade de vida. Existem muitas possibilidades de vida e muitos modos de se viver. Não temos a intenção de tentar decifrar cada uma das letras (LGBTI+) que constituem as chamadas “sexualidades desviantes”, intentamos naturalizá-las e visibilizá-las. Com esta pesquisa almejamos, demonstrar como locais e marcos memoriais LGBTI+ podem servir como parâmetros para uma sociedade mais equânime. Não existe apenas uma via da qual uma pessoa se “desvia”. Existem várias vias nas quais as pessoas se reconhecem e partilham sentimentos comuns. Não acredito em sujeitos “anormais”, acredito em olhares limitados, incapazes de compreender as diversas possibilidades dos sujeitos na sociedade.

Ao observar a fotografia de Rogério Reis me recordei que, ao ler a obra “Além do Carnaval – A homossexualidade masculina no Brasil do século XX”, de James N. Green (1999), fui destacando das páginas algumas das formas pelas quais os homossexuais eram chamados: pederastas, uranistas, sodomitas, causadores de escândalos públicos, invertidos, degenerados, aberrações sexuais, libertinos, janotas, efeminados, michês, bagaxas, pintosos, afetados, depravados, anormais, frescos, bichas, viados, desviados. O autor destaca a dinâmica de passeios, paqueras e encontros nos pontos urbanos de sociabilidade homossexual das grandes cidades no século passado, como o Vale do Anhangabaú na cidade de São Paulo e a Praça Tiradentes no Rio de Janeiro, além de analisar alguns de seus personagens homossexuais mais célebres e frequentes, como João do Rio e Madame Satã, no caso da cidade do Rio de Janeiro. Fora das páginas de Green, recordei-me de algumas formas mais recentes: “maricas”, “baitola”, boiola”, “entendido”, “bambi”. Impressiona saber que são tantas as formas pejorativas e ofensivas de se referir aos homossexuais. Na obra de Green (1999), os homossexuais, a depender da época do século XX, são os praticantes do amor sáfico e socrático, praticantes de atos nefandos, de atos hedonistas, de prazeres lúbricos, portadores de comportamento licenciosos. Designações que foram sendo criadas e recriadas conforme as transformações sociais.

Hoje, as palavras gay e homossexual, num contexto de convivência social pacífica, são encaradas com mais naturalidade. Todavia, os gays representam apenas a segunda letra do acrônimo LGBTI+, que designa lésbicas, gays, bissexuais,

transgêneros e demais gêneros e orientações. Como é sabido, outras combinações de letras, como GLS, já foram utilizadas. As variações da sigla são reveladoras do caráter processual de identidades coletivas.

Estes corpos dissidentes, que ousam desafiar a cisheteronormatividade constituem a diversa comunidade LGBTI+. São corpos com desejos próprios, não coincidentes com a heterossexualidade, muitas vezes propalada como a única forma considerada normal de se vivenciar a sexualidade.

Sílvia Aguião (2016) em seu artigo “Não somos um simples conjunto de letrinhas”: disputas internas e (re)arranjos da política “LGBT” nos ensina que esta sigla abrange uma coletividade imaginada:

> ...produto e produtora de diversos feixes de relações sociais que perpassam políticas de governo, movimentos sociais, a produção acadêmico científica sobre o tema e os seus idiomas específicos como, por exemplo, o dos direitos humanos [...] penso a aproximação com as “comunidades imaginadas” do autor (Benedict Anderson) em relação a três aspectos: i) a “criação imaginativa” de um nós comum; ii) no sentido de que essa imaginação não se opõe uma comunidade “verdadeira” e; iii) no sentido de que ao ser imaginada, inicia-se um processo de produção de fronteiras, limites e adaptações de significados que virão a conformar a aparência natural dessa imaginação. (Aguião, 2016, p. 282)

Aguião (2016) nos fala de uma criação (mítica) da comunidade dos iguais onde orientação sexual e identidade de gênero não são os únicos marcadores, tendo em vista um contínuo processo social onde se dá a defesa dos direitos civis das minorias, numa constante crescente de criação de sujeitos nos Estados.

Fazendo alusão à expressão “sopa de letrinhas”, presente na obra de Regina Facchini (2005), Sílvia Aguião enfatiza:

> ...os embates internos à “sopa de letrinhas” descortinam disputas por legitimidade, retóricas e estratégias políticas de visibilidade e reivindicação e evidenciam a potência contida na instabilidade dessa unidade, uma vez que é justamente essa suposta fragilidade que vem fazendo com que o campo se movimente não só para fora, mas também internamente [...] Compreender o processo de reconhecimento de sujeitos LGBT, como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo envolve acompanhar um conjunto de relações que se desenvolvem em diferentes planos [...] Sustentar ou manter o processo de reconhecimento pelo Estado requer manter o equilíbrio das tensões que ocorrem nas fímbrias dessa trama de relações . As contradições e instabilidades mencionadas, por sua vez, devem ser pensadas como inerentes a tal formação política. O que torna “sujeitos LGBT” possíveis

> enquanto uma “população” administrada é conseguirem produzir-se como fazendo sentido no interior de uma determinada “morfologia de Estado”. Enquanto uma população “imaginável”, modelável e adaptável dentro de uma certa gramática, cujas regras e limites são mais ou menos elásticos. (Aguião, 2017, p.305).

As questões envolvendo as diversas designações sexuais relacionam-se com sexualidade e gênero. Judith Butler (2019), através da teoria da performatividade de gênero, busca entender a formação de gênero e sustenta a ideia de que a expressão de gênero é um direito e uma liberdade fundamentais.

O sexo biológico não tem que determinar nossos papéis sociais. A família heterossexual não é a única forma de conjugalidade em sociedade. As nossas práticas constituem a nossa realidade.

Na teoria *Queer*, gênero não é uma simples construção social. O gênero se faz enquanto é feito. Não é o pênis, tampouco a vagina, o elemento definidor do gênero. O gênero não pode ser fundado por um ato discursivo do médico. Nasceu com pênis, logo menino. Nasceu com vagina, logo menina. O ato médico não deveria poder criar uma realidade de gênero para os corpos

Para Butler, a própria categoria identitária “mulher” não tem coerência. Ao questionar quais seriam as demandas das mulheres, a autora afirma que as políticas de representação feminina se fundam na normatividade heterossexual, na qual predomina a subalternidade da mulher em relação ao homem. Em sua obra “Problemas de Gênero”, a filósofa sustenta que Foucault, em “História da Sexualidade I”, ao referir-se ao construto unívoco do “sexo” (a pessoa é de um sexo e, portanto, não é de outro) acaba estabelecendo os seguintes pontos:

> ... (a) produzido a serviço de regulação e do controle sociais da sexualidade; (b) oculta e unifica artificialmente uma variedade de funções sexuais distintas e não relacionadas; e (c) então aparece no discurso como causa, como essência interior que tanto produz, como torna inteligível, todo tipo de sensação, prazer e desejo, como específicos de um sexo. Em outras palavras, do ponto de vista causal, os prazeres corporais não são meramente redutíveis a essa essência aparentemente específica do sexo, mas se tornam prontamente interpretáveis como manifestações ou signos desse “sexo”. (Butler, 2019, p.166).

Judith Butler (2019) nos incita a pensar na precariedade da democracia através da performatividade, pois performativos são os efeitos dos atos de fala, ou de gênero,

que criam uma realidade. A criança nasce e é o médico que estabelece que é um menino. Portanto, até aqui, o gênero tem sido fundado num ato discursivo médico.

A teoria *Queer*, a partir da crítica à heteronormatividade, às políticas de representação e de identidade, fornece instrumentos epistemológicos para práticas discursivas de poder diferenciadas. Tal teoria concebe que o sexo-política é uma forma de ação biopolítica no capitalismo contemporâneo, no qual a lógica dos opostos complementares prevalece e a reprodução é quase que exclusivamente heterossexual. Neste contexto, a heteronormatividade serve de aparato de verificação da normalidade heterossexual. Assim, a heterossexualidade não é o nome de um desejo ou uma prática sexual, mas um regime político no qual a produção humana é organizada de tal modo a considerar desviante e dissidente aquele, ou aquela, que não atua em conformidade com os "ditames" da heterossexualidade. Leandro Colling (2016), em sua obra "Dissidências Sexuais e de Gênero", questiona vivências, expressões artísticas e ativismos no intuito de evidenciar epistemologias estranhas e provocadoras. O autor dedica-se aos estudos *queer* no Brasil e referindo-se à sua obra, escreveu:

> O livro assim como o Seminário Internacional Desfazendo Gênero, aposta nas perspectivas que, de uma forma ou de outra, criticam as normatizações, normalizações, naturalizações e binarismos sobre as sexualidades e os gêneros. Além disso, tem a pretensão de problematizar e recriar de forma permanente a produção de conhecimento em nossa área, de modo a compreender que a produção científica também é política, de entender que o ativismo também produz conhecimentos e de que toda essa produção precisa estar à serviço de políticas para que as pessoas respeitem, reconheçam e aprendam com as múltiplas sexualidades e gêneros existentes em nossas sociedades. (Colling, 2016, p.10).

Sujeitos LGBTI+, para algumas pessoas, são corpos anormais, abjetos, ininteligíveis e irrelacionáveis. Acreditamos que são corpos que constroem um novo ideário de intelecção da norma. Corpos que desafiam o heterocentrismo. Nesta dissertação falamos sobre alguns destes corpos, sobre o direito que eles têm à memória, ao desejo e ao usufruto da cidade.

Anthony Giddens (1992), de forma bastante clara, escreveu:

> Hoje em dia a “sexualidade” tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós “tem”, ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a autoidentidade e as normas sociais. (Giddens, 1992, p.25)

Se a questão da sexualidade, com a grande onda conservadora que vivenciamos, dentro e fora do Brasil, tem sido apontada como uma questão que deveria ser vivenciada apenas em foro íntimo, objeto da subjetividade de cada um, incumbe-nos tentar, mediante instrumentos políticos e legais, buscar sempre suas dimensões de luta social e política.

A operação do imaginário LGBTI+ envolve, inconsciente e conscientemente, a eleição e a construção de imagens, músicas, ídolos, valores, ícones e textos. Certamente, temos a quem reverenciar, a quem valorar e a quem apontar como personagens históricos e políticos relevantes. A comunidade LGBTI+ tem um leque de memórias diversas a serem preservadas, catalogadas e reverenciadas.

Erving Goffman (1963), em sua obra “Estigma – Notas sobre a manipulação de identidades deterioradas*”,* aponta possíveis caminhos para um entendimento da sigla LGBTI+, levando-se em consideração a condição dos indivíduos estigmatizados: “No estudo sociológico das pessoas estigmatizadas, o interesse está geralmente voltado para o tipo de vida coletivo, quando esta existe, que levam aqueles que pertencem a uma categoria particular”. (Goffman, 1963, p. 30).

O próprio Goffman (1963), apresenta uma definição para uma possível categoria estigmatizada:

> O termo “categoria” é perfeitamente abstrato e pode ser aplicado a qualquer agregado, nesse caso a pessoas com um estigma particular. Grande parte daqueles que se incluem em determinada categoria de estigma podem-se referir à totalidade dos membros pelo termo “grupo” ou um equivalente, como “nós” ou “nossa gente”. Da mesma forma, os que estão fora da categoria podem designar os que estão dentro dela em termos grupais. (Goffman, 1963, p. 32).

No ano de 2023 esteve em cartaz no Rio de Janeiro a peça teatral Manifesto Transpofágico, escrita e interpretada pela atriz trans Renata Carvalho. Tratou-se de uma excelente oportunidade para um pouco de compreensão do que sente e como

age uma travesti. A atriz, após narrar e performar diversos estigmas de um corpo de travesti (corpo notado; corpo apontado; corpo público; corpo curioso; corpo hormonizado; corpo siliconado; corpo fetiche, corpo objeto, corpo abjeto; corpo pornô; corpo boneca; corpo carnavalesco; corpo midiático, corpo censurado; corpo patologizado; corpo inimigo; corpo folclorizado; corpo travesti) encerra o espetáculo nua entoando, como um mantra, as seguintes palavras: “Hoje eu resolvi me vestir com a minha própria pele, o meu Corpo Travesti, até que ele se humanize, se naturalize e acalme os olhos e os olhares cisgêneros.” (Carvalho, 2021, p. 43).

O grupo constituído por lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-bináries e demais identidades, lutam cotidianamente pela humanização dos corpos dissidentes e na direção contrária aos pressupostos de uma sociedade heterocentrada.

Anthony Giddens (2021) é cristalino quanto as incontestáveis transformações no que diz respeito a gênero e identidades: “Um truísmo sociológico é que a mudança social é um processo contínuo, não tem fim. Em nenhum outro contexto isso é mais visível do que na diversidade das identidades sexuais e de gênero” (Giddens, 2021, p. 243).

Vivemos tempos de sexualidades mais fluidas, mutáveis e instáveis. Os indivíduos não binários não se identificam com o masculino, nem com o feminino, situando-se entre estes dois polos. As pessoas que possuem corpos que não correspondem a autoidentidade que têm, querem transicionar, tornando-se homens trans ou mulheres trans.

A sexualidade não está relacionada apenas à reprodução biológica. Sexo e gênero precisam ser entendidos como uma construção social. Sexo e gênero precisam deixar de ser considerados no plano estritamente biológico, para serem entendidos como produzidos culturalmente, por homens e mulheres, em diferentes papéis.

O filósofo trans Paul B. Preciado (2019) contesta brilhantemente o heterocentrismo em nossa cultura, questionando as estruturas sociais estabelecidas, colocando em xeque o binarismo sexual prevalente em nossa sociedade e propondo uma existência plena fora das taxonomias de sexo. A visão de Preciado é ampla e

envolve mais do que a questão estritamente sexual:

> Permitam-me dizer que a homossexualidade e a heterossexualidade não existem fora de uma taxonomia binária e hierárquica que busca preservar a dominação do pater-famílias sobre a reprodução da vida. A homossexualidade e a heterossexualidade não existem fora de uma epistemologia colonial e capitalista, que privilegia as práticas sexuais reprodutivas como uma estratégia de gestão da população, da reprodução da força de trabalho, mas também da reprodução da população consumidora. É o capital e não a vida que se reproduz. Estas categorias são o mapa imposto pelo poder, não o território da vida. Mas se homossexualidade e heterossexualidade, intersexualidade e transexualidade não existem, então quem somos nós? [...] Não sou um homem. Não sou uma mulher. Não sou heterossexual. Não sou homossexual. Tampouco sou bissexual. Sou um dissidente do sistema sexo-gênero. Sou a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário gritando diante de vocês. Sou um uranista confinado nos limites do capitalismo técnico científico. (Preciado, 2019, p. 27).

Existe uma ampla dificuldade em saber distinguir o significado de cada uma das letras do acrônimo LGBTI+. Como já aventamos, não é o escopo desta pesquisa aprofundar a definição de cada uma das designações nele incluídas. Todavia, destaco que, algumas interpretações e tentativas de elucidar conceitos, dentro e fora do grupo, têm sido feitas. Por exemplo, o poder Judiciário do Estado do Sergipe (TJSE, 2022) elaborou um manual cujo objetivo é de trazer informações sobre a linguagem inclusiva, a comunicação neutra da legislação e os atos normativos referentes à comunidade LGBTI+ (Respeitando Todas as Formas de Existir - Manual de Comunicação LGBTQIAPN+), que apresenta algumas definições:

> **Lésbicas** – É uma orientação sexual e diz respeito a mulheres (cisgênero ou transgênero) que se sentem atraídas afetiva e sexualmente por outras mulheres (também cis ou trans). **Gays** – É uma orientação sexual e se refere a homens (cisgênero ou transgênero) que se sentem atraídos por outros homens (também cis ou trans). **Bissexualidade** – Também é uma orientação sexual; bissexuais são pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente tanto com homens quanto com mulheres (inclusive homens e mulheres transgênero, que também podem ser bissexuais). **Transgênero**. Trans – Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Algumas pessoas trans recorrem a tratamentos médicos, que vão da terapia hormonal à cirurgia de redesignação sexual. São usadas as expressões homem trans e mulher trans. **Travesti** – A travesti é uma pessoa que não se identifica com o sexo biológico e se veste /se comporta como de outro sexo, de forma temporária ou permanente. Atualmente, a palavra travesti adquiriu um teor político de ressignificação de um termo historicamente tido como pejorativo. **Queer** – O termo em inglês, que pode ser traduzido como “estranho”, é usado para designar as pessoas que não se identificam como sendo

> 100% homem ou 100% mulher, mas se vêem como sendo de um terceiro gênero, fluido/andrógino, com características masculinas e femininas. A pessoa queer também não vê sua orientação sexual definida como hetero ou homossexual. **Intersexo -** A intersexualidade descreve as pessoas que podem nascer com genitais correspondentes a um sexo, mas ter o sistema reprodutivo e os hormônios do outro. Ou podem apresentar uma anatomia sexual que não é nem masculina nem feminina – o que leva alguns intersexos a fazer cirurgia de redesignação sexual. No passado, essas pessoas eram chamadas de hermafroditas. **Agênero** – Pessoa que não se identifica ou não se sente pertencente a nenhum gênero. **Pangênero** – Atração sexual ou romântica por qualquer sexo ou identidade de gênero. **Não-binárie** – Expressão utilizada para denominar aqueles seres humanos que não se classificam exclusivamente em nenhum dos gêneros binários – masculino ou feminino. O **+** é utilizado para incluir outros grupos que as letras não descrevem (TJSE, 2022, p. 10).

Entretanto, apesar da classificação do manual acima nos parecer bastante didática, na maioria dos textos com os quais nos deparamos, a letra “A” do acrônimo LGBTQI**A**PN+ refere-se a pessoas assexuadas, no sentido de que não apresentam, total ou parcialmente, interesse ou atração sexual por qualquer pessoa, independente do gênero.

Em 06 de julho de 2024, entrevistei Claudio Nascimento, Presidente do Grupo Arco-Íris de Cidadania LGBTI+ do Rio de Janeiro (GAI). Fundado em 21.05.1993, o GAI é uma ONG localizada na região central do Rio de Janeiro (Rua da Carioca), atuante por 31 anos ininterruptos. O GAI é responsável pela realização da Parada do Orgulho LGBTI+ na cidade do Rio de Janeiro (segunda maior do país), desde 1995 e possui projetos voltados para área de cidadania, de direitos humanos, de acesso à justiça, para a saúde, para a educação, para a cultura e para o trabalho, para a prevenção de DST/Aids e para a memória LGBTI+.

Ao iniciar a entrevista observei que Claudio Nascimento preferia utilizar o acrônimo LGBTI+**,** perscrutei quanto a esse entendimento. De acordo com o presidente do GAI as categorias queer, assexuados, pansexuais e não binárie inexistiam como categorias no início do movimento LGBTI+ e não há uma clara reivindicação dessas categorias, no sentido de que sejam incluídas no acrônimo LGBTI+. Eu contra-argumentei no sentido de que a inclusão importava numa extensão das demandas do grupo inicial para que outros corpos dissidentes possuíssem visibilidade e voz política. Considero importante ressaltar este ponto, porque os entendimentos de quem somos (apresentados pelo Presidente do GAI e pelo

pesquisador), agregam valores para o movimento e para a memória LGBTI+.

Em folder elaborado pelo Observatório de Políticas Públicas LGBTI – Rio de Janeiro, produzido pela Aliança Nacional LGBTI, em parceria com o Grupo Arco Íris, uma linha do tempo aponta o mês de maio de 2008, quando houve a Primeira Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, como o ponto de mudança da nomenclatura GLBT para LGBT, tendo em vista a necessidade de se conferir maior visibilidade à pauta lésbica. Esta informação é pertinente para enfatizar a existência de uma linha cronológica de desenvolvimento das nomenclaturas e das agendas da comunidade LGBTI+.

A sigla LGBTI+ tem sido construída pelos movimentos sociais e pela comunidade científica. Seu desenvolvimento seguiu um itinerário de conquistas e visibilidades que resumo da seguinte forma: GLS, GLBT, LGBT, LGBTI+, LGBTQIA, LGBTQIA+, LGBTQIAP+, LGBTQIAPN+, LGBTQIAPD[6]+, LGBTHQIAPDN+, etc.

Abaixo, apresentamos a imagem do perfil de Instagram do Coletivo Arouchianos LGBTHQIAPD+, que bem demonstra a plasticidade da "*sopa de letrinhas*" mencionada no início deste capítulo. A imagem também ilustra um potente modo de operação do ativismo LGBTI+ na atualidade: o ativismo cibernético.

Figura 5 – Imagem com informações sobre o Coletivo Arouchianos LGBTHQIAPD+, extraída do Instagram: #arouchianos. Disponível em: 26.08.2024

[6] A letra **D**, no acrônimo LGPBTQIAPD+ significa demissexuais. De acordo com ANDREWS (2024), no *Livro da História LGBTQIAPN+*, demissexuais são pessoas que somente experimentam atração sexual, depois que é formado um vínculo emocional.

Quando decupamos a imagem acima, somos apresentados a um verdadeiro leque de informações que se relacionam com esta pesquisa. Vejamos algumas, de forma muito resumida:

1. Nomenclatura: Coletivo Arouchianos LGBTHQIAPD+.
2. Sujeitos envolvidos: LGBTHQIAPDN+.
3. Natureza jurídica: Organização Não Governamental (ONG).
4. Prestação de serviço: utilizar doações para comprar cestas básicas para LGBTHQIAPDN+ em crise alimentar (doações através de pix: contato@arouchianos.com.br)
5. Indicação para outras mídias do coletivo, através do link www.arouchianos.com.br
6. Rede de conexões e possíveis formas de potencialização de políticas, cultura e memória LGBTHQIAPDN+: 257 publicações; 4.422 seguidores; seguindo 26 perfis, relacionados a temática LGBTHQIAPDN+.

Mais adiante conheceremos uma iniciativa de promoção da memória promovida pelo Coletivo Arouchianos LGBTHQIAPD+. Por ora, cumpre sinalizar que a expansão contínua da sigla LGBTI+ pode ser entendida no bojo de um amplo leque de fenômenos sociológicos. Tais fenômenos refletem a configuração de identidades e das demandas sociais ao longo do tempo. A expansão em questão está relacionada à produção de identidades coletivas e à luta por reconhecimento e direitos dentro do movimento LGBTI+. Na sigla, cada nova letra adicionada é uma tentativa de incluir grupos que anteriormente eram marginalizados ou invisibilizados, como pessoas intersexuais, assexuais e não-binárias. O reconhecimento de particularidades evidencia que o conjunto de pessoas ao qual se referem as letras não diz respeito a uma coletividade homogênea.

Por isso, poderíamos ainda abordar o que Silva e Sanabria (2023) conceituam como “(des)identidades”, ou seja, identificações sexuais "não normativas”. Essas identificações, tais como - “bicha boy”, “do vale” e “puto” - vão além das identidades já consolidadas, tanto heteronormativas quanto outras não normativas que se tornaram tradicionais. Como destacam os autores, a diversidade sexual contemporânea, especialmente no contexto brasileiro, não precisa ser encerrada em

siglas ou acrônimos.

2.2 MOVIMENTO LGBTI+: COMO NOS CONSTITUÍMOS?

Na aclamada peça teatral “A herança”, a personagem representada pelo escritor Edward Morgan Forster relata a um jovem gay de Nova Iorque:

> Tantos de nós nunca tivemos um exemplo saudável do que significa ser um homossexual [...]. Nós não tivemos a oportunidade de encontrar ensinamento como este em nossa cultura, então tivemos que encontrá-lo uns com os outros. Não tivemos? Clandestinamente, temerosamente. Às vezes, com alegria. Nossa educação aconteceu nos parques, nos banheiros públicos, nas dunas [...]. Tudo era perigoso, proibido, furtivo e maravilhoso. No curso desta jornada ferimos uns aos outros. Às vezes, causamos muita dor. (Lopez, 2018, p. 219 [tradução nossa]).

Esta peça teatral traz à tona as mazelas da comunidade gay norte-americana, no período pós-pandêmico da Aids, apresentando várias situações reais sobre a existência dos indivíduos LGBTI+, dentre elas a questão da permanente resistência contra os apagamentos impostos pela sociedade heteronormativa, os traumas decorrentes de preconceitos e, no contexto da dramaturgia de Matthew Lopez (2018), o abandono dos gays, à própria sorte, logo após o descobrimento do vírus da Aids, nas décadas de 1980 e 1990.

É a ausência de referenciais e marcos mnemônicos que possam iluminar e manter vivas as histórias das sexualidades dissidentes, bem como a necessidade de realçar a importância das memórias LGBTI+ no curso da história e nas cidades, que nos levou a aprofundar nossa pesquisa sobre as ausências monumentais LGBTI+ no espaço público brasileiro. Todavia, para chegarmos até este ponto, o movimento LGBTI+ teve que ser bastante atuante. É o que intentamos descrever neste tópico, por meio de uma narrativa, dentre as possíveis, do movimento que hoje pode ser abordado como LGBTI+. Inicio a narrativa do movimento LGBTI+ de dentro para fora, a partir de uma breve, mas grata vivência dentro do Grupo Pela Vidda - Valorização, Integração e Dignidade do Doente de Aids, no Rio de Janeiro. Em seguida, traço um breve itinerário do movimento LGBTI+ dentro do país e a importância do ativismo na consecução de melhorias para os componentes deste grupo.

O Grupo Pela Vidda do Rio de Janeiro (GPV-RJ) foi fundado em 24 de maio de 1989, pelo escritor, sociólogo e ativista dos direitos homossexuais Herbert Daniel, que

também foi militante do Partido dos Trabalhadores e fundador do Partido Verde. A primeira sede do Grupo Pela Vidda foi na rua Lopes Quintas, no Jardim Botânico, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, a sede está localizada na avenida Rio Branco, centro da cidade. Considero importante demonstrar este deslocamento da sede de uma área tipicamente de classe média-alta para uma região central da cidade, pois para esta localização aflui, com mais facilidade, moradores de todas as regiões da cidade, o que dialoga bastante com o desejo do pesquisador de demonstrar a importância da memória LGBTI+ e o pleno aproveitamento da cidade por parte daquela comunidade, para que todos tenham acesso e desfruem dos espaços citadinos em condições isonômicas. No encarte comemorativo dos 30 anos de existência do Grupo Pela Vidda (24.05.2019), disponível na secretaria daquela ONG, tive acesso a seguinte carta principiológica do grupo:

> *CARTA DE PRINCÍPIOS*
>
> *Os Grupos Pela Vidda – Pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de AIDS – são organizações não governamentais, instituições privadas, de fins públicos, sem fins lucrativos, que realizam ações baseadas no trabalho voluntário, fundamentadas na solidariedade.*
>
> *Somos formados por pessoas vivendo com Aids, independente da condição sorológica, sexo, orientação político-partidária, sexual ou religiosa. Garantimos participação de todas as pessoas em torno de um esforço coletivo que busca mostrar que a luta contra a epidemia é um compromisso de toda a humanidade.*
>
> *Acreditamos na importância de nossa participação nas lutas gerais de todo o povo brasileiro por uma política pública que garanta o exercício pleno da cidadania. Também é nosso princípio a luta constante contra toda e qualquer discriminação e/ou preconceito contra as pessoas com Aids, seus familiares, amigos e companheiros.*
>
> *Buscamos criar, sempre que possível formas de orientação e assessoria que garantam os direitos das pessoas com HIV e Aids.*
>
> *Combatemos firmemente a clandestinidade, embora preservemos a identidade destas pessoas, pois acreditamos que cada um tem seu tempo próprio para refletir sobre sua condição diante de si e da sociedade.*
>
> *Somos incondicionais em garantir voz política às pessoas vivendo com Aids. Para isso buscamos criar atividades que possibilitem a convivência entre todos.*
>
> *Sabemos que cada vez mais a Aids tem tratamento e certamente será vencida pela humanidade. É nosso princípio a luta pela garantia do acesso à informatização, a todos os medicamentos, exames, diagnósticos, assistência médico-hospitalar e pesquisas, em condições democráticas e*

> *independentes da condição financeira da pessoa vivendo com HIV e Aids.*
>
> *Todos temos o direito inalienável à vida. Exigimos uma existência digna antes da morte como qualquer ser humano deste planeta. Não queremos um mundo dividido entre doentes e sãos. Queremos o mundo integrado, pois o convívio com as diferenças pressupõe a valorização das especificidades de cada um.*
>
> *Nosso princípio e objetivo mínimo é fazer todos entoarem conosco a palavra de convocação: VIVA A VIDA!!!*

Em 29 de janeiro de 2023 fui convidado por um amigo para participar de um sarau na sede do Grupo Pela Vidda, tendo em vista as comemorações do dia da visibilidade trans e travesti. Considerei o convite muito oportuno porque havia muito tempo que não vivenciava o ativismo LGBTI+. Minhas últimas vivências dentro de um grupo de ativismo LGBTI+ havia se dado há décadas e eu precisava entender as novas dinâmicas e demandas. Dando início às comemorações, a presidente do GPV-RJ, a advogada trans Maria Eduarda Aguiar, recepcionou todos os integrantes do GPV-RJ e convidados saudando a memória de Herbert Daniel, enaltecendo todas as conquistas obtidas pelo grupo e convocando todos os presentes a serem partícipes do ativismo para pleno alcance dos direitos e liberdades da comunidade LGBTI+. Depois, em ambiente de total integração político-cultural, participantes leram suas poesias, houve apresentação de um *sketch* dramatúrgico abordando questões relacionadas a LGBTI+fobia, canto lírico e apresentação de um vídeo contando de forma abreviada a trajetória do GPV-RJ e seus personagens principais. Sem sombras de dúvidas, depois dos quatro fatídicos anos de governo de ultradireita no Brasil (2019-2022), este foi o evento de maior potência política em que estive presente. Dentro daquele ambiente, por aproximadamente três horas, presenciei de forma absolutamente coesa pessoas diversas entoarem em uníssono o coro da liberdade. As diferenças encontravam-se suspensas. Muito foi dito sobre a violência praticada contra esta comunidade e muitos nomes foram lembrados e citados: Herbert Daniel, Herbert de Souza, Marielle Franco, Cazuza, Renato Russo, Bell Hooks, Judith Butler. Tive certeza, naquele momento, que estava vivenciando um momento de elaboração de memórias LGBTI+. A absolutamente todos foi dada a possibilidade de fala e a liberdade de manifestação cultural. Foi nesta ocasião, encerradas as apresentações, que agendei entrevista com a presidente do GPV-RJ.

Figura 6 – Reunião do Dia Nacional da Visibilidade Trans e Travesti (28 de janeiro), obtida no Instagram do Grupo Pela Vidda[7]

No dia 20 de março de 2023, em entrevista *on-line*, com Maria Eduarda Aguiar, com intuito de dialogar sobre memória com alguém muito atuante dentro do movimento LGBTI+, fui presenteado com uma excelente exposição do que significa a presença de uma efetiva memória LGBTI+ na vida dessa comunidade. Quando indagada sobre a escassez de espaços memoriais e monumentos LGBTI+, públicos e com centralidade, na cidade do Rio de Janeiro, Maria Eduarda afirmou que efetivamente não existem tais espaços e que a existência de tais monumentos ou memoriais seriam de crucial importância para as pessoas LGBTI+. O espaço para cultivo de lembranças, homenagens, visibilidade e integração social das pessoas LGBTI+ é importantíssimo. Maria Eduarda se demonstrou preocupada com a ausência de conhecimento do(a)s jovens transexuais em relação às primeiras ativistas trans, como Brenda Lee[8] e Janaina Dutra[9]. A advogada deu grande ênfase à tentativa

[7] #pelaviddarj. Disponível em 26.08.2024.
[8] **Brenda Lee** (1948-1996): foi uma militante transexual dos direitos LGBTI+. Nascida em Pernambuco, Brenda foi para São Paulo aos quatorze anos. Em 1984, no auge do preconceito contra os portadores de AIDS, acolheu portadores de vírus HIV em sua casa, no Bixiga. A Casa de Apoio Brenda Lee, formalmente instituída em 1988, abrigava homossexuais e travestis, portadores de HIV rejeitados por familiares, prestando assistência médica, social, moral e material. Brenda Lee foi assassinada com dois tiros pelo motorista da Casa de Apoio Brenda Lee.
[9] **Janaína Dutra** (1940-2004): foi a primeira travesti advogada do Brasil. Nascida no Ceará, formou em Direito em 1986, foi ativista do movimento LGBTI+ e dos soropositivos. Uma das fundadoras do Grupo de Apoio Asa Branca (GRAB), marco fundador do movimento da livre orientação sexual e identidade de gênero no Ceará, bem como fundadora da Associação das Travestis do Ceará (ATRAC). No Governo Federal contribuiu na elaboração do programa *Brasil sem Homofobia* (2004), além de ter

de desumanização do movimento trans por parte de setores mais conservadores da sociedade que insistem em criar um pânico social ao levantar questões como a de que a educação inclusiva constitui ameaça à formação das crianças, ou de que o uso de banheiro feminino, ou masculino, por transexuais, constitui uma afronta à sociedade. Quando questionada sobre novos caminhos, Maria Eduarda, disse-nos que, dentro do Grupo Pela Vidda e em outros espaços e arenas defensivas do movimento LGBTI+, faz-se necessário uma formação interna de pessoas capacitadas para serem multiplicadoras de comportamentos e ações positivas para aquele universo. A possibilidade de uma construção estratégica é um dos caminhos para reversão do quadro calamitoso de LGBTI+cídios no Brasil. Direito, cidadania e *advocacy*[10] são apontados como ferramentas para esta fundamental mudança. Maria Eduarda também deu ênfase ao problema da marginalização da população trans, que acaba recorrendo à prostituição, como forma de sobrevivência.

Abaixo transcrevo trechos da entrevista de Maria Eduarda Aguiar com a jornalista Marina Vergueiro, na coluna Senta Aqui, em 31 de maio de 2022, na Agência de Notícias da Aids:

> Há três anos, a advogada trans foi ao Supremo Tribunal Federal (STF) para defender a criminalização da homofobia. Usou os parcos dez minutos que foram reservados à sua fala para listar e descrever crimes contra a população LGBTI. "Contei a história da Quelly, travesti que teve o coração arrancado. Lembrei da Jéssica, de São Gonçalo, que teve 80% do corpo queimado num ataque transfóbico. Falei de Dandara dos Santos, a travesti do Ceará que foi espancada até a morte e do Carlinhos, homem trans de São Gonçalo, que apanhou até morrer para, entre aspas, aprender a ser homem. Eu tinha dez minutos para mostrar aos ministros que somos vítimas de crime de ódio brutal todos os dias." Maria Eduarda contou [...] que fez sua transição em 2015. "Foi aí que começou a ingressar no universo LGBT, no universo das mulheres trans, quando somos pessoas LGBT muitas vezes nos sentimos sozinhas, e quando a gente consegue se libertar das opressões, nos agrupamos para sobreviver. Comecei a entender a questão da vulnerabilidade trans quando assumi minha identidade de gênero", descreveu. Ela conta que a partir desse momento percebeu a falta de políticas públicas. "Resolvi me unir, agregar inicialmente para tentar ajudar no campo do direito, até que conheci o Grupo Pela Vidda. Foi nesta ONG que consegui espaço para militar. Entrei para o departamento jurídico do grupo e isso me ajudou bastante, comecei a

participado diretamente na formulação da primeira campanha de prevenção a AIDS, destinada especificamente às travestis.

[10] De forma geral podemos dizer que *advocacy* é uma estratégia para influenciar políticas públicas. Todavia, esta conceituação tem variado muito na medida em que variados atores sociais se envolvem nos debates políticos para influir em agendas políticas. Conhecimento técnico do contexto temático, entendimento político e capacitação para traçar estratégias, são alguns dos requisitos essenciais da *advocacy*.

> ter contato não só com a militância LGBT, mas com a militância do HIV/aids", contou [...] "a nossa luta é pela dignidade de pessoas em situação de vulnerabilidade social, em relação aos benefícios previdenciários, porque a gente sabe que muitas vezes as pessoas sofrem estigmas e discriminações" [...] "Por exemplo, em 2018, foi um ano que teve desaposentacão em massa. A gestão Temer editou uma lei que mandava revisar todas as aposentadorias por invalidez, mas sem critério nenhum. Os peritos recebiam bônus por cada perícia realizada, ou seja, desaposentaram pessoas. Um número gigantesco de pessoas vivendo com HIV/Aids perderam a sua única fonte de renda. Graças a batalha legislativa na lei 13.847/2019, nós conseguimos um ganho para fazer com que essas pessoas tivessem suas aposentadorias devolvidas, restabelecidas, mas foi uma batalha judicial e de tribunais, através do Ministério Público" [...] "a gente se junta no combate à violência LGBT, essa causa é muito importante no Pela Vidda. No STF, em 2019, representei a Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). Sou membro do grupo de advocacy da Antra, a gente tem este projeto de combate a violência. Em 2020, desenvolvemos um projeto de combate à violência através da emenda parlamentar do então deputado Jean Willys. Depois fizemos em 2021 um núcleo de empregabilidade e formação político-social no Pela Vidda" [...] "A militância se mistura muito com a minha vida pessoal, com pessoas que estão ao meu redor, com a questão da sobrevivência, com a questão de pensar no futuro. Eu quero ter um futuro onde eu possa trafegar na rua sem correr o risco de sofrer uma violência, eu quero um país melhor para as pessoas LGBT e para mim.[11]

Considero importantíssima a contribuição presente nestas entrevistas, que demonstra a amplitude de atuação do movimento social LGBTI+ e a robustez da personagem líder de um grupo de defesa dos direitos dos componentes daquele grupo. Por outro lado, as entrevistas deixam escancaradas as feridas causadas pelo neoliberalismo voraz, que recrudesceu durante o governo Temer (2016 a 2018), cortando aposentadorias dos portadores de HIV, ignorando totalmente os critérios mínimos de humanidade.

No dia 30 de junho de 2023, na companhia de meu amigo, estive presente na sessão de apresentação do curta-metragem "Poder Falar – Uma Autoficção, no GPV – RJ". Enfatizo aqui a expressão "na companhia de meu amigo", porque muitas vezes, esta solidariedade, representada pelo convite de um amigo, é o motor que movimenta

[11]https://agenciaaids.com.br/noticia/senta-aqui-advogada-maria-eduarda-aguiar-diz

a engrenagem de contatos e aprendizados comuns a uma comunidade específica como a comunidade LGBTI+ e daí iniciam as ações geradoras de conquistas sociais.

"Poder falar: uma autoficção" mistura a narrativa ficcional e a narrativa documental, o diretor e também ator Evandro Manchini aborda a trajetória de um cineasta jovem (o próprio ator) quando recebe o diagnóstico de reagente para HIV, no dia de seu aniversário. Ao lidar com tema tão delicado como é a morte, principalmente em razão de um vírus que traz consigo uma elevada carga estigmatizante, Evandro se expõe, mas também humaniza e dá voz a outros tantos indivíduos que não tiveram chance de externar suas dores e seus conflitos. Após 15 minutos de apresentação do curta, o ator Evandro Manchini se colou a disposição do auditório para debater os temas suscitados no curta-metragem e deste momento em diante foram vários os relatos sobre este momento da vida pós sorologia positiva. Dentre estes relatos, fiquei muito impactado com a declaração de uma senhora que disse ter sido espancada pelo marido e expulsa de casa ao relatar que, após uma série de intercorrências em sua saúde, acabou por descobrir seu diagnóstico positivo para HIV, enfatizando que fora infectada pelo próprio marido. A complexidade de tal situação demonstra de forma gritante a relação entre gênero e violência conjugal, mas também o caminho do acolhimento e do respeito que aquela senhora obteve naquele grupo.

Figura 7 – Imagem de divulgação da apresentação do curta "Poder falar: uma autoficção", obtida no Instagram do Grupo Pela Vidda[12]

[12] Ibid.

Em 24 de maio de 2024, participei das comemorações do “35° aniversário do Grupo Pela Vidda – Rio de Janeiro: nossa trajetória, memórias e histórias que não foram contadas”. A dinâmica desta celebração consistiu, inicialmente, na apresentação de todos os presentes no auditório. O que se seguiu foi um verdadeiro capítulo da história do ativismo daquela ONG no Rio de Janeiro. Contando com as narrativas de alguns dos fundadores do GPV-RJ, alguns dos membros das equipes multidisciplinares que atuam no grupo (psicóloga, assistentes sociais), membros do departamento jurídico, membros do departamento de publicidade, ativistas e voluntários. Seguiram-se descrições minuciosas sobre as bem-sucedidas campanhas de testagem, de regularização de documentos, empregabilidade, projetos para a promoção de direitos humanos, informação e educação sobre doenças sexualmente transmissíveis.

Destaco dois pontos marcantes deste último evento: 1) a apresentação da médica infectologista Márcia Rachid, uma das fundadoras do GPV-RJ, sempre presente nas reuniões e que nunca esquece de ressaltar a importância do ideal de solidariedade e acolhimento de Herbet Daniel na criação da ONG, dentro do contexto pandêmico (fim da década de 1980 e início da década de 1990) altamente preconceituoso, constituindo-se ela mesma, memória viva do GPV-RJ; 2) a apresentação de uma senhora chamada Gessi, que relatou como as primeiras reuniões do GPV-RJ foram efetuadas de forma improvisada e simples na Rua Lopes Quintas, em 1989. Dona Gessi enfatizou que pretendia doar seu tempo em trabalho voluntário e que foi uma das decisões mais acertadas de sua vida e que durante o tempo de seu voluntariado muito mais recebeu do que doou. Ao encerrar as celebrações retornei para casa no mesmo táxi que D. Gessi, ocasião em que me disse ter trabalhado como professora de artes por mais de quarenta anos e que na época do voluntariado, no GPV-RJ, estava quase perdendo a voz. De alguma forma espiritual associou a recuperação de sua voz ao voluntariado que exerceu naqueles anos. Acho interessante pontuar que ambas, Márcia Rachid e D. Gessi, demonstram que não eram propriamente ativistas, no sentido de engajamento político no movimento LGBTI+, mas no processo de voluntariado e participação foram se integrando e já não se veem mais dissociadas do GPV-RJ. Para além das demarcações e implicações políticas, existe um elemento de agregamento, de

coerência, de coesão, de unidade de propósitos nestes dois relatos.

Figura 8 – Imagem obtida no Instagram do Grupo Pela Vidda[13]

2.3 MOVIMENTOS SOCIAIS LGBTI+ E AÇÃO SOCIAL

A maioria dos autores concorda que o atual movimento LGBTI+ teve início com o movimento homossexual brasileiro, que inicia suas lutas em meados da década de 1970, junto com o movimento feminista e o movimento negro, sob a influência dos movimentos alternativos, num ambiente de franca resistência política ao autoritarismo e ao conservadorismo oficiais.

No texto “Múltiplas identidades, diferentes enquadramentos e visibilidades: um olhar para os 40 anos do Movimento LGBTT”, Regina Facchini (2018) nos lembra que ao se engajar em um movimento estamos reescrevendo a própria história. Segundo a autora, trata-se de criar a possibilidade de habitar um mundo devastado pela violência, por apagamentos, por exclusões, pela morte física ou simbólica. Neste mesmo texto, Facchini toma emprestada a terminologia “recortes analíticos”, utilizado para compreensão do movimento feminista, no intuito de fazer o enquadramento do movimento LGBTT em três atos: Ato I) Centramento: da disputa entre ser ou estar homossexual à orientação sexual; Ato II) Cidadanização e descentramento: do combate à homofobia ao combate a LGBTfobia e, por fim, Ato III) Multiplicação de campos: combate à LGBTfobia e ênfase na experiência.

[13] Ibid.

Em seu artigo “Movimento Homossexual no Brasil”, Facchini (2003) recompõe a trajetória do movimento homossexual do Brasil em três ondas. A primeira onda traz no bojo a questão sexual e comportamental com forte conteúdo político, tendo em vista que a homossexualidade ainda era vivenciada nos guetos e as primeiras associações priorizavam estritamente a sociabilidade, tendo em vista que se vivia sob regime ditatorial. Em 1978, o Grupo Somos[14] é fundado em São Paulo e o Jornal Lampião da Esquina[15] apresenta suas matérias imbuídas de caráter crítico ao sistema repressivo vigente.

Na década de 1980, com o advento da epidemia de Aids, o movimento inicia as ações hoje entendidas no âmbito de uma segunda onda. Esta é marcada por uma desmobilização das propostas de liberação sexual e pelo foco na luta contra a Aids. Nesta década, o Grupo Gay Bahia e o Grupo Triângulo Rosa[16] assumem o protagonismo do Movimento com foco na garantia ao direito à diferença, na despatologização da homossexualidade (então tratada como homossexualismo) e na luta pelos direitos civis e contra a violência.

A partir da década de 1990, o Movimento vive um reflorescimento, com aumento dos grupos representativos, de ONGs e com a realização de Encontros Brasileiros de Homossexuais (EBHO) e Encontros Brasileiros de Gays e Lésbicas (EBGL). É neste momento que as travestis e as transexuais tornam-se oficialmente mais presentes no Movimento.

Marcam também este período a participação do Movimento na configuração do consórcio de vacinas para combate a DST/AIDS, a diversificação dos formatos

---

[14] **Grupo Somos** - Criado em maio de 1978, na cidade de São Paulo, decorrente da reunião do Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais, que foi renomeado de Somos – Grupo de Afirmação da Identidade Homossexual. A maioria dos autores concordam que foi o Grupo Somos o maior responsável por desencadear um processo de organização política da comunidade LGBTI+ pelo Brasil, apesar de diversas iniciativas precedentes.

[15] **Jornal Lampião da Esquina** – Inicialmente dirigido as “minorias” (homossexuais, feministas, negros e indígenas), posteriormente, suas matérias se voltavam somente aos gays. O primeiro exemplar do Jornal Lampião da Esquina data de abril de 1978, tendo sido um grande sucesso, já que contava com experientes jornalistas e uma ampla distribuição pelo país. Este jornal teve um papel importantíssimo para a causa LGBTI+, já que divulgava conceitos e ações que até então permaneciam restritos aos grandes centros urbanos.

[16] O **Grupo Triângulo Rosa** teve breve existência (1977-1988), no Rio de Janeiro, sendo seu fundador o advogado ativista João Antônio de Sousa Mascarenhas, cuja ação focava principalmente na defesa dos direitos e da cidadania LGBTI+. João Antônio de Sousa Mascarenhas inclusive participou do processo constituinte (1987-1988).

institucionais dos grupos e o aumento das propostas de atuação. Conceitos novos passaram a ser amplamente discutidos nesta época: visibilidade, vulnerabilidade, orientação sexual, grupos de risco e educação por pares.

Segundo Luiz Mott (2018), o Grupo Gay Bahia (GGB), fundado em 1980, é tida como a mais antiga ONG LGBTI+ da América Latina. Foi o primeiro grupo LGBTI+ a adotar a palavra *gay* em seu nome e hoje é considerado o decano do movimento LGBTI+ no Brasil. O GGB foi diretamente responsável pela campanha pela despatologização da homossexualidade (que era abordada como homossexualismo, ou seja, com a utilização do sufixo "ismo", denotando doença); pela prevenção da AIDS junto à população gay; pela introdução do termo homofobia em nosso vocabulário cotidiano e foi a primeira ONG LGBTI+ a insistir no tratamento feminino dirigido às travestis e às transexuais. Ainda segundo Mott, o GGB é a principal fonte estatística relacionada a violência contra a população LGBTI+ no Brasil, pois tem mapeado o LGBTI+cídio e a LGBTI+fobia, por décadas.

Como exemplo de atuação na área cultural do GGB, abaixo, extraído do artigo "O pioneiro Museu do Sexo da Bahia" (2022), apresento as temáticas das últimas exposições realizadas, principalmente, no Museu do Sexo, pelo GGB, em Salvador:

1- Aids, Informação e Prevenção, em 1993.
2- Gay América-Latina, em 1993.
3- Centenário de Mário de Andrade, em 1993.
4- O sexo dos Anjos, em 1994.
5- AIDS, em 1995.
6- Aids, Exposição Filatélica, em1996.
7- Caminhos da Mulher Lésbica. Em Comemoração de 08 de março. Dia Internacional da Mulher, em 1996.
8- Internacional de Arte Postal sobre a Aids, em 1997.
9- São Sebastião, Patrono Gay, em 1988.
10- Dia Internacional da Mulher, em 1988.
11- São Sebastiao, ícone Gay, em 1999.
12- GLB – Grupo Lésbico da Bahia – Mulheres na Arte Postal, em 1999.
13- Cartazes e Livros do Mártir Gay Oscar Wilde, em 2000.

14- A Arte Gay de Keith Haring, em 2001.

15- O Erotismo na Prevenção da Aids. Cartazes e fotografias, em 2002.

16- Políticos Brasileiros Travestis e Travestidos, em 2002.

17- Em Homenagem a São Sebastião: Cartazes e Postais, em 2002.

18- Fantasias de Clóvis Bornay. Praça Municipal de Salvador, Concurso de Fantasia Gay no Carnaval, em 2005.

19- Santo Antônio: O Divino Amante do Menino Jesus, em 2006.

20- O Nu Masculino através do Mundo: Fotografias de Orion Delain, Paris, em 2007.

21- A Homossexualidade na Corte de D. João VI. Exposição Comemorativa ao Bicentenário da Chegada da Família Real ao Brasil, em 2008.

22- Time de Futebol Gay da Argentina em Salvador, em 2008.

23- Camisinha na Mala. Exposição de Postais e Cartazes. Dia Mundial de Luta Contra a Aids, em 2009.

24- Sou Glamour. Fotos da austríaca Marianne Greber, em 2009.

25- Fora Feliciano[17]: Caricaturas e Charges contra a Homofobia, em 2013.

26- Irã, o Inferno dos Homossexuais, em 2014.

27- Fotografias de Alair Gomes[18]. Muito Prazer, em 2022.

28- Escritores Franceses – Influência na Afirmação Gay no Brasil, em 2022.

29- 24 VIPS LGBT da Bahia: século XVI a XXI, em 2022.

Achei válido apresentar estas temáticas porque revelam um pouco da historicidade dos discursos relativos às pessoas LGBTI+ e refletem algumas das questões que pautam a agenda do movimento: AIDS, erotismo, arte e textualidade LGBTI+ e homofobia.

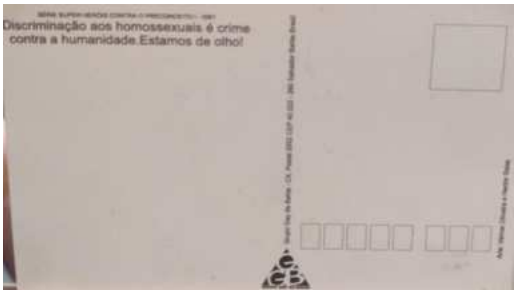
Parece-nos interessante enfatizar a relação estabelecida pelo GGB entre religião e sexualidade, ao referendar, em mais de uma ocasião, São Sebastião como ícone e santo padroeiro dos homossexuais. Mais adiante, nesta pesquisa, conexão

[17] **Marco Feliciano** – Pastor evangélico, empresário e deputado federal, que se encontra no exercício de sua quarta legislatura consecutiva (2011 até o presente), atualmente filiado ao Partido Liberal, abertamente contrário aos direitos dos homossexuais.

[18] **Alair Gomes** – Engenheiro civil, professor universitário e crítico de artes. Tornou-se famoso, nas décadas de 1970 e 1980, por fotografar corpos masculinos seminus nas paisagens cariocas.

análoga é constatada, quando o GGB intenta a canonização de Tibira do Maranhão, como índio mártir gay, junto ao Vaticano, através de solicitação à Conferência Nacional dos Bispos dos Brasil. Adiante conheceremos a figura de Tibira em mais detalhes.

Figura 9 – Reprodução da frente e do verso de um cartão-postal, da série "Super heróis contra o preconceito" (2001), concebido pelo Grupo Gay Bahia, como parte da luta contra o preconceito, cuja frase, no verso, diz: "Discriminação aos homossexuais é crime contra a humanidade. Estamos de olho!"



Ao traçar o histórico do movimento homossexual brasileiro, Regina Facchini (2003) define suas configurações atuais nos seguintes termos:

> ...um conjunto de associações e entidades, mais ou memos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeitos desse movimento. (Facchini, 2003, p.5).

O diálogo com o feminismo e com os estudos e ativismos de gênero é uma constante nas mobilizações LGBTI+. No texto "Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT", que compõe o livro "História do Movimento LGBT no Brasil", Marcelo Caetano, Cláudio Nascimento e Alexsandro Rodrigues (2018) assim se manifestam:

> ...uma das principais experiências com textos feministas que nos levaram a refletir a trajetória do movimento LGBT no pós-epidemia de Aids, foi o escrito "O Manifesto Ciborgue", de Donna Haraway. Dentre tantas questões que nos instigaram naquele momento, a noção da escrita enquanto instrumento de resistência e existência foi muito impactante, considerando inclusive, as diferentes vivências e ativismos [...] esse viés político de escrita, profundamente inspirado nas feministas, passou a orientar a forma como imaginamos desenvolver nossas trajetórias político-profissionais na gestão de políticas públicas, nas fileiras do ativismo social, nos modos como nos constituímos... (Caetano; Nascimento; Rodrigues, 2018, p. 8).

Fora do Brasil, um dos exemplos mais apontados, como de maior sucesso do ativismo LGBTI+, deu-se nos Estados Unidos da América, na década de 1980, através do ACT UP (*Aids Coalition to Unleash Power*). Tratando-se de um grupo internacional fundamental na luta contra Aids, criado com intuito de melhorar a vida das pessoas com Aids, através de ação direta, pesquisa médica e tratamento, bem como através da *advocacy*. O ACT UP foi capaz de enfrentar discursos dominantes e de mobilizar a sociedade civil contra os estigmas decorrentes da Aids. Durante o Governo Reagan, o ACT UP foi responsável por grandes mobilizações, que acabaram por mudar a postura do governo norte-americano em relação a Aids. Em outubro de 1988, por exemplo, o ACT UP conseguiu fechar a Food and Drug Administration – FDA (versão norte-americana da ANVISA brasileira). Aproximadamente 1.500 manifestantes usavam jalecos manchados de vermelho e portavam lápides e cartazes incitando a pesquisa imediata para combate a Aids e condenando a burocracia do FDA, que criava empecilhos aos primeiros tratamentos daquela infecção.

De acordo com Yasmin Sanches, no artigo "O ACT UP e a luta transnacional contra os estigmas em relação a AIDS" (2021)[19]:

> O ACT UP New York foi criado como resposta à negligência social e governamental e à complacência das instituições médicas. Na época, o grupo além de combater fatores estruturais da epidemia como, por exemplo, os estigmas e a discriminação, lutava por investimento sustentável em pesquisa para novos remédios e tratamentos para HIV/AIDS e por acesso equitativo à prevenção e à assistência do HIV, já que muitos dos membros do grupo eram soropositivos e a luta contra estigmas e discriminação não seria possível sem remédios e tratamentos para a doença.

[19]https://www.petripuc.com.br/post/o-act-up-e-a-luta-transnacional-contra-os-estigmas-em-rela%C3%A7%C3%A3o-a-aids#:~:text=A%20a%C3%A7%C3%A3o%20do%20ACT%20UP,por%20homens%20gays%20e%20bissexuais.

Esta é a tônica dos movimentos sociais: organização e lutas para alcançar direitos e a ação coletiva como instrumento de conquistas. Neste ponto, enfatizo três conceitos básicos da Sociologia que esclarecem as diretrizes tomadas pelo movimento LGBTI+.

1) Ação social, que nas palavras de Cristina Costa: "… designa de maneira geral toda ação humana que é influenciada pela consciência da situação concreta na qual se realiza e da existência de agentes sociais entre os quais a ação acontece" (Costa, 2005, p. 385). Deste entendimento de ação social decorrem algumas variações conceituais, que, seguindo a autora, apresentamos de forma resumida: a) A definição de ação social, segundo Max Weber, partindo-se da concepção da intenção ou do motivo, que distingue quatro tipos de ações sociais: ação racional (voltada para determinado fim), ação social orientada por valores (quando a ação é um fim em si mesma), ação afetiva (sua força motriz são as emoções) e ações tradicionais (baseadas nos usos e costumes sociais); b) O entendimento de ação social, segundo Talcott Parsons, que aponta outros elementos: o agente social/ o ator, a situação na qual a ação se realiza e a orientação da ação social; c) Finalmente, a concepção de Karl Marx, que relaciona a ação social a práxis, criando uma distinção entre ações sociais conscientes e ações sociais alienadas.

2) Movimentos sociais, que Costa (2005) define da seguinte forma:

> … todas as formas de mobilização de membros da sociedade que têm um objetivo comum explícito. Os movimentos sociais são o objeto por excelência da sociologia dinâmica, permitindo o estudo dos processos sociais e das mudanças [...] Quando o comportamento discordante se propaga e é adotado de forma organizada por um grande número de membros, estamos diante de um movimento social e da possibilidade de mudança, quer de uma instituição, quer da estrutura social. (Costa, 2005, p. 400).

Já Alberto Melucci (1989) define os movimentos sociais como sistemas de ação, que operam num campo sistêmico de possibilidades e limites, no qual a organização é um ponto crítico de observação.

3) Sobre a ação coletiva, o mesmo Melucci (1989) dispõe:

> ...não pode ser explicada sem levar em conta como os recursos internos e externos são mobilizados, como as estruturas organizacionais são constituídas e mantidas, como as funções de liderança são garantidas. O que é empiricamente chamado de "movimento social" é um sistema de ação que liga orientações e significados plurais. (Melucci, 1989, p. 56).

Anthony Giddens (2023) afirma que os movimentos sociais estão tão incorporados às práticas político-sociais dos países democráticos, no mundo contemporâneo, quanto estão presentes as organizações burocráticas formais, às quais muitas vezes se opõem, o que pode sugerir que estamos avançando para uma sociedade de movimentos sociais globais.

Podemos dizer que o ACT UP é um exemplo de movimento social global. Inspirados pelo sucesso das ações do ACT UP em Nova Iorque, outras representações da organização foram abertas em Los Angeles, Boston, Chicago, San Francisco, outras cidades norte-americanas e, em diversos países pelo mundo, onde ativistas do movimento por direitos LGBTI+ fundaram organizações adotando o modelo norte-americano.

Para uma melhor contextualização da agenda LGBTI+ no Brasil nos valemos do uso feito por Flávia Biroli (2018) do conceito de "contrapúblicos subalternos" de Nancy Fraser. Nessa perspectiva, os contrapúblicos subalternos formam-se em arenas paralelas nas quais grupos sociais subordinados geram contradiscursos, no intuito de apresentar visões antagonistas de suas identidades, seus interesses e suas necessidades. São públicos que surgem tendo em vista as exclusões, tal como acontece com o grupo LGBTI+.

> Sua conformação apresenta, assim, caráter contestatório à configuração hegemônica da esfera pública. É por essa razão e não por alguma característica específica desses grupos que sua atuação pode levar à expansão do espaço discursivo, apresentando potencial emancipatório por colocar em cena corpos, experiências, problemas, interesses e necessidades que foram forçados ao silêncio ou estigmatizados. É, entendo, algo que vem ocorrendo no Brasil, crescentemente, desde os anos 1970, se pensamos nos corpos e nas experiências de mulheres, de negras e negros, de gays, transexuais e travestis. (Biroli, 2018, p.199).

Pois bem, subalternos e marginalizados são os corpos LGBTI+ submetidos a uma sociedade cis-heteronormativa e onde viceja a necropolítica, na qual alguns corpos valem menos que outros. Nos dias de hoje, debate-se no Supremo Tribunal Federal a livre utilização do SUS pelas pessoas transexuais, quando o critério constitucional é o de livre acesso de todos ao SUS. Somente em 2011, a união estável entre casais do mesmo sexo passou a ser reconhecida pelo STF. Apenas em 2016, travestis e transexuais passaram a ter a identidade de gênero reconhecida e adquiriram direito ao nome social em repartições e órgãos públicos. Somente em 2024 o STF tornou obrigatório o atendimento de pessoas trans no SUS. Quando nos propomos a desenvolver esta pesquisa tratamos precisamente de um grupo cujas especificidades têm sido negadas no curso da história. Grupo cuja sexualidade dissidente gera preconceito, perseguição e execução.

Interessante instrumento de resistência no movimento LGBTI+ é a realização dos eventos chamados de Parada Gay ou Parada do Orgulho LGBTI+. A maior parada gay do mundo ocorre em São Paulo. Trata-se de uma importante conquista do movimento LGBTI+ no Brasil, com capacidade de reunir milhares de pessoas, gerando grande visibilidade para as causas LGBTI+ e a naturalização das vivências deste grupo, bem como a luta contra a cisheteronormatividade e sua continua busca de eliminação dos corpos dissidentes. Referindo-se às paradas gay, Renan Quinalha (2022) assim dispôs:

> … algo que serve de termômetro para aferir o peso da presença LGBTI+ na esfera pública são as Paradas do Orgulho LGBTI+, que começam em meados de 1990 no Rio e em São Paulo, sendo posteriormente também realizadas em centenas de outras cidades por todo país [...] é possível considerar que o primeiro ato público convocado por homossexuais e com um protesto de rua com faixas e bandeiras bem definidas foi precisamente realizado em 13 de junho de 1980, episódio icônico contra violência policial. (Quinalha, 2022, p.125).

Quinalha (2022) refere-se à reação LGBTI+ contra as investidas determinadas pelo Delegado José Wilson Richeti, chefe da delegacia seccional do centro de São Paulo, em 1980, que pretendia “limpar” São Paulo de assaltantes, traficantes, prostitutas, homossexuais e travestis.

As imensas mobilizações populares que agora constituem as paradas do orgulho LGBTI+ apresentam temáticas cuja discussão merecem mais atenção da sociedade, por serem questões essenciais para este grupo. Abaixo, extraído da obra de Renan Quinalha (2022), “Movimento LGBTI+, Uma breve história do século XIX aos nossos dias”, replicamos a lista com os slogans das Paradas do Orgulho LGBTI+, realizadas em São Paulo, desde 1997:

1997 – Somos muitos, estamos em todas as profissões

1998 – Os direitos de gays, lésbicas e travestis são direitos humanos

1999 – Orgulho gay no Brasil, rumo ao ano 2000

2000 – Celebrando o orgulho de viver a diversidade

2001 – Abraçando a diversidade

2002 – Educando para a diversidade

2003 – Construindo políticas homossexuais

2004 – Temos família e orgulho

2005 – Parceria civil já. Direitos iguais! Nem mais nem menos

2006 – Homofobia é crime! Direitos sexuais são direitos humanos

2007 – Por um mundo sem racismo, machismo e homofobia

2008 – Homofobia mata! Por um Estado laico de fato

2009 – Sem homofobia, mais cidadania – pela isonomia dos direitos!

2010 – Vote contra a homofobia: defenda a cidadania!

2011 – Amai-vos uns aos outros: basta de homofobia!

2012 – Homofobia tem cura: educação e criminalização

2013 – Para o armário nunca mais – união e conscientização na luta contra a homofobia

2014 – País vencedor é país sem homolesbotransfobia: chega de mortes! Criminalização já!

2015 – Eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser sempre assim: respeitem-me

2016 - Lei de identidade de gênero, já! Todas as pessoas juntas contra a transfobia!

2017 – Independentemente de nossas crenças, nenhuma religião é lei! Todas e todos por um Estado laico

2018 – Poder para LGBTI+, nosso voto, nossa voz

2019 – 50 Anos de Stonewall – nossas conquistas, nosso orgulho de ser LGBT+

2020 – Democracia

2021 – HIV/AIDS: Ame + Cuide + Viva

2022 – Vote com orgulho: por uma política que representa

A esta listagem acrescento os slogans dos dois últimos anos:

2023 – Políticas Sociais para LGBT+: Queremos por inteiro e não pela metade

2024 – Basta de Negligência e Retrocesso Legislativo – Vote Consciente por direitos da população LGBT+

Os temas indicados acima, refletem as maiores demandas da população LGBTI+: isonomia de direitos civis, políticas sociais, visibilidade e criminalização da violência contra os membros deste grupo. Interessante observar o *slogan* Democracia, adotado em 2020, ano que se encontra inserido dentro período do governo de ultradireita que vigeu no Brasil entre 2019 e 2022, o que demonstra que a agenda LGBTI+, assim como muitas outras agendas sociais, encontravam-se ameaçadas. O slogan adotado em 2021 (HIV/AIDS: Ame + Cuide + Viva), da mesma forma, reflete a angústia dos portadores de HIV, que acompanharam com temor a abandono da política de tratamento da Aids.

Outra questão muito reforçada nas Paradas de Orgulho Gay é o combate a violência contra este grupo. A palavra homofobia aparece em oito dos slogans acima, a palavra homolesbotransfobia aparece uma vez e a palavra transfobia aparece também uma vez.

Em matéria jornalística do Portal G1 Bahia, do dia 20 de janeiro de 2024, nos deparamos com a seguinte manchete: “Brasil registra 257 mortes violentas de pessoas LBTQIA+ em 2023, uma a mais que 2022, e segue como o país mais

homotransfóbico do mundo”[20]. Nesta mesma matéria somos informados que, dentre as 257 vítimas, 127 eram travestis e transgêneros, 118 eram gays e 3 bissexuais.

Estes números apresentam um panorama do LGBTI+cídio no Brasil e a dimensão de um verdadeiro problema nacional. Ser conhecido como o país onde mais se mata LGBTI+ no mundo é péssimo para a imagem do país (internamente e externamente) e para a autoestima dos componentes deste grupo, que vivem com a sombra do preconceito e da violência sempre à espreita. Como demonstrou a matéria citada, esta violência é verificável em todas as regiões do país. Questões como o machismo, a violência associada às metrópoles, o fanatismo religioso, a relação entre o uso de drogas e a violência, bem como a ausência de políticas públicas, estão entre os possíveis fatores relacionados aos dados apontados.

Estreitando-se a análise daqueles números para uma ótica estritamente econômica e mercadológica do país, descuidar da população LGBTI+ não é um bom chamariz econômico. O turismo LGBTI+ tornou-se um excelente filão econômico (Cáceres Feria, Valcuende del Río e Quintero Morón, 2023). Na Europa, por exemplo, Espanha e Grécia, possuem inúmeras cidades ou regiões cuja economia gira entorno do “turismo rosa”. O *pink money* é uma realidade internacional. A pecha de país que mais mata LGBTI+ no mundo vai em sentido contrário ao próprio liberalismo econômico e sua contínua demanda por lucro.

Voltando à discussão sobre modalidades de atuação política dentro do movimento LGBTI+, é oportuno abordar, mesmo que brevemente, o ciberativismo. Facebook, Youtube, WhatsApp e Twitter tornaram-se instrumentos nos quais discussões sobre gênero e sexualidade se ampliaram. Lucas Bulgarelli (2018), em seu artigo “Um impeachment, algumas tretas e muitos textões: notas sobre o movimento LGBT brasileiro pós-2010”, destrincha as formas como o ciberativismo se popularizou no Brasil e apresenta dois modos básicos de atuação dos ativistas cibernéticos:

> O primeiro modo está bastante vinculado a militantes e ativistas com trajetórias mais longas de militância e frequentemente com um perfil de baixa escolaridade. Pessoas que se mobilizam a partir de uma atuação política concentrada em fóruns, associações, comissões, conselhos e conferências, considerados espaços centrais de inserção do

[20]https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/01/20/mortes-violentas-de-pessoas-lgbtqia-na-ba-2023.ghtml

> movimento. Desse lado, predomina uma compreensão de que o bom desempenho da luta política depende de mecanismos de incidência e de verificação das políticas implementadas. Um segundo modo diz respeito a ativistas mais jovens com forte inserção e reconhecimento das mídias sociais. Há, entre eles, uma postura crítica em relação aos mecanismos de associação e negociação que marcaram a atuação política de gerações anteriores. (Bulgarelli, 2018, p.491).

Bulgarelli (2018) destaca que o crescimento do ciberativismo LGBTI+ acabou por encontrar sua arena na mesma esteira das lutas antiglobalização que movimentaram o mundo a partir dos anos 2000 (Primavera Árabe, Occupy Wall Street e as Jornadas de junho de 2013 no Brasil) e envolveram vários movimentos sociais.

Podemos dizer que o mais inovador, no contexto de utilização dos aparatos tecnológicos, é a possibilidade de um certo ativismo político, de forma rápida e em diversos momentos do dia, sem a necessidade de sessões presenciais na definição de pautas. O ativista pode criar conteúdo da agenda LGBTI+ no transporte público, no itinerário do trabalho para casa. Com isso não pretendemos o esvaziamento das formas convencionais de articulação do movimento social, que continuam sendo importantíssimas. Entretanto, novos aparatos tecnológicos apontam também para novos meios de visibilizar agendas que se encontravam distantes de grande parte da população.

De qualquer forma, inúmeras frentes de defesa dos direitos e das liberdades LGBTI+ têm sido criadas nas redes sociais. Grupos que tratam de temas específicos, grupos que tratam de temas mais amplos, profissionais especializados no atendimento a este grupo e atores sociais de destaque passaram a ganhar muita notoriedade graças aos seus seguidores. Como pesquisador, tenho participado e acompanhado as atividades de alguns destes grupos. A seguir, aponto algumas destas modalidades de ciberativismo que se refletem em *hashtags* na plataforma Instagram: #free.equal; #alianca.lgbti; #queerlivros; #queersaude; #universolgbti; #comunidades.lgbtqia; #pelaviddarj; #grupo_arco_iris; #memoriaslgbtqia; #tonyboita; #renatacarvalhooficial; #luiz_morando; #hilton_erika; #bennybriolly; #vozdadiversidade; #gayblogbr; #logay; #transempregos; #renan_quinalha; #attitudemag; #psi_joaobrod; #samuelrocha.psi; #orgulhodesergay; #harveymilkplaza; #familiaspeladiversidadeoficial; #claudio.nascimento; #institutopolis; #theaidsmemorial; #actupny; #marcia.rachid; #evandromanchini;

#stonewallfoundation; #centrolgbtqia, #arouchianos; #mona_lgbtqia; #lgbt_legacy; #homomonument; #rita_von_hunty; #homossexualidadesaudavel, #transnocorre, #abglt.oficial; #museubajuba; #acervobajuba; #helena.vieiras; #felipe.areda; #marcio_cetano; #hugomenezesneto; etc.

A lista acima não é exaustiva e abrange um leque diversificado do ativismo LGBTI+, que exemplificamos: ONGs LGBTI+ (Grupo Arco Íris e Grupo Pela Vidda); personalidades políticas que lidam diretamente com as causas LGBTI+ (Deputada Erika Hilton e vereadora Benny Briolly); acadêmicos do universo LGBTI+ (Tony Boita e Renan Quinalha); museus e memoriais LGBTI+ (Museu de Ocupação e Narrativas do Arouche LGBTQIAP+ e Homomonument); atores engajados no movimento LGBTI+ (Renata Carvalho e Evandro Manchhini); profissionais liberais que criaram canais *online* de conteúdo LGBTI+: Samuel Rocha (Psicólogo e Psicanalista especializado nas questões relacionadas a homens gays e ao envelhecimento) e João Brod Jacobs (Psicólogo LGBTI+ Afirmativo).

Abaixo, aponto algumas das atividades e agendas da comunidade LGBTI+, objeto do ativismo cibernético, no Instagram.

Figura 10 – Campanha divulgando cursos para população LGBTQIAPN+, veiculada pelo grupo Pela Vidda no Instagram[21]

[21] #pelaviddarj. Disponível em: 26.08.2024.

Figura 11 – Imagem contendo fala da deputada federal Erika Hilton, replicada no Instagram do Coletivo Famílias pela Diversidade[22]

Figura 12 – Post exibido no Instagram do psicólogo João Brod Jacobs[23]

[22] #familiaspeladiversidade. Disponível em 26.08.2024.
[23] #psi_joaobrod. Disponível em 26.08.2024.

Figura 13 – Campanha contra o preconceito veiculada no Instagram da comunidade LGBTQIA+[24]

[24] #comunidade.lgbtqia. Disponível em 26.08.2024.

3 MEMÓRIA LGBTI+ E DIREITO À CIDADE

Memória
Amar o perdido
Deixa confundido
este coração.
Nada pode o olvido
Contra o sem sentido
apelo do Não.
As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.
Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.
(Andrade,1951, p.27)

Iniciamos este capítulo repisando o vaticínio do poeta, o que está olvidado perdeu-se com o "sem sentido apelo do Não", porém existem coisas findas que ainda ficam, permanecem e vivem. Em nossa pesquisa, ressaltamos a necessidade de resguardar a memória sobre coisas, tangíveis e intangíveis, da comunidade LGBTI+, que devem permanecer.

É sobre a luta para manter datas, imagens, símbolos, ícones, mensagens, músicas, poesias, locais, em suma, as possíveis referências culturais e, especificamente, os monumentos, placas e memoriais, da comunidade LGBTI+, que nos propomos neste capítulo.

3.1 LUGARES DE MEMÓRIA

Em Pierre Nora (1993) encontramos a definição de lugares de memória que nos impele a aprofundar um debate sobre a importância da memória e da monumentalidade LGBTI+:

> Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais. E por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não

> estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, elas seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. (Nora,1993, p. 13).

Assim, o estabelecimento de lugares de memória é essencial para as minorias, aí incluindo a comunidade LGBTI+. Portanto, é necessário que mantenhamos vivos os locais de memória, as datas, as imagens e as lembranças pertinentes à história e às práticas culturais deste grupo. “Levar à incandescência”, como nos ensina Pierre Nora, possibilita que a memória permaneça em constante radiação, permitindo a visibilidade e a compreensão de um grupo. Myrian Sepúlveda dos Santos (2013), pontuando Durkheim, ressalta: “... as representações coletivas, uma vez institucionalizadas, seriam capazes de exercer influência ao longo de um período excepcional, sobrevivendo a muitas mudanças sociais e culturais”. (Santos, 2013, p. 57).

É nesta sobrevivência, em meio a mudanças sociais e culturais, que vislumbramos os memoriais e os monumentos LGBTI+, como importantes agentes para a construção e a preservação da memória deste grupo. Marcos que celebram vitórias alcançadas pelo movimento LGBTI+ e locais de compartilhamento de vivências deste grupo específico dentro das cidades, como um direito dos seus componentes. Santos (2013) reforça esta ideia:

> … narrativas, monumentos, hinos, bandeiras, exposições, autobiografias e comemorações tornaram-se objetos privilegiados de investigação de antropólogos, sociólogos e historiadores. Os estudos sobre representações, símbolos e instituições passaram a envolver a questão da interpretação, da transmissão e da mediação [...] Os estudos sobre memórias coletivas se consolidaram a partir de abordagens interdisciplinares que questionaram as fronteiras anteriormente estabelecidas entre o investigador e seu objeto, e privilegiaram a análise de representações compreendidas como sendo fenômenos políticos e culturais. (Santos, 2013, p. 62).

Eliana Lacombe (2020), em “Los Caminos de Las Memorias em America Latina”, traz reflexões sobre a importância da constituição de memórias decorrentes das perseguições e assassinatos perpetrados por governos autoritários da América Latina, enfatizando que esta violência continua sendo praticada contra as minorias:

> ...as violências estatais seguem sendo operadas no presente, de diversas formas e, principalmente, contra grupos subalternizados, como as comunidades indígenas, as populações pobres, os valores humanitários (Crenzel, 2008) articulados em torno da defesa dos direitos humanos, funcionam como uma plataforma ou acervo cultural a partir do qual diferentes grupos se articulam e constroem resistências as violências estatais e de outros grupos de poder. (Lacombe, 2020, p.19 – tradução nossa).

Lacombe (2020) reafirma a concepção de Maurice Halbwachs: "... as memórias são dos grupos. Não podemos falar das memórias de modo abstrato – com se existissem como objetos externos – senão compreendê-las em relação a grupos e suas interações situadas." (Lacombe, 2020, p.18 – tradução nossa).

Ao fazermos esta pesquisa nos valemos da concepção de memória coletiva proposta por Maurice Halbwachs, com ênfase na importância dos memoriais, placas e monumentos, como "imagens espaciais", carregadas de significações e com função fundamental na elucidação de hábitos, da cultura e da essência do grupo LGBTI+. Halbwachs (1990) nos ensina sobre a memória coletiva:

> ... apresenta ao grupo um quadro de si mesmo que, sem dúvida, se desenrola no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele se reconhece sempre dentro dessas imagens sucessivas. A memória coletiva é um quadro de analogias, e é natural que ela se convença que o grupo permanece, e permaneceu o mesmo, porque ela fixa sua atenção sobre o grupo, e o que mudou foram as relações ou contatos do grupo com os outros. (Halbwachs, 1950, p. 88).

O mesmo Halbwachs (1990) afirma:

> ... não existe memória universal. Toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo [...] Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem. Ele se fecha no quadro que construiu. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém consigo passa ao primeiro plano da ideia que faz de si mesmo. Ela penetra todos os elementos de sua consciência, comanda e regula sua evolução. (Halbwachs, 1990, p. 86)

No prefácio da obra "A Memória Coletiva", de Maurice Halbwachs, Jean Duvignaud reforça que a lembrança é como a fronteira e o limite à vida dos grupos:

> … a memória não pode ser o alicerce da consciência, uma vez que ela é tão-somente uma de suas direções, uma perspectiva possível que racionaliza o espírito. Somos então levados ao estudo dos acontecimentos humanos mais simples, tais como eles se representam

> na vida real, no decurso das múltiplas dramatizações, onde se defrontam os papéis reais e imaginários, as projeções utópicas e as construções arbitrária*s...* (Duvignaud, 1990, p. 15).

J-Michel Alexandre na introdução da mesma obra pontua:

> Não podemos pensar nada, não podemos pensar em nós mesmos, senão pelos outros, e sob a condição desse acordo substancial que, através do coletivo, persegue o universal e distingue, como Halbwachs tanto insistiu, o sonho da realidade, a loucura individual da razão comum. Durkheim traz à tona a razão da sociedade, Halbwachs mostra que a razão resulta dessa forma humana, a única que realiza e anima permanentemente a existência. (Alexandre, 1990, p. 21).

Ao que parece, a quase ausência de monumentos LGBTI+ no Brasil, que exploraremos melhor adiante, relaciona-se com apagamentos e cancelamentos na história abordados por Márcio Seligmann-Silva (2005). Cancelamentos de determinados corpos baseados em um dispositivo político relacionado à produção de tipologias eurocêntricas e heteronormativas. O mesmo Márcio Seligmann-Silva (2005), refletindo sobre Walter Benjamin, afirma:

> Deve-se destruir a ideia de narrabilidade da história e sua epicidade. Benjamin contrapõe ao pensamento histórico do historicismo a necessidade de se construir uma estrutura teórica robusta, enervada pela luta de classes à qual devemos acrescentar as lutas das mulheres, dos LGBTQIA+, das populações afrodescendentes e originárias. Em contraposição à empatia com os vencedores, Benjamin propõe uma escrita da história que estabeleça uma tradição dos oprimidos. (Seligmann-Silva, 2005, p. 38).

Andreas Huyssen (2014) nos alerta para a presença ostensiva da temática relativa a memória em nossos dias:

> … No decorrer das duas últimas décadas, a cultura da memória e a política da memória tornaram-se verdadeiramente transnacionais, senão globais. Da África do Sul à Argentina e ao Chile, da Bósnia e do Kosovo a Ruanda, o trauma histórico e as violações dos direitos humanos despontaram como *loci* privilegiados de comemoração pública no trabalho de arquitetos, acadêmicos, pintores e escritores. Criaram-se Comissões da Verdade e, em países como Argentina e Chile, os tribunais tornaram-se atuantes nos últimos tempos, após um período prolongado de silêncio sobre o terrorismo de Estado do período de Guerra Fria. (Huyssen, 2014, p.139).

O mesmo Huyssen aborda de forma clara a dicotomia memória-esquecimento:

> ... Na cultura contemporânea, obcecada como ela é pela memória e o trauma, o esquecimento é sistematicamente malvisto. É descrito como uma falha da memória: clinicamente, como disfunção; socialmente, como distorção; academicamente como uma forma de pecado original; em termos de vivência, como um subproduto lamentável do envelhecimento. (Huyssen, 2014, p. 155).

Neste contexto, em que nos propomos a discutir formas de presença da memória LGBTI+, as palavras de Paul Ricoeur (2007) são muito relevantes:

> ...importa mais para nosso propósito olhar em direção à memória coletiva, para reencontrar, em seu nível o equivalente das situações patológicas de que trata a psicanálise. É a constituição bipolar da identidade pessoal e da identidade comunitária que, em última instância, justifica estender a análise freudiana do luto ao traumatismo da identidade coletiva. Pode-se falar em traumatismos coletivos e em feridas da memória coletiva, não apenas num sentido analógico, mas nos termos de uma análise direta. A noção de objeto perdido encontra uma aplicação direta nas “perdas” que afetam igualmente o poder, o território, as populações que constituem a substância de um Estado. (Ricoeur, 2007, p. 92).

De qualquer forma, fica claro que o espaço memorial é sempre uma zona de conflitos e disputas políticas. Quando, através deste trabalho, invoco a necessidade de que monumentos públicos sejam erigidos, em nosso país, como marcos memoriais das lutas da comunidade LGBTI+, em alguma medida interesses mais conservadores passam a ser menos prestigiados. Um monumento erigido aos milhares de brasileiros (as) vitimados (as) pela LGBTI+fobia, também representa um espaço a menos para a devoção a uma imagem religiosa ou para a reverência a uma eminente figura militar. Neste ponto, não estamos avaliando quem é mais ou menos merecedor, qual o setor da sociedade deva ser mais ou menos celebrado. Apenas apontamos para essa dinâmica dos espaços públicos e as disputas pela materialização de memórias na urbe.

3.2 ATIVISMO DA MEMÓRIA

Em 24.06.2023 participei do Rolé Visita – Memórias e Resistência LGBTQIAP+, no qual fomos convidados a fazer um roteiro que conta a história LGBTQIAP+, no centro da cidade do Rio de Janeiro, através de algumas de suas ruas, praças, edifícios e monumentos. Trata-se de um exemplo de como elaborar a memória LGBTI+ na cidade. O Rolé é uma realização do Estúdio M’Baraká em parceria entre empresas

privadas, Ministério da Cultura e Prefeitura do Rio de Janeiro.

O roteiro da edição do Rolé dedicada às memórias e à resistência LGBTQIAP+ foi criado pelo pesquisador e roteirista Guilherme Macedo. O passeio guiado contou com a participação de historiadores e ativistas que abordaram a importância e a relação de espaços da cidade com a cultura e a memória LGBTI+ carioca. Dentre os pontos do roteiro encontravam-se os seguintes: Praça Tiradentes (antigo ponto de encontros anônimos entre homossexuais), Teatro João Caetano (onde aconteciam os Bailes dos Enxutos), Hotel Íbis (antigo Hotel São José, onde aconteciam as Gayfieiras), Cine Íris (especializado em pornochanchadas e arte erótica), Grupo Arco-Íris (ONG LGBTI+), Turma OK (tido como o mais antigo grupo de gays do Brasil), Prédio do antigo DOPS (ponto onde LGBTI+ sofriam torturas em nome da moral e dos bons costumes), Casarão de Luana Muniz (pensão de travestis montada pela travesti Luana Muniz, famosa por ter cunhado a expressão “travesti não é bagunça” em programa televisivo), Cabaré da Jackie (Boate de travestis, administrado pela travesti Jackie), Cabaré Casa Nova (local onde o grupo teatral Dzi Croquettes[25] se formou e onde Madame Satã[26] fez apresentações), Escadaria da Câmara dos Vereadores (local onde ocorreu o Ocupa Sapatão, em 2017, com a liderança da então vereadora Marielle Franco), Cine Rex (sala de filmes pornográficos e local de encontros homossexuais) e Teatro Rival (no passado foi teatro de revista e rebolado, posteriormente casa de espetáculo das travestis mais renomadas do Rio de Janeiro: Rogéria, Divina Valéria, Jane Di Castro, Brigitte de Búzios, Fujika de Halliday, Camille K e Marquesa).

[25] **Dzi Croquettes** – Grupo teatral criado em 1972, com elenco estritamente masculino, tornou-se muito conhecido pela irreverência e talento de seus integrantes que, cantavam, dançavam e atuavam com maquiagem pesada e trajes femininos, exploravam temas como gênero, sexualidade e masculinidades. O grupo foi impedido de fazer algumas apresentações durante a ditadura, eis que a androginia do grupo chocava as autoridades militares. Os Dzi Croquettes já foram retratados em documentários e inúmeras pesquisas acadêmicas.

[26] **Madame Satã** – Transformista e artista, cujo nome verdadeiro era João Francisco dos Santos. Foi uma figura emblemática da primeira metade do século XX, na Lapa (Rio de Janeiro). Personagem conhecido por combinar marginalidade, boemia e homossexualidade, foi imortalizado, em 2002, através do filme biográfico *Madame Satã*, interpretado pelo ator Lázaro Ramos.

Figura 15 – Imagem extraída do folder do Rolê Visita Memórias e Resistência LGBTQIAP+[27]

Este roteiro é uma possibilidade que os componentes do grupo LGBTI+ têm de reconhecer territórios cuja existência tende a ser ocultada em uma sociedade heterocentrada. Nestes pontos, o convívio LGBTI+ dava-se com mais liberdade. Saber destes locais e transitar pelos mesmos é tornar viva a memória LGBTI+ e aguçar a percepção de que a cidade é para todos. Praças, ruas, edifícios, monumentos e memoriais são para usufruto de todos.

O folder de apresentação do "Rolé Visita – Memórias e Resistência LGBTQIAP+", contextualiza de forma correta estes locais e pessoas cujo protagonismo foi negado na sociedade carioca.

> Ao longo da história, as subjetividades e culturas LGBTQIAP+ foram perseguidas, marginalizadas e invisibilizadas. As vivências e resistências desses grupos aconteceram em diferentes tempos e espaços e é necessário resgatá-las e preservá-las para a construção de uma sociedade que respeite e aprenda com a diversidade de afetos e de gêneros. A história da própria sigla indica como, ao passar dos anos, foi necessário expandi-la devido à urgência de representar a diversidade de gêneros e orientações sexuais que não eram reconhecidas na sigla inicial GLS, a qual mencionava apenas gays, lésbicas e convocava apoiadores da causa como simpatizantes, mas excluía bissexuais, travestis, transexuais, pessoas queer, intersexo, assexuais e tantas outras representadas pelo símbolo +. Nesse Rolé em celebração ao mês do orgulho LGBTQIAP+ visitaremos lugares do

[27] https//rolecarioca.com.br/roteiro/74/mem—eresistencia-lgbtqiap.html

> centro do Rio de Janeiro que foram ocupados, ressignificados e transformados em símbolos de luta por essas comunidades e personalidades que as representaram, entendendo os usos potenciais dos espaços públicos, no passado e no presente, para a sociabilidade e afirmação de suas identidades. Será possível perceber as disputas de poder que fazem parte de nossa história e reconhecer os protagonismos que foram negados pelas narrativas tradicionais.[28]

A edição do *Rolê* dedicado *às Memórias e Resistência LGBTQIAP+* nos aproxima do que Yifat Gutman e Jenny Wüstenberg (2023) chamam de ativismo da memória: "... celebração estratégica de um passado contestado no intuito de obter mudanças políticas e mnemônicas, operando-se fora dos canais estatais". (Gutman; Wüstenberg, 2023, p. 5 [tradução nossa]). De acordo com as autoras, o ativismo da memória se envolve na pesquisa histórica, coleta traços de injustiças, desenvolve rituais de luto para minar narrativas oficiais, cria sítios alternativos para memórias, ou seja, envolve-se criativamente com o passado para transformá-lo num presente com mais significação. Portanto, estamos debatendo como a memória opera em comunhão com o ativismo, tendo em vista um desejo de transformação na sociedade.

Corroborando esta ideia de ativismo da memória também apoiamos nossa pesquisa no princípio de "hacer memoria" (fazer memória) sustentado por Vivian Urquidi, Ana Carolina Moura Almeida e Graziela Tavares de Souza Reis (2021), no artigo "Femigenocídio e cura: limites da reparação pela violência de gênero na guerra da Guatemala e a proposta de uma coletiva comunitária", segundo o qual os processos organizativos são alavancados para fazer memória e criar condições de não repetição da violência. No caso analisado pelas autoras, as indígenas maias, na Guatemala, deixam de obedecer uma autoridade externa e hierarquicamente superior, que aterroriza aquele grupo, passando a construir uma autoridade coletiva, de forma horizontal, com outras mulheres e validada pelas mesmas.

Mutatis mutandis, nós da comunidade LGBTI+, podemos e devemos adotar esta concepção de fazer memória, validando nossos próprios anseios, revisitando nossos momentos de dor e luta, para construção de uma sociedade mais equânime, em contraste à calada aceitação de parâmetros estritamente heteronarmativos.

Precisamos sublinhar que uma série de iniciativas de memória LGBTI+ têm sido

[28] Ibid.

desenvolvidas no Brasil no âmbito da museologia. Em 1996 foi inaugurado o Museu do Sexo da Bahia, por iniciativa do antropólogo Luiz Mott e do historiador Marcelo Cerqueira, com sede no Grupo Gay Bahia. A instituição reúne mais de 500 peças e conta com uma biblioteca especializada em sexo, com 2000 volumes, que passou a constituir um acervo material e de memória das sexualidades LGBTI+. Segundo seus fundadores, no artigo “O pioneiro Museu do Sexo da Bahia” (Mott; Cerqueira, 2023), seus objetivos são os seguintes:

> 1. Coletar, classificar e preservar as representações da sexualidade através da cultura material e intelectual, incluindo objetos da cultura popular e erudita com temática sexual e erótica, tanto no Brasil, como em outras culturas do mundo, com vistas a expor tais produtos culturais e intercambiar com museus congêneres; 2. Organizar uma biblioteca e coleção de posters, livros, revistas, jornais, folders, selos, cartões postais, filmes, discos, cds, vídeos, enfocando a sexualidade, o erotismo e a cultura LGBT, disponibilizando tal material à consulta de pesquisadores; 3. Organizar salas e exposições temporárias e itinerantes com temas específicos, visando a reconstituição histórica e contemporânea da cultura sexual brasileira (indígena, afrodescendente, europeia, lgbt), com vistas a captar sua diversidade, dialética e evolução; 4. Oferecer cursos e palestras sobre história e antropologia da sexualidade e do erotismo em geral e homoerotismo em particular, visando abrir o diálogo com professores de educação sexual, universitários e pesquisadores destas áreas de conhecimento; 5. Reservar uma seção do museu e das exposições permanentes e temporárias, sobre temas correlatos à educação sexual, Aids e às DSTs e seu impacto na sexualidade e *modus vivendi* do povo brasileiro, levando tais exposições para escolas, universidades e outras cidades e estados, com vistas à superação da sexofobia e da homofobia, construindo um mundo mais feliz e sexualmente saudável; 6. Estimular a discussão sobre a sexualidade humana e a cultura sexual com vistas a tornar mais eficaz a prevenção da Aids e infecções sexualmente transmissíveis através da realização de oficinas de sexo seguro (safer sex) e palestras sobre educação sexual, erradicando o preconceito e discriminação baseados na orientação sexual e identidade de gêneros. (Mott; Cerqueira, 2023, p. 62).

Tony Boita (2020), em sua obra “Museologia LGBT: cartografia das memórias LGBTQI+ em acervos, arquivos, patrimônios, monumentos e museus transgressores”, aponta ao menos 32 locais de produção ou estímulo à memória LGBTQI+ no Brasil. O autor afirma que o Museu da Diversidade Sexual/Centro de Cultura, Memória e Estudos da diversidade Sexual do Estado de São Paulo

> ... é o primeiro museu institucionalizado do Brasil que salvaguarda, pesquisa e difunde as memórias da Comunidade LGBT. Promove exposições, ações culturais e educativas, bem como a documentação e o mapeamento de acervos e coleções. (Boita, 2020, p. 95).

No tocante ao Rio de Janeiro, Boita aponta o Projeto Memorial no MUF,

desenvolvido no Museu de Favela, Pavão, Pavãozinho e Cantagalo e ações de valorização e diálogo com a comunidade LGBTI+ no Museu da Maré. Ainda no Rio de Janeiro, destacamos que o Grupo Arco Iris recentemente fez convite público às pessoas interessadas na colaboração para a formação de um acervo LGBTI+. Em São Paulo, o Museu Bajubá e o Museu de Ocupação e Narrativas do Arouche já são realidades.

Hugo Menezes Neto e Thiago Barcelos Soliva, em seus textos "Patrimônios LGBTQIAPN+: tensões e disputas no campo patrimonial" (2022) e "Musealizando a diferença: acervos e museus LGBTQIAPN+" (2023), lançam perspectivas para uma cidadania patrimonial na qual os indivíduos LGBTI+ reivindicam seus espaços e suas memórias, devendo as práticas de *arquivamento do eu* lograr obtenção de espaços museais, inclusive através das iniciativas virtuais, como se deu com o Acervo Bajubá e com o Blog Memórias e Histórias da Homossexualidade.

Na próxima página, encontramos o "Mapa Histórico-Cultural de Práticas e Manifestações dos Patrimônios LGBTQIA+ na Região do Largo do Arouche, São Paulo". O mapa foi idealizado e produzido pelo Museu de Ocupação e de Narrativas do Arouche (MONA) LGBTQIA+, em 2022, por iniciativa da Rede Paulista de Educacão Patrimonial, do Departamento de Geografia, Laboratório de Geografia Urbana, da Faculadade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP. No material gráfico do projeto somos informados que:

> MONA[29] é um museu diferente. Construída para dar visibilidade ao patrimônio cultural LGBTQIA+ da região do Arouche, a MONA é território, um espaço político de resistência [...] MONA é uma maneira de lutar contra preconceitos e todas as formas de discriminação à comunidade racializada de baixa renda e LGBTQIA+ que vive, ocupa, gera riqueza social, cultural e econômica. É uma estratégia de permanência no centro da cidade de São Paulo, região historicamente ocupada pela comunidade LGBTQIA+ que pulsa memórias, identidades

[29] A palavra "**mona**", no iorubá, significa mulher e alguns gays se tratam assim ou referem-se aos gays efeminados como monas. Portanto, existe também este sentido duplo, quando se pronuncia a palavra mona: Museu de Ocupação e Narrativas do Arouche e gay efeminado. Podemos dizer que esta palavra pertence ao **pajubá** – código linguístico e cultural utilizado principalmente pelas travestis como forma de proteção e irreverência. As principais palavras do pajubá se originam das línguas africanas, incluindo-se aí o iorubá.

> e segue (re)existindo! [...] MONA é uma mobilização social no sentido de uma educação para os direitos humanos.

Figura 16 – Mapa Histórico-Cultural de Práticas e Manifestações que são patrimônios LGBTQIA+ na região do Largo do Arouche, São Paulo. Imagem extraída do folder do MONA LGBTQIAP+

Foto: Eduardo Lima.

Dentre os principais lugares de visitação e memória LGBTI+ na região do Arouche, em São Paulo, apontados pelo mapa acima, podemos citar: Aparelha Luzia (quilombo urbano fundado por Erica Malunguinho – primeira deputada estadual trans, eleita em São Paulo). Café Vermont (histórico ponto de encontro entre as lésbicas na região do Arouche). Circuito das saunas e dos cinemas (espaços de sociabilidade, entretenimento e sexo). Circuito de acolhimento e saúde (instituições de multiprofissionais com caráter educativo e para prevenção de infecções sexualmente transmissíveis). Circuito de bares, baladas e restaurantes (locais de livre expressão identitária e de afeto para convivência da comunidade LGBTI+). Ferro's Bar (referência cultural das lésbicas, foi ponto histórico de articulação política de lésbicas e bissexuais). Geledés: Instituto da Mulher Negra (Organização da sociedade civil que atua na defesa de mulheres negras, incluindo as lésbicas, as bissexuais e as transsexuais). Largo do Arouche (destacado ponto LGBTI+, explorado por este grupo desde a década de 1950 e palco de muitas manifestações culturais e políticas). Museu da Diversidade Sexual (espaço para reflexão sobre diversidade sexual, a partir de lutas e conquistas LGBTI+, com vistas a possibilitar que o restante da sociedade melhor entenda sobre os corpos e as histórias LGBTI+). Ocupação em arte e cultura

LGBT+ (Galpões Funarte, Instituto Pólis, Galeria Olido, Biblioteca Mário de Andrade, Galpão Folias, Matilha Cultural). Praça da República (ponto de eventos públicos, como Virada Cultural e comícios públicos, consiste em local de encontro da comunidade LGBTI+ de classes sociais de menor poder aquisitivo e região de ocupação por profissionais do sexo). Ruas de trabalho (utilizadas por travestis, mulheres trans, gays e bissexuais, há mais de 30 anos operam como ponto de prostituição: Ruas Rego Freitas, Amaral Gurgel, Epitácio Pessoa, Santa Isabel e outras mais). Sindicato dos Artistas (teve papel importante no combate à censura e na luta contra a discriminação em função da Aids). Sindicato dos Jornalistas (também atuou de forma ativa contra a ditadura e, atualmente, possui uma Comissão LGBTI+ responsável por lutas contra a violência e a discriminação).

Em novembro de 2023 tive oportunidade de vivenciar e apreciar parte do acervo do Grupo Arco-Íris de Cidadania LGBTI+ do Rio de Janeiro na exposição “Amor e Luta, 30 anos do Grupo Arco-Íris”, na estação de metrô Carioca, Rio de Janeiro. Fiquei embasbacado com a riqueza de imagens, de informações e de conteúdos históricos e políticos: enfrentamento da ditadura, campanhas contra homofobia, a luta para o esclarecimento e os cuidados em relação a Aids, as temáticas das Paradas de Orgulho organizadas pelo Grupo Arco-Íris, as indumentárias das talentosas divas LGBTI+. Enfim, um universo a ser explorado e revelado. Após ter visto aquela exposição, entrei imediatamente em contato com o Grupo Arco-Íris e tomei conhecimento que aquela ONG está envidando esforços para a concretização do Museu do Movimento LGBTI+ (MuMo LGBTI+).

Matéria jornalística de Rafael Cardoso, publicada na sessão Direitos Humanos, da Agência Brasil, em 04.08.2023, como o título “Grupo Arco-Íris recebe certificado por promover memória social LGBTI+. Luta contra discriminação e violência marcam trajetória da comunidade”, justifica o certificado recebido pelo GAI, conferido pelo Ibram, como ponto de memória social, por promoção do patrimônio material e imaterial da comunidade LGBTI+:

> O grupo vem trabalhando há mais de uma década na preservação da memória social LGBTI+ brasileira. O trabalho de identificação e registro do acervo é feito desde 2010. O Centro de Memória foi criado em 2018 e, dois anos depois, surgiu um projeto para transformá-lo em museu. No início de 2023, o projeto foi aprovado, e o lançamento oficial do

> Museu Movimento LGBTI+ está previsto para setembro. As duas primeiras exposições serão: uma sobre as trajetórias do Movimento LGBTI+ e a outra, itinerante, sobre as edições das Paradas do Orgulho LGBTI+ do Rio desde 1995.[30]

3.3 DIREITO À CIDADE

Richard Sennet (1994), em sua obra "Carne e Pedra" nos apresenta o seguinte quadro da experiência urbana:

> A cidade tem sido um *locus* de poder, cujos espaços tornaram-se coerentes e completos à imagem do próprio homem. Mas também foi nelas que essas imagens se estilhaçaram, no contexto de agrupamentos diferentes – fator de intensificação da complexidade social – e que se apresentam umas às outras como estranhas. Todos esses aspectos da experiência urbana – diferença, complexidade, estranheza – sustentam a resistência à dominação. Essa geografia urbana, difícil e surpreendente, é que nos acena com uma promessa específica, baseada em valores morais, e pode abrigar os que se sentem como exilados do Paraíso. (Sennet, 1994, p. 25).

Uma das perguntas que faço é: os componentes da comunidade LGBTI+, no contexto das cidades brasileiras, sentem-se como "exilados do Paraíso"? A experiência citadina no Brasil, por parte dos integrantes daquela comunidade, desenvolve-se de forma tranquila e equânime? Óbvio que não. O LGBTI+cídio e a LGBTI+fobia é uma realidade nacional. Se pensarmos em termos de Sul Global, onde o subdesenvolvimento e suas mazelas (pobreza, fome, violência, insegurança, falta de escolas e ausência do Estado) rege o cotidiano da maior parte da população, tanto mais precária e problemática será nossa percepção de integração da população LGBTI+ à cidade.

Joice Berth (2023), em sua obra "Se a cidade fosse nossa", corrobora o propósito de que a cidade deve ser de todos:

> As contradições do Brasil nos levaram a ser um país que apagou – quase que totalmente - as referências que nos permitiriam encontrar a influência negra, indígena, ou a presença de mulheres e pessoas LGBTQIA+, na concepção e na formação das cidades. Reconhecer tais

[30] agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-08/grupo-arco-iris-recebe-certificado-por-promover-memoria-social-lgbti

> agentes sociais nos daria contornos da valorização e do orgulho nacional necessários. (Berth, 2023, p. 27).

Tomemos emprestado de Maria Alice Rezende de Carvalho (2009) a noção de "*cidade escassa"* para entender alguns contextos urbanos com limitações à experiência cidadã. A historiadora e socióloga nos diz:

> ...na prática, milhares de pessoas podem viver em espaços contínuos, sob a mesma jurisdição, sem que usufruam os mesmos direitos. Nesse caso, é como se a cidade não contivesse todos os seus habitantes, não os comportasse inteiramente. Portanto, uma cidade pode ser geograficamente ampla, com população numericamente expressiva e, mesmo assim, ser escassa, pois os seus predicados não se distribuem universalmente, isto é, não são acessíveis à maioria da população que nela reside (Carvalho, 2009, p. 224).

A mesma autora aponta ainda para as potencialidades de experiências citadinas positivas:

> Há que se observar, porém, que há cidades e...cidades. Há configurações urbanas em que essa potencialidade é tangível, fruto das lutas sociais e de certa articulação mais favorável entre atores políticos e sociais diversos. Nelas, como é previsível, vive-se em ambiente mais democrático e universalista. E há cidades em que, alternativamente, as qualidades de autonomia e de cidadania são menos evidentes e não se distribuem com a igualdade que se desejaria. Ali, o "valor-cidade" é escasso, não se estende a todos. Trata-se, afinal, de uma cidade escassa - expressão que sintetiza diferentes processos de subtração da possibilidade de vida livre e de ação autônoma para as grandes massas. (Carvalho, 2009, p. 226).

Nestes agrupamentos diferentes, apresentados por Sennet, num contexto de cidade escassa, que localizamos os monumentos, memoriais e placas, imbuídos que estão de suas cargas memorias, na maioria das vezes refletindo a dominação de brancos, numa sociedade heterocentrada. É com tais monumentos que formas de presença da memória LGBTI+ hão de disputar o espaço na urbe.

Durante esta pesquisa acabei por me inteirar que, apesar de uma forte crítica à urbanização, como precipitadora da impessoalidade e do isolamento dos indivíduos, alguns teóricos apresentam quadros sociais que se relacionam com a existência dos corpos dissidentes e com as diretrizes que estes tomaram, enquanto movimento social, dentro da urbe, no curso da história. Giddens (2023) aponta dois desses teóricos:

a) Georg Simmel como um precursor dos estudos do comportamento dos seres humanos nas metrópoles, captando o sentimento de indiferença e apatia dos indivíduos em relação aos demais componentes da sociedade. A demanda do trabalho, a necessidade de se entabular horários para os negócios, a locomoção diária para realizar o comércio e a prestação de serviço nas cidades. Fatores que diminuíram o tempo de convivência em família e com os amigos.

b) Ferdinand Tönies, que também teorizou sobre os efeitos da vida na cidade nos vínculos sociais e na solidariedade comunitária. Segundo Tönies, o crescimento urbano levou, inevitavelmente, à diminuição dos deveres e dos comprometimentos entre vizinhos e amigos, tendo em vista a perda gradual dos vínculos comunitários. Em contrapartida, a industrialização e a urbanização propiciaram o crescimento dos laços societários, caracterizados pela impessoalidade, pela transitoriedade e no interesse instrumental (no sentido de que a interação pode ser resumida a um simples serviço ou ação, como por exemplo, transportar uma pessoa, servir um café, lavar o automóvel).

Todavia, tais mudanças comportamentais em sociedade, introduzidas pelo capitalismo e pela industrialização, possibilitaram que inúmeros indivíduos perseguidos, ou insatisfeitos, com as interações familiares e sociais em suas células de convivência originárias, mudassem para as grandes cidades, onde poderiam usufruir de mais liberdade e autonomia, onde poderiam se reunir a outros indivíduos, com as mesmas demandas identitárias, para a proposição de mudanças. Este é um tema que se relaciona com nossa pesquisa e está diretamente relacionado a comunidade LGBTI+. Para muitos deste grupo, o deslocamento para uma cidade maior, ou outra cidade, pode significar sobrevivência.

A promoção da memória LGBTI+ também diz respeito a uma forma de promoção do “direito à cidade”. Conforme nos ensinou Lefebvre (2011): “...o direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita, ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada…” (Lefebvre, 2001, p.117).

O "direito à cidade" é um conceito fundamentalmente político e social. Para

seu idealizador, Lefebvre, o direito à cidade vai além do simples acesso aos recursos e infraestruturas urbanas; é o direito de todos os habitantes, especialmente os marginalizados, de participar na criação e transformação do espaço urbano. Esse direito implica uma reivindicação ao uso da cidade como um espaço coletivo que pertence a todos os seus habitantes, não apenas às elites econômicas e políticas.

Lefebvre entendia o direito à cidade como uma forma de resistência contra o capitalismo, que ele via como um sistema que aliena os indivíduos de seu próprio ambiente urbano ao transformar as cidades em mercadorias. O conceito propõe a reapropriação do espaço urbano pelos cidadãos, possibilitando a construção de uma cidade mais justa, onde as necessidades humanas e sociais sejam priorizadas sobre o lucro e a especulação imobiliária. Em resumo, para Lefebvre, o direito à cidade é o direito de moldar e ser parte do processo de urbanização, garantindo que as cidades sejam lugares de encontro, convivência e realização de potencialidades humanas, e não apenas produtos do desenvolvimento capitalista.

David Harvey (2014), um dos principais teóricos contemporâneos que abordou o conceito de "direito à cidade" a partir das ideias de Henri Lefebvre, fez uma releitura crítica e expansiva desse conceito. O autor vê o "direito à cidade" como uma reivindicação essencial contra as desigualdades urbanas geradas pelo capitalismo. Em sua argumentação, a cidade não é apenas um *locus* para relações sociais, mas um produto de disputas e conflitos entre grupos sociais.

Harvey é fortemente influenciado pelas ideias de Karl Marx e nos informa que o urbanismo é uma faceta do ambiente construído através do capitalismo industrial. No livro “Cidades Rebeldes”, o autor torna clara a sua visão de cidade como o ambiente de uma vida em comum, transitória e perpetuamente mutável e controlada por mecanismos inerentes ao capitalismo, que destrói a cidade como um comum social, político e habitável:

> Sem dúvida, o direito de usar esse comum deve ser concedido a todos aqueles que participaram de sua produção. Esta é certamente a base para a reivindicação do direito à cidade por parte dos trabalhadores coletivos responsáveis por sua criação. A luta pelo direito à cidade é contra os poderes do capital que se alimentam impiedosamente e extraem renda da vida comunal que outros produziram. Isso nos lembra que o problema real se encontra no

> caráter privado dos direitos de propriedade e do poder que eles conferem de apropriar não apenas o trabalho, como também as produções coletivas dos outros. Em outras palavras, o problema não é o comum *per se*, mas as relações entre os que o produzem e o conquistam pelo esforço em diferentes escalas e aqueles que dele se apropriam para seu benefício privado. Grande parte da corrupção que assola a política urbana relaciona-se ao modo como os investimentos públicos são alocados para algo que se assemelhe a comum, mas que promove ganhos em valores patrimoniais privados de proprietários privilegiados de bens imóveis. (Harvey, 2014, p. 153)

A abordagem de Harvey (2014) leva a discussão sobre o direito à cidade para um patamar muito mais amplo, envolvendo a discussão do espaço na urbe como constantemente reestruturado, tendo em vista o poderio que as grandes empresas têm de instalação e operacionalização de fábricas e centros de pesquisa, a capacidade de controle exercido pelos governos sobre a produção agrícola e industrial e a ingerência de investidores privados comprando imóveis e terras. É dentro deste contexto que se justifica o ativismo dos operários, dos ambientalistas e dos defensores de patrimônios culturais, constantemente ameaçados pela lógica do lucro, manipulada por uma elite econômica.

Acredito que as pessoas LGBTI+ devam, como muitas já têm feito, se aliar a estes grupos no intuito de defender e preservar espaços na urbe para todos os segmentos sociais, não apenas para a elite econômica. O direito à cidade, na forma proposta por Harvey (2014), como um direito daqueles que lutam para a construção de um comum social, revela-se verdadeiramente revolucionário, pois invoca mudanças estruturais.

Bianca Tavolari (2016), no artigo “Direito à cidade: uma trajetória conceitual”, aponta:

> ...o direito à cidade não se restringe a reivindicações imediatas dos movimentos por direitos ou serviços urbanos específicos – ele seria o conjunto dessas demandas, apontaria para outras noções como as de democracia, cidadania e autonomia, seria elemento constitutivo da formação de uma consciência ou experiência compartilhada pelos movimentos sociais. (Tavolari, 2016, p.102).

O exercício do direito à cidade é o tônus da dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo de Adriana Galuppo (2019), defendida na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais: “Cidade Queer, uma

autobiografia plural". A autora, que é fotógrafa, nos diz como um corpo dissidente pode ocupar e se tornar visível no espaço urbano, dando ênfase a imagem dos corpos que reforçam ou desviam das normas de gênero. A pesquisadora produz, em sua dissertação, um extenso repertório de fotografias que revelam os corpos-imagem divergentes do padrão heterossexual, que reivindicam e constroem espaços na cidade de Belo Horizonte. A partir dos desenhos criados por rotas e estratégias para adaptação e consolidação de um imaginário cotidiano, eles acabam por criar uma cidade *queer*, a despeito da norma. Segundo Gallupo, ao discutir as possibilidades de novas configurações para o entendimento de visibilidade, de trânsito e de ocupação da cidade, a população LGBTI+ acaba por respaldar o direito a uma vida mais vivível e ao reconhecimento.

Sobre a capacidade de transformação do espaço urbano, em razão da pressão do grupo no qual nos detemos nesta pesquisa, Giddens (2021) aponta para a pesquisa de Manuel Castells:

> Castells enfatiza a importância das lutas dos grupos menos privilegiados para alterar suas condições de vida. Os problemas urbanos estimulam uma variedade de movimentos sociais, preocupados em melhorar as condições de habitação, protestando contra a poluição do ar, defendo parques e áreas de proteção ambiental e combatendo o desenvolvimento urbano que muda a natureza de uma área. Castells estudou o movimento gay em São Francisco, que conseguiu reestruturar bairros em torno de seus próprios valores culturais – permitindo que muitas organizações, clubes e bares gays florescessem – e adquiriu uma posição proeminente na política local (Giddens, 2021, p. 526).

Adriana Galuppo nos apresenta uma possibilidade de cidade através do traçado, das locomoções e desenhos da população queer. Manuel Castells evidencia as mudanças operadas e alcançadas na cidade, tendo em vista a organização e a ação dos movimentos sociais, o que acaba por explicar a existência do Memorial na Praça Harvey Milk em São Francisco, relevante referência para a comunidade LGBTI+, conforme apontaremos no capítulo 4.

Carolina Nogueira (2021), em sua dissertação de mestrado na Escola de Arquitetura da UFMG intitulada "Diversidade Carnavalizada, Experiência e Luta LGBT+ na e pela Cidade", nos demonstra como é possível o uso e as ocupações dos espaços públicos, em nome do direito à cidade, em Belo Horizonte (MG), tendo

em vista uma sequência de manifestações socioespaciais de caráter cultural e político, como foram os casos da Praia da Estação[31] e o Carnaval de Rua, onde a comunidade LGBTI+ inicia o processo de apropriação do espaço público, através de experiências urbanas, que classifica em: *experiência urbana ordenada* (onde ideologias políticas foram conformadas através do processo de urbanização), *experiência urbana restringida* (na qual se percebe que a cultura heteronormativa impõe limites ao uso da cidade por parte da comunidade LGBTI+) e a *experiência urbana transformada* (em que o carnaval de rua opera como experiência e imaginários de uma ocupação pacífica de territórios da cidade, por parte da comunidade LGBTI+, subvertendo-se as restrições impostas pela heteronormatividade). A autora baseou seu estudo no movimento artístico, político e cultural conhecido como *Internacional Situacionista* que discute amplamente a passividade e a alienação das relações sociais na cidade e propõe uma produção do espaço urbano de forma ativa e transformadora da realidade.

Ao se referir a experiência do território subversivo gerado por um dos blocos carnavalescos de Belo Horizonte (Abalô-Caxi), Nogueira (2021) escreveu:

> Ao se apoderar desses espaços por um período de tempo, tratando com normalidade as relações e os corpos LGBT+, o bloco torna possível a conformação de um território que aparenta subverter as relações de poder que dominam o espaço público, visto que, de modo geral, as experiências alí vivenciadas não são comuns no cotidiano, como a demonstração pública de afeto entre pessoas LGBT+, as *performances* questionadoras de gênero e até o papel de destaque e liderança de pessoas trans. (Nogueira, 2021, p. 79).

A dissertação de Carolina Nogueira dialoga com a obra de James Green (1999), “Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX”, no sentido de jogarem luz sobre as relações estabelecidas durante o período carnavalesco, quando há uma aparente suspensão da heteronormatividade e uma “permissão” para uma livre vivência LGBTI+. Na verdade, ambos os trabalhos

[31] **Praia da Estação** – Movimento surgido pincipalmente como reação ao Decreto Municipal 13.798/2009, da gestão do prefeito de Belo Horizonte, Márcio Lacerda, que proibia a realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, no centro daquela cidade, o que gerou um forte movimento na Internet, convocando a população para que comparecesse na Praça da Estação em trajes de banho e portando acessórios de praia. O movimento Praia da Estação continuou acontecendo, mesmo depois de enfrentamentos com a polícia, potencializando o desejo LGBT+ de ocupação e uso de espaços públicos na capital mineira.

demonstram que as cidades brasileiras, somente no período carnavalesco e em outros momentos de suspensão, como as paradas do orgulho, são ocupadas e usufruídas com mais liberdade pela população LGBTI+. Esta exceção, que constitui uma coexistência de modos de viver diferentes, pacificamente, ressalta ainda mais aquele cotidiano de cidades que não são usadas e usufruídas em plenitude.

Entendo que a comunidade LGBTI+ deve travar o maior esforço político possível para a construção da sua memória coletiva, reforçando o conceito de cultura LGBTI+ e criando um senso comunitário LGBTI+. Pensemos na monumentalidade nas urbes que, em regra, reflete um ideal de higienização no qual corpos LGBTI+ são excluídos, tendo em vista que se preconiza regramentos heteronormativos, partidários da eliminação dos corpos dissidentes.

Como bem preconiza Johann Michel (2010), a memória coletiva não é apenas uma construção positiva, mas também pode ser destrutiva. Nesse contexto, o esquecimento-destruição refere-se a processos que apagam ou eliminam ativamente memórias, muitas vezes com intenções específicas. Esta noção destaca como a memória pode ser moldada e manipulada, não apenas preservada.

Quando investigamos a quase ausência da monumentalidade LGBTI+ no Brasil, estamos falando de um país onde indivíduos LGBTI+ ainda não ocupam a centralidade que almejam. Ao contrário, corpos LGBTI+ são mais assassinados no Brasil do que em qualquer outra parte do mundo.

Entretanto, novos ventos também trazem novidades. Exemplo da pluralidade e da representatividade que o grupo LGBTI+ almeja, em outubro de 2022, Érika Hilton, integrante do PSOL, tornou-se a primeira travesti eleita deputada federal por São Paulo. Foi a primeira mulher trans a presidir uma sessão da Câmara dos Deputados. É vice-presidente da Comissão de Direitos Humanos no parlamento e esteve entre as integrantes da CPMI que apurou os atos golpistas de 08.01.2023. Érika Hilton atualmente é uma das vozes de maior representatividade da comunidade LGBTI+, notabilizando-se por discursos contundentes contra a ultradireita nacional e sua pauta retrógrada de “costumes”.

Um bom exemplo da forma como corpos dissidentes podem usufruir de forma ativa a cidade é a Comunidade Trans no Corre, definida no Instagram como grupo

de corrida de rua liderado por pessoas trans. Saindo das margens e invadindo a cidade! Esta comunidade se reúne nos fins de semana, em determinada área do Minhocão[32], na capital paulista, onde se sente mais segura e mais à vontade para práticas esportivas.

Figura 14 – Imagem extraída do Instagram da comunidade Trans no Corre[33]

[32] **Minhocão** – Nome popular do Elevado Presidente João Goulart, inaugurado em 1971, medindo aproximadamente 3,5 km, que ocupa a região central da Capital do Estado de São Paulo.
[33] #transnocorre. Acesso em: 26.08.2024.

4 MARCOS LGBTI+: MONUMENTOS, MEMORIAIS E PLACAS

4.1 MONUMENTOS, MEMORIAIS E MEMÓRIA LGBTI+

Os monumentos são representações imbuídas de forte simbologia, repletos que estão de conteúdo político e com enorme capacidade evocativa. A importância dos monumentos para a criação dos imaginários coletivos sobre o passado é indiscutível. Apesar de algumas diferenças formais, podemos recorrer à definição de monumento da historiadora francesa Françoise Choay (2006)

> O sentido original do termo é o do latim monumentum, que por sua vez deriva de monere (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele está localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. Para aqueles que edificam, assim como para os destinatários das lembranças que veiculam, o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança. O monumento assegura, acalma, tranquiliza, conjurando o ser do tempo. Ele constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos. Desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, ele tenta combater a angústia da morte e do aniquilamento. (Choay, 2006, p.17)

Zilá Bernd (2017), no “Dicionário de Expressões da Memória Social dos Bens Culturais e da Cibercultura*”,* nos apresenta a origem da palavra memorial:

> Em língua francesa Mémoires, Mémorialisme. Um “mémoire” (memorial) é como seu nome o indica um conjunto de notas destinadas a conservar as marcas de um fato. As primeiras produções atestadas desse gênero guardam as marcas de sua função primordial: memórias históricas, científicas, jurídicas etc., que foram definidas como “relações de fatos ou acontecimentos particulares para servir à história” (*Dicionário da Academia Francesa, 1694*). Hoje, esses relatos abundam e o emprego da palavra no plural (memórias) designa, desde o século XVI, um gênero que participa ao mesmo tempo da história (crônicas e anais) e da autobiografia, narrativa na qual uma pessoa

> relata fatos que considera dignos ou necessários a um testemunho ou justificativa. (Bernd, 2017, p.206).

Logo, podemos falar de monumentos e memoriais, de patrimônios e acervos culturais LGBTI+, que têm o potencial de narrar a história e as lutas da comunidade LGBTI+. É precisamente nas formas de presença e ausência LGBTI+, cristalizadas na forma de placas, memoriais e monumentos, prenhes de imagens, sonhos, datas, sofrimentos e alegrias, ligadas especificamente àquele grupo que aprofundamos o exame antropológico e sociológico, nesta pesquisa.

Liliana Ramos Collado (2016) repassa a tradição ocidental do monumento como objeto social complexo e nos lembra que "não são todos os monumentos que têm a ver com triunfo, com a exaltação de um momento histórico ou façanha heróica de uma comunidade" (p.5). A pesquisadora porto-riquenha menciona espaços reservados para a ausência, como a Praça da Bastilha em Paris, o Muro de Berlim e a definição de *dark heritage* da Unesco:

> ...locais onde foram perpetrados crimes contra a humanidade, como campos de concentração nazistas e locais onde escravos foram explorados. Esta herança sombria também explica a memória traumatizada, a crueldade que a humanidade desumana pode exercer. (Collado, 2016, p.5).

A mesma autora analisou o Monumento às Vítimas do Massacre de Orlando, erigido em Porto Rico, em memória das pessoas assassinadas na Boate Pulse[34]. De acordo com Collado (2016) a obra não se sustenta por si, precisa ser ativada todos os anos através da Marcha do Orgulho LGBTT, que encerra naquele monumento uma verdadeira "peregrinação política". As práticas de casais homossexuais nas proximidades do monumento, como beijos – que podem ser perigosos, se dados em público em outros contextos – compõem a performance de um "ritual de liberdade" e de afirmação coletiva.

Nesse sentido, um monumento que materializa a memória de uma tragédia no espaço público não é apenas uma lápide. É também o marco que convoca à

[34] Em 12.06.2016 um homem abriu fogo na popular casa noturna gay chamada Pulse (Orlando, Flórida – EUA). 50 pessoas, gays ou simpatizantes, foram mortas e cinquenta e três ficaram feridas. A maioria formada por cidadãos norte-americanos de origem latina, ou turistas também latinos. Porto-riquenhos em sua grande maioria.

celebração de conquistas de direitos e outras vivências da coletividade LGBTI+. Por isso, é preciso investigar não só o que os idealizadores dos monumentos e memoriais desejavam ao criar tais obras, mas também como elas atuam no cotidiano e nas festas. Precisamos aprofundar o exame socioantropológico de suas motivações, importância e modos de funcionamento no âmbito de coletividades, em especial dos movimentos sociais.

Não ignoramos o viés socialmente problemático de monumentos e memoriais LGBTI+. Como Michael Pollak (1989) acentua:

> Esse reconhecimento do caráter potencialmente problemático de uma memória coletiva já anuncia a inversão de perspectiva que marca os trabalhos atuais sobre esse fenômeno [...] Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso da memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. Ao contrário de Maurice Halbwachs, ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. (Pollak, 1989, p. 2).

Portanto, quando tratamos aqui da memória LGBTI+ estamos lidando, conforme Pollak, com a memória de uma cultura dominada, periférica e marginalizada. Quando adentramos nas zonas mais periféricas da comunidade LGBTI+, que não dizem respeito às centralidades metropolitanas de homens brancos cis, nos núcleos heterocentrados das cidades brasileiras, damos conta da necessidade da existência de referenciais memoriais de contemplação, de pesquisa, de trabalho e de lazer, que dialoguem com a diversas redes de corpos dissidentes que se espalham pela cidade.

Em algumas cidades espalhadas pelo mundo, monumentos às causas LGBTI+ são construídos para promover a memória deste grupo e para salvaguardar seus direitos. Estes monumentos mantêm viva a história do movimento LGBTI+ e propiciam uma série de rituais que reforçam a existência dos componentes deste grupo, retirando-os, ao menos simbolicamente, da margem da sociedade, colocando-os no centro, nos locais de visibilidade, pontos de intenso trânsito humano e de plena convivência. Disputando os pontos de visitação nas cidades como quaisquer outros monumentos.

De acordo com o arquiteto e urbanista Gabriel Santiago Pedrotti, na reportagem

de Leonardo Valle (2023), “Sem monumentos e tombamentos, memória LGBTQIA+ é apagada da arquitetura das cidades”, há um evidente apagamento da memória LGBTQIA+ na sociedade, que se reflete na arquitetura das cidades. Conforme as palavras daquele arquiteto e urbanista, os apagamentos se manifestam pela ausência de monumentos e de marcos públicos, na demolição de locais históricos LGBTI+ e no não registro da história da comunidade em documentos oficiais (mapas, registros de propriedade e arquivos municipais). Pedrotti, na mesma reportagem, afirma que o vandalismo das poucas iniciativas, a falta de fomento, o enfraquecimento de políticas públicas, os preconceitos estruturais e a LGBTI+fobia estão entre as causas da escassez da memória LGBTI+. Das iniciativas recentes, Pedrotti cita a criação do Patrimônio Cultural do Circuito da Diversidade no Rio de Janeiro, inaugurado em 2021, no qual se destacam a Placa de João do Rio e a placa de Lota de Macedo Soares.

Figura 15 – Placa em homenagem a João do Rio, Largo da Carioca, Rio de Janeiro

Foto: Eduardo Lima, 2024

Figura 16 – Saída da Estação Carioca (direção Rua da Carioca). A placa em homenagem a João do Rio, que não aparece nesta foto, foi “escondida” no paredão de concreto, à esquerda na fotografia, voltada para o Largo da Carioca, acima de um plano elevado daquele largo, totalmente fora da visibilidade dos transeuntes

Foto: Eduardo Lima, 2024

Figura 17 – Imagem ressaltando a pequena placa de João do Rio, “escondida” em local praticamente inacessível no Largo da Carioca

Foto: Eduardo Lima, 2024

A placa em homenagem a João do Rio encontra-se fixada na parte externa de um paredão de concreto, que constitui parte da saída da Estação de Metrô Carioca, direcionada para a Rua da Uruguaiana. A visualização da placa e o acesso à mesma não são nada fáceis. A placa é de pequeno porte e para vê-la é necessário subir uma estrutura de cimento, de aproximadamente meio metro. Parece tratar-se de uma área concebida para ser um jardim suspenso. Todavia, encontra-se atrás de uma tenda da Guarda Civil, com bastante sujeira pelo chão, isolada entre uma das saídas do metrô e a parte posterior da tenda montada pela Guarda Civil carioca. Apesar de utilizar bastante esta estação de metrô, somente depois de muito especular sobre a localização da placa a encontrei timidamente exposta, numa parte super elevada do paredão de concreto, voltada para o Largo da Carioca. A referida placa contém a seguinte inscrição:

PATRIMÔNIO CULTURAL CARIOCA
JOÃO DO RIO
Circuito da Diversidade
Paulo Barreto, o João do Rio (1881-1921)
negro, homossexual, profissionalizou
o jornalismo e levou o repórter às
ruas, registrando tipos e costumes
populares da cidade.

A placa de João do Rio faz parte do Circuito da Diversidade, iniciativa da Coordenadoria Executiva da Diversidade Sexual e foi executada por meio da Secretaria da Cultura, sendo inaugurada como parte das comemorações do Dia Internacional do Orgulho LGBTI+, na cidade do Rio de Janeiro, em 28.06.2021. A placa em homenagem a Lota de Macedo Soares, que não existe mais, também fazia parte daquele Circuito da Diversidade.

Figura 18 – Primeira placa em homenagem a Lota de Macedo Soares, no Parque do Flamengo. Imagem extraída da matéria de Rogério Marques, publicada em 26.03.2022, site do GGN.[35]

A placa de Lota de Macedo Soares encontrava-se, inicialmente, fixada numa haste de madeira, atrás de um grande monolito ao lado do passeio de asfalto, colado à Praia do Flamengo, na direção da Rua Dois de Dezembro. De acordo com a reportagem "Lota sofre agressões homofóbicas no parque que idealizou com paixão"[36].

> Agora, nove meses depois do primeiro ato de vandalismo, a prefeitura partiu para uma segunda tentativa. No dia 18 de março a placa foi instalada no mesmo local, desta vez num pequeno bloco de concreto, com a iluminação ao redor reforçada. Não adiantou. Dois dias depois da reinstalação, como da outra vez, também de madrugada, todas as letras do texto informativo foram arrancadas. Provavelmente, o que

[35] https://jornalggn.com.br/direitos-humanos/lota-sofre-agressoes-homofobicas-no-parque-que-idealizou-com-paixao-por-rogerio-marques/. Acesso em: 29.08.2024.

[36] Ibid

> incomoda os autores deste crime contra o patrimônio público é a palavra “lésbica” no texto sobre Lota.[37]

É interessante perceber que, como indica o título da reportagem citada, não só a placa, mas a própria Lota de Macedo Soares foi agredida. A referida placa continha a seguinte inscrição:

PATRIMÔNIO CULTURAL CARIOCA
Lota de Macedo Soares
Circuito da Diversidade
Maria Carlota Costallat de Macedo
Soares (1910 – 1957), lésbica, arquiteta e
urbanista autodidata, é autora da ideia
original do Parque do Flamengo,
na qual trabalhou com paixão.

Como vimos nas inscrições acima, consta a palavra **homossexual** na placa de João do Rio e constava a palavra **lésbica** na placa de Lota de Macedo Soares, o que poderia constituir uma excelente forma de naturalização destas terminologias. Todavia, a placa de João do Rio encontra-se praticamente escondida e a placa de Lota de Macedo Soares não existe mais.

Em 24.06.2024, estive na Praia do Flamengo e indaguei a um senhor que organizava objetos para práticas esportivas, próximo ao local onde se encontrava a placa de Lota de Macedo Soares, se o mesmo se recordava de uma placa naquele local, o senhor me disse que se recordava da placa, que a mesma era de plástico e foi destruída pela própria ação do tempo e, antecipando uma eventual pergunta, já disse que não acreditava ter sido resultado de vandalismo.

Quando me deparei com o pequeno totem de concreto, onde outrora a segunda placa de Lota de Macedo Soares esteve fixada, percebi apenas ranhuras numa pequena superfície circular áspera. Embora não tenha conseguido apurar com precisão o ocorrido com a placa, ao passar a mão na superfície, pensei no tipo de moralidade que graça em nosso país, que considera ser impossível a visão das palavras **homossexual** e **lésbica,** em espaços públicos das cidades, mas convive diariamente com a fome, com a violência e com a poluição nas mesmas. Pensei no

[37] Ibid.

crescente sectarismo político-religioso que já faz parte de nossa realidade e que pensa poder arrogar para si o que as pessoas podem, ou não podem fazer, com suas sexualidades.

Amsterdã, Berlim, Nova Iorque, Chicago, São Francisco, Toronto, Vancouver, Bruxelas, Londres, Manchester, Sidnei, Tel Aviv, Durango, Santiago, e outras tantas cidades, possuem monumentos e placas LGBTI+. De forma resumida podemos dizer que algumas destas materialidades foram inauguradas para celebrar a causa e as lutas da comunidade LGBTI+, outras tantas foram concebidas como homenagens aos componentes da comunidade LGBTI+ perseguidos e executados durante a Segunda Guerra Mundial, outras *in memorian* às inúmeras vítimas do HIV e finalmente outras foram imaginadas para reverenciar celebridades e personalidades LGBTI+.

4.2 MEMÓRIA LGBTI+ NAS CIDADES

Abaixo apresento algumas imagens de monumentos, estátuas ou memoriais LGBTI+ que exemplificam a classificação elaborada pelo mestrando.

4.2.1 Monumentos erigidos para celebrar a causa e as lutas da comunidade LGBTI+: Monumento aos homossexuais em Amsterdã

Nos dias 8 e 9 de setembro de 2023, estive no *Homomonument* (Monumento aos Homossexuais), em Amsterdã (Holanda) e acabei por identificar um exemplo de monumento dedicado à causa LGBTI+. O monumento encontra-se na região central daquela cidade, sendo possível acessá-lo facilmente caminhando, por automóvel, pelo canal ou por conduções públicas que circulam próximas ao local.

Figura 19 – Imagem do *Homomonument*

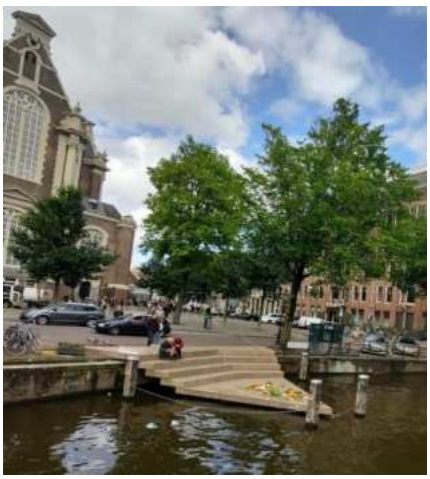


Foto: Eduardo Lima, 2023

Em consulta a postagem disparada pelo Instagram, disponível em: *#homomonument,* com acesso no dia 26.08.2023, lemos:

> *… O Monumento aos Homossexuais é um monumento vivo: pertence a todos nós. Um local de encontro para protestar, celebrar e comemorar. Com nosso novo site oferecemos ajuda na organização de seu protesto no Monumento dos Homossexuais, como informações sobre alto-falante e permissões. Também fornecemos espaço virtual para protesto e memória, para aqueles que não podem comparecer ao Monumento aos Homossexuais. Vamos compartilhar nossa agenda e registrar voluntários*..." [Tradução nossa].

O Monumento aos Homossexuais é constituído por três grandes triângulos de granito de cor rosa, incrustrados no solo, que formam um grande triângulo rosa, dispostos no Centro de Amsterdã, às margens do Keizersgracht Canal.

Figura 20 – Imagem extraída de folder explicativo do *Homomonument*. Amsterdã. Folder disponível, em 26.08.2023, sobre um dos triângulos de granito que compõem o mesmo.

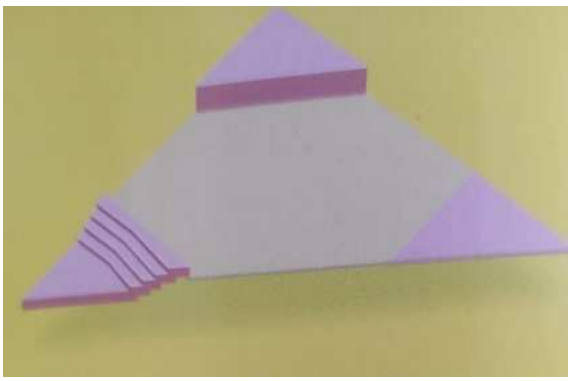


Foto: Eduardo Lima

O triângulo contendo degraus adentra o *Keizersgracht* Canal, ao passo que os outros dois triângulos são separados daquele por uma via de automóveis e a população circula entre estas três estruturas, podendo utilizá-las como área de turismo, lazer ou protesto.

O triângulo rosa, que identificava os homossexuais, bissexuais e transgêneros na Alemanha nazista, neste monumento, torna-se símbolo da emancipação da comunidade LGBTI+.

O Monumento aos Homossexuais, em Amsterdã, resultou de forte movimento social que teve seu apogeu na primavera de 1979, na Holanda, quando o movimento pelos direitos dos gays encontrava-se fortíssimo, a homossexualidade já era discutida abertamente e não era mais vista como uma enfermidade.

Dois foram os objetivos principais para a construção do Monumento aos Homossexuais em Amsterdã: servir como memorial aos homens e às mulheres homossexuais perseguidos e mortos durante a Segunda Guerra Mundial e servir como forma de inspiração para os homens e mulheres homossexuais que continuam a sofrer perseguições em nossos dias.

Visitei este monumento em dois dias consecutivos e durante o período em que estive no local observei a presença de muitos turistas, casais e grupos de homossexuais, de diversas origens e de diversas faixas etárias, que tiravam fotografias, liam parte de uma poesia de cunho homossexual inscrita em baixo relevo, em um dos triângulos e a placa explicativa do monumento.

Dentre as impressões que colhi no local, me chamou especial atenção a liberdade e a naturalidade como a afetividade entre os gays e as lésbicas era vivenciada no local. O usufruto e o gozo do espaço público estavam sendo exercidos plenamente por aqueles indivíduos. Pensei imediatamente no pleno direito à cidade. Aquele ponto de grande circulação em Amsterdã, com aquelas pessoas, não representava ameaça nenhuma a ninguém. Pode-se dizer que foram apenas dias comuns, com pessoas comuns deambulando por uma fração central daquela cidade, onde se prestigiava a causa LGBTI+. Talvez o olhar mais curioso e tímido, naqueles instantes, tenha sido o do próprio mestrando, originário de um país do sul global, onde

as instituições democráticas haviam sido abertamente ameaçadas no último quadriênio governamental.

4.2.2 Monumentos concebidos para homenagear os componentes da comunidade LGBTI+ perseguidos e executados durante a Segunda Guerra Mundial: Memorial aos homossexuais perseguidos pelo nazismo, em Berlim (Alemanha)

Inaugurado em 2008, consiste em um grande cubo de concreto, instalado no Parque Central de Tiergarten, que fez reconhecimento tardio da repressão aos homossexuais durante o Terceiro Reich. Acredita-se que por volta de 50.000 homossexuais foram condenados pelas cortes nazistas durante os 12 anos de regime hitlerista, quando foram sujeitos à castração, enviados para campos de concentração, executados ou mortos por fome ou doença.

O monumento dialoga com o grandioso Memorial dos Judeus Mortos na Europa, composto por 2.710 estelas (monumentos em forma de monolitos de concreto), diferenciando-se por se encontrar destacado dos demais e por apresentar, através de uma janela quadrada, dois homens se abraçando e se beijando continuamente.

Apesar de ainda não conhecer este monumento pessoalmente, acredito que a continua imagem de dois homens se beijando, sem dúvidas, tem o condão de naturalizar a afetividade entre os homossexuais, o que é um excelente aprendizado da tolerância em sociedade. Quanto à opção por fazer o “Memorial aos homossexuais perseguidos pelo nazismo” destacado de um Memorial dos Judeus Mortos na Europa, nos parece bastante problemático, suscitando todas as questões de disputas e apagamentos que são inerentes ao debate memorial LGBTI+. Por que o monolito representativo da comunidade LGBTI+, com aquelas imagens de homens se beijando, não integra os demais monolitos?

Figura 21 – Memorial dos homossexuais perseguidos pelo nazismo, Berlim, Alemanha. Foto de Carmem Guerreiro. Site do Memorial dos Judeus Mortos na Europa[38]

Em consulta ao site do Memorial dos Judeus Mortos na Europa obtivemos a seguinte informação:

> ...Na Alemanha Nazista, a perseguição homossexual tomou proporções sem paralelo na história. Em 1935, os nazistas determinaram a criminalização total do homossexualismo masculino. Para obter este fim, as previsões legais contra a conduta homossexual, incluídas no parágrafo 175 do Código Criminal, tornaram-se mais severas e abrangentes. Naquele momento um beijo entre homens poderia gerar uma perseguição. Incorrer no parágrafo 175 do Código Criminal significava prisão ou penitenciária. Aconteceram mais de 50.000 condenações. Uma parte dos condenados foram forçados a castração. Milhares de gays foram transportados para os campos de concentração por conta da homossexualidade. Nos campos de concentração, como Dachau (perto de Munique), por exemplo, eles eram obrigados a usar um triângulo rosa na roupa, como forma de identificá-los. Uma grande parte dos homossexuais enviados aos campos de concentração não sobreviveu. Eles morriam de fome, doença, violência ou por serem alvos de assassinatos. Os nazistas esmagaram vidas de gays e lésbicas. [...] Por muito tempo as vítimas homossexuais do Nazismo permaneceram excluídas da cultura memorial dos dois Estados Alemães do pós-guerra. Na Alemanha Ocidental, como na Alemanha Oriental, gays permaneceram sendo perseguidos por décadas. Na República Federativa da Alemanha, o parágrafo 175 permaneceu vigente até 1969. (Memorial dos Homossexuais Perseguidos Durante o Nazismo. [39]

[38] https://www.stiftung-denkmal.de/en/memorials/. Acesso em: 29.08.2024.

[39] Ibid

4.2.3 Memoriais ou monumentos concebidos in memorian às inúmeras vítimas do HIV: Memorial Nacional da AIDS em São Francisco

A Califórnia, mais especificamente sua Capital, São Francisco, foi devastada pela Aids na década de 1990. Os gays, que representavam (e ainda representam) quantitativa e qualitativamente, uma comunidade bastante ativa naquele Estado, sofreram um fortíssimo impacto da epidemia da Aids. Inúmeras foram as mortes e uma das formas que o movimento gay encontrou para lidar com o trauma e a dor causados por aquele vírus foi a criação de locais para honrar as vidas perdidas para a Aids e acalentar os familiares e amigos que foram atingidos direta ou indiretamente. Em 1996, “The Groove”, foi sancionado pelo Presidente Bill Clinton como Memorial Nacional da Aids. Milhares de nomes de vítimas da Aids estão registrados nos bancos, nas pedras e por toda paisagem do Golden Gate Park, onde fica situado o memorial.

Figura 22 – National AIDS Memorial Groove. Imagem extraída do site do National Aids Memorial, São Francisco, EUA.[40]

[40] https://aidsmemorial.org. Acesso em: 29.08.2024

Figura 23 – Imagem de nomes de vitimados pelo HIV, inscritos no National AIDS Memorial Groove. Site do National Aids Memorial, São Francisco, EUA.[41]

Em consulta ao site do Memorial Nacional da Aids, logo na primeira página consta a seguinte informação:

> ... NOSSO FOCO – Compartilhando as histórias das lutas contra HIV/AIDS, nós lembramos, perpetuamente, as vidas perdidas, nós oferecemos acolhimento e esperança para os sobreviventes e inspiramos novas gerações de ativistas na luta contra o estigma, a negação e o ódio, para alcançarmos um futuro melhor (National Aids Memorial. [Tradução nossa][42]

Impressionou o pesquisador o nível de organização política e riqueza de informações oferecidas no site do Memorial Nacional da Aids que inclui: oferta de bolsa de estudo para jovens ativistas (nas modalidades jovens líderes e ativistas artísticos); link para doações; área para venda de roupas e adereços concernentes à causa LGBTI+, agenda de atividades, vídeos abordando temáticas específicas da comunidade LGBTI+, por exemplo: A comunidade de negros e a Aids; A comunidade de asiáticos e a Aids; Os transexuais e a Aids. Este aparato organizacional demonstra comprometimento de parte da sociedade estadunidense com as causas LGBTI+ e as especificidades das pessoas que as configuram.

---

[41] Ibid.
[42] Ibid.

4.2.4 Estátuas ou memoriais edificados para reverenciar celebridades e personalidades LGBTI+: Memorial a Alan Turing em Manchester, Inglaterra

Alan Turing é considerado o pai da computação moderna e foi responsável pela criação da “bomba eletromecânica”, que decifrou o código da máquina Enigma, utilizada pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, o que possibilitou que os Aliados passassem a ter acesso a informações privilegiadas, feito importantíssimo para a derrota Nazifascista. O filme “O Jogo da Imitação” (2014), narra este período de pesquisa de Alan Turing, interpretado pelo ator Benedict Cumberbatch.

Alan Turing era homossexual e acredita-se que ele tenha tirado a própria vida, em 1954, após ter sido condenado por *gross indecency*, que na Inglaterra, daquela época, era o crime consistente na prática de atos sexuais entre dois homens, que não envolvesse a penetração, que seria hipótese de sodomia.

O memorial foi inaugurado em 23.06.2001 e fica localizado nos Jardins de Sackville, entre a Rua do Canal (área de convivência gay de Manchester) e a Rua Whithworth. Atrás dos jardins encontra-se um dos prédios da Universidade de Manchester. No centro dos Jardins de Sackville encontra-se a estátua de Alan Turing segurando uma maçã. No chão, próxima à estátua, foi fixada uma placa com a seguinte inscrição:

Alan Mathison Turing

1912 – 1954

Pai da Ciência da Computacão

Matemático, Lógico, Decifrador de Códigos de Guerra

Vítima do preconceito

****

“Matemática, vista corretamente, possui não apenas verdade, mas suprema beleza, uma beleza fria e austera como uma escultura” – Bertrand Russel

Figura 24 – Placa em homenagem ao cientista homossexual Alan Turing, Manchester, Inglaterra

Foto: Eduardo Lima, 2023

À frente da placa indicada acima, no chão, foi instalado um pequeno mosaico com a réplica da bandeira LGBTI+.

À medida que comecei a observar mais detidamente os monumentos LGBTI+ fora do Brasil, também comecei a relacioná-los com alguns monumentos nacionais que veremos adiante. No caso desta placa, à frente da estátua de Alan Turing, fui remetido imediatamente à placa que se encontra ao lado da estátua do ator Paulo Gustavo, no Campo de São Banto, Niterói, inaugurada em 22.11.2021. Tanto Alan Turing, como Paulo Gustavo eram homossexuais. Todavia, nenhuma das duas placas encerram esta informação. No caso da placa de Alan Turing o que mais nos interessa, como membros da comunidade LGBTI+, é a informação: vítima do preconceito. No caso da placa de Paulo Gustavo, cujo estudo nos deteremos com mais atenção no quinto capítulo, levando-se em consideração os mesmos interesses de grupo, o que mais nos chama atenção é a informação: “Virou símbolo de luta, de amor. Quebrou rótulos e preconceitos e combateu a intolerância”.

Minha reflexão é dirigida para esta ausência, tão lamentada pelo movimento LGBTI+: a identidade sexual dos homenageados (homossexual). Caso a placa em homenagem a Alan Touring tivesse a seguinte frase: Pai da Ciência da Computação, Homossexual, Matemático, Lógico, Decifrador de Códigos de Guerra... Acredito que estaríamos efetivamente retirando a homossexualidade daquela zona obscura, marginalizada e colocando a mesma como apenas uma das diversas características do homenageado.

Nos dias 15 e 16 de setembro de 2023, estive em Manchester e conheci o Alan Turing Memorial. Observei que o memorial é na região central daquela cidade, situando-se numa área de comércio, universidades e hotelaria. Região muito fácil de se chegar e de deambular. A área possui o dinamismo comum de um centro urbano mediano, com muitos transeuntes, turistas e habitantes da própria cidade. Dentro dos Jardins de Sackville, muitas são as referências a comunidade LGBTI+. A estátua de Alan Turing encontra-se no centro dos Jardins. Em uma das extremidades, próxima à Rua do Canal, encontra-se o Totem da Esperança (Beacon of Hope), inaugurado em 2002, memorial permanente para as pessoas vivendo com HIV e Aids. Tratando-se de uma escultura na forma de um veleiro, contendo uma coluna de aço que parece ser o mastro da embarcação. Esta coluna tem uma iluminação interna e à noite cria um efeito especialmente metafórico e bonito: o de uma embarcação da esperança. Na base da embarcação uma invocação: Time to action (hora de ação). Um explícito chamado à luta em defesa da comunidade. No gradil que circunda o Totem da Esperança inúmeras plaquinhas de metal constituem uma linha do tempo pontuando os principais fatos relacionados ao HIV, desde 1981.

Figura 25 – Alan Turing Memorial, Manchester, Inglaterra

Foto: Eduardo Lima, 2023

Figura 26 – The Beacon of Hope, Manchester, Inglaterra

Foto: Eduardo Lima, 2023

Durante o período em que estive visitando o Memorial de Alan Turing tomei conhecimento das impressões de outras pessoas. Destas, achei muito interessante um senhor inglês dizer para outro senhor que a intenção do escultor ao colocar a maçã na mão direita de Alan Turing era enfatizar que se tratava de uma referência à lei da gravidade de Newton, mas também uma referência simbólica ao “fruto proibido”, o que desencadeou muitas gargalhadas. Naquele ponto ambém acabei por achar engraçado. Tive certeza que se tratava de um casal e que a alusão ao “fruto proibido”, ao pecado, em nossos dias é algo risível. O que demonstra como os costumes vão se modificando no curso da história, ora avançando, ora retroagindo. Possivelmente, aqueles senhores, em algum momento, tiveram que esconder da sociedade suas convicções sexuais. A proibição a que aludiam os senhores ingleses pode ser uma referência a uma previsão legal (homossexualidade como crime), ou a um princípio religioso (homossexualidade como pecado). Pior ainda, poderiam estar se referindo às duas formas de interditos (o que me pareceu ser o caso).

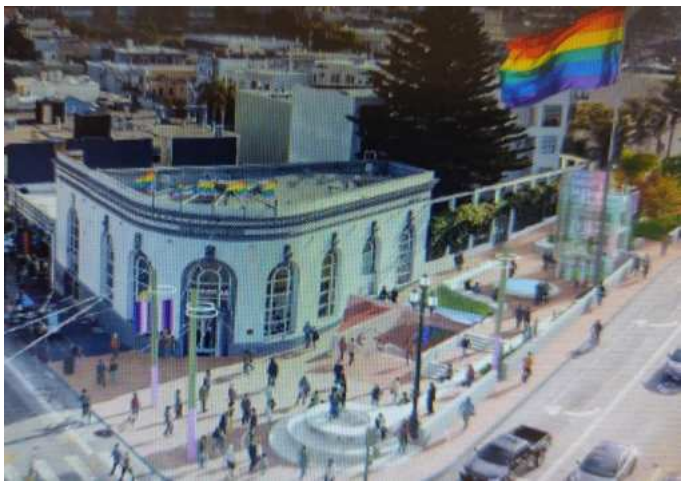
Outra narrativa que destaco nas visitas à área do Memorial a Alan Turing, colhi em uma cafeteria, próxima ao memorial. Dentro dos Jardins de Sackville, havia um Monumento Nacional aos Transgêneros, inaugurado em julho de 2013 e vandalizado em agosto de 2013. Restaurado em 2014, o monumento foi queimado após a Marcha do Orgulho de Manchester, em agosto de 2022. Posteriormente, confirmei as informações na internet.

O que ficou demonstrado naquela fala é que, aos avanços e conquistas, também seguem reações contrárias. Aquela área tão representativa da comunidade LGBTI+ também traz em si uma disputa por memórias, uma insatisfação que leva outros segmentos da sociedade à vandalização daquelas formas de promoção da memória. Imediatamente me lembrei do que aconteceu com a instalação-monumento Meu Coração Bate Como o Seu. Erigida na Praça da República, em São Paulo, em 21.09.2018, em comemoração aos 40 anos do movimento LGBTI+ no Brasil, foi destruída alguns dias após a sua inauguração. Mais a frente conheceremos melhor essa forma de presença da memória LGBTI+.

Abaixo, faço uma breve descrição de outros dois memoriais localizados nos Estados Unidos da América que se destacam pela importância e complexidade organizacional.

a) **<u>Memorial na Praça Harvey Milk</u>**[43], em São Francisco – Califórnia. Construído nas esquinas das ruas Castro e do Mercado, icônico palco do movimento LGBTI+ norte-americano, muito bem retratado no filme *Milk*. De forma resumida, em 01.06.2024, colhi as seguintes informações sobre a constituição deste memorial no site harveymilkplaza.org. O *Harvey Milk Memorial* possui: a) um pedestal que enfatiza o movimento coletivo iniciado por Harvey Milk com a ênfase de que a liderança surge na própria comunidade (qualquer um pode subir no suporte e fazer uma convocação para ação); b) um painel digital de luzes que conta a história de Harvey Milk, da cultura *queer*, das vitórias e das lutas do movimento LGBTI+; c) uma galeria, no nível da Estação Castro para exibições permanentes e temporárias, em homenagem ao ativismo LGBTI+ em São Francisco e reflexões sobre questões de justiça social atuais; d) uma clarabóia com áudios contendo mensagens de esperança de Harvey Milk.

Figura 27 – Harvey Milk Memorial. Site do Harvey Milk Memorial[44]



[43] **Harvey Milk** – Jorge Bernard Milk foi um político e ativista norte-americano, abertamente gay. Foi o primeiro supervisor gay (cargo político que se aproxima a condição do vereador no Brasil), eleito na cidade de São Francisco. Eleito em 1977, conseguiu a aprovação de uma rigorosa lei sobre direitos gays para aquela cidade. Sua carreira política foi muito breve, tendo sido assassinado por um oponente político em 1978. Em consulta efetuada ao site www.harveymilkplaza.org, em 01.06.2024, logramos encontrar diversos bordões utilizados pelo político para incitar o ativismo LGBTI+: “Direitos são obtidos apenas por aqueles que se fazem ouvir” - “Rights are won only by those who make their voices heard”; “Você não pode viver apenas pela esperança, mas sem a esperança não vale a pena viver” – “You cannot live on hope alone, but without it, life is not worth living ” (traduções do mestrando). Harvey Milk foi imortalizado no cinema pela atuação vibrante do ator Sean Penn, no premiadíssimo filme Milk, dirigido por Gus Van Sant, em 2008.

[44] https://www.harveymilkplaza.org/vision. Acesso em: 25.08.2024

b) **The Legacy Walk**, que traduzo como o Passeio do Legado, em Chicago, Illinois. De acordo com informações obtidas no site legacyprojectchicago.org, em 27.02.2023, o Passeio do Legado se estende por meia milha entre a Avenida Belmont e a Rua Grace, contendo dez pares de pilões de aço que contam a biografia de LGBTI+ notáveis, ou ícones LGBTI+, que contribuíram para a evolução da humanidade, mas passaram por um processo de apagamento histórico, em razão de orientação sexual ou identidade de gênero. O Legacy Walk é integrado por quarenta marcos de bronze, formando o maior memorial contendo biografias em bronze, no mundo. Atualmente os homenageados são: Oscar Wilde, Audre Lorde, Leonard Bernstein, Antonia Pantoja, Lorraine Hansberry, Two Spirit People, Alvin Ailey, Frida Kahlo, Alfred Kinsey, Barbara Gittings, Frank Kameny, Leonard Matlovich, Billy Strayhorn, Vito Russo, Reinaldo Arenas, Alan Turing, Cole Porter, Tchaikovsky, The pink triangle, Freddie Mercury, Sylvester, Bayard Rustin, Sally Ride, Matthey Shepard, Paulie Murray, Daniel Sotomayor, Stonewall Riot, Barbara Jordan, Jose Sarria, Fr. Mychal Judge, David Kato, Jane Addams, Sylvia Rivera e Marsha P. Johnson, Josephine Baker e James Baldwin.

As placas mais antigas são gradativamente substituídas por novas homenagens e as antigas conduzidas ao Centro de Visitação, que ainda se encontra em construção. Considerado uma sala de aula aberta, este memorial nos parece ser um excelente modelo para reconhecimento e identificação da comunidade LGBTI+. De acordo com as pesquisas que tenho efetuado o Passeio do Legado parece ser a única instalação deste estilo no mundo: uma via pública contendo totens com biografias de personalidades LGBTI+ em ambos os lados. Alan Turing, cientista homossexual, cujo memorial descrevemos acima, é também um dos homenageados no *Legacy Walk*. Abaixo, mostramos a visão parcial de um dos totens, contendo a imagem da famosa cantora e dançarina Josephine Baker, cuja biografia registra sua bissexualidade, sendo sua relação amorosa com a pintora mexicana Frida Kahlo, a mais evidenciada na mídia.

Figura 28 – Totem de Josephine Baker, Legacy Project, Chicado, EUA. Imagem extraída do site do Legacy Project [45]

Podemos citar vários outros monumentos ou memoriais que estejam conectados com os movimentos LGBTI+ no mundo: no Canadá (Toronto AIDS Memorial, Vancouver AIDS Memorial)**,** no Chile (Memorial por la Diversidad de Chile - Santiago), no Uruguai (Plaza de la Diversidad Sexual **–** Montevideo), na Bélgica (Minha mitologia gay – um monumento para todos – Bruxelas), no Reino Unido (Memorial LGBT – Centro Nacional do Holocausto – Laxton- Nottingamshire). Na Espanha (Monolito em memoria a las personas represaliadas por el franquismo por su opción sexual**,** em Durango e o Monumento em memoria de los gais, lesbianas y personas transexuais represaliadas, em Barcelona), na Australia (Memorial do Holocausto Gay e Lésbico, em Sydney), em Israel (Memorial do Holocausto Gay e Lésbico, em Tel Aviv).

Na parte final deste trabalho anexamos uma lista de monumentos ou memoriais LGBTI+ que organizei ao longo da pesquisa para esta dissertação.

4.3 MONUMENTOS RELACIONADOS ÀS PAUTAS LGBTI+ NO BRASIL

4.3.1 Monumento-lápide ao Índio Tibira

O monumento-lápide ao Índio Tibira foi inaugurado em 2017, na Praça Marcílio Luz, Centro de São Luís, Maranhão, em homenagem ao índio Tupinambá Tibira,

[45] https://legacyprojectchicago.org/legacy-walk. Acesso em:26.08.2024.

morto na boca de um canhão em 1613, a mando de um frei católico. O caso foi trazido a público pelo antropólogo Luiz Mott, em 2014, por meio de pesquisas nos arquivos da Inquisição Portuguesa.

Em verbete do “Livro da História LGBTQIAPN+” (2024), John Andrews informa que Tibira é um nome que significa homossexual na língua Tupi. Tibira, indígena, natural do Maranhão, foi a primeira pessoa a ser executada por homossexualidade no Brasil colonial. Tibira foi condenado pelo monge capuchinho Yves d’Evreux, batizado e amarrado num canhão que foi disparado para executá-lo, o que passou a ser considerado o primeiro caso de homofobia de que se tem registro no Brasil.

Figura 29 – Monumento-lápide a Tibira do Maranhão, São Luís

Foto: Eduardo Lima, 2023

De acordo com Luiz Mott, em matéria publicada em 23.05.2023, pela Agência Brasil – Brasília, este teria sido o primeiro crime homofóbico documentado no Brasil. Os relatos dos freis capuchinhos dão conta de que a “purificação” da região era necessária, tendo em vista que Tibira era afeiçoado ao “pecado nefando”. Certamente, o monumento a Tibira traz à baila a relação entre homossexualidade, religião, comportamento, sociedade e homofobia.

O monumento-lápide foi esculpido pelo artista plástico Eduardo Sereno e é preenchido pela figura do indígena em relevo, apresentado nu, uma das mãos na cintura, a outra segurando um chocalho. Acima da figura, lemos: “TIBIRA DO MARANHÃO, ÍNDIO MÁRTIR GAY 1613-2017”. E abaixo de seus pés encontramos os seguintes dizeres: “1° CASO DE HOMOFOBIA NO BRASIL”. No monumento-lápide todas as letras se encontram em maiúsculo.

Da postura altiva de Tibira, estendendo sua visão para além da Baía de São Marcos, em São Luís, inferimos que não seria o pecado (ideia introduzida pelos colonizadores) que lhe curvaria. A execução de Tibira, na boca de um canhão, hoje, fala muito da tentativa de aniquilamento do desejo homossexual, como uma longa e inconsequente interferência religiosa, resultado do processo colonial de devastação cultural dos povos originários.

O monumento integra um leque de ações de memória que inclui ainda uma campanha pelo reconhecimento, por parte da Igreja Católica, da santidade do índio Tibira do Maranhão. De acordo com matéria publicada no jornal Correio 24 Horas, o Grupo Gay Bahia

> ... exige o pedido de perdão público por parte do Superior Geral da Ordem dos Capuchinhos de Roma e solicitam ao Cardeal Arcebispo da Bahia e à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil que “intercedam junto ao Vaticano para a abertura de processo de canonização do Tibira do Maranhão [...] O GGB conclama igualmente à FUNAI – Fundação Nacional do Índio, e Associações de Povos Indígenas do Brasil para que encampem essa campanha para que a Igreja Católica eleve Tibira aos altares como mártir, já que foi executado devido à homofobia e ao etnocentrismo europeu-cristão, considerando que a homossexualidade masculina e feminina era fartamente praticada e respeitada entre todos nossos povos nativos do Novo Mundo ... (CORREIO, 2020)

No mês de outubro de 2023 fui a São Luiz do Maranhão conhecer o monumento pessoalmente e estive no local em dias e horários diferentes, colhendo impressões variadas. O monumento-lápide encontra-se num declive de difícil acesso. Tirar uma fotografia próximo a ele exige equilíbrio e dia sem chuva, porque o risco de queda no gramado é real. O monumento é figurativo (a imagem do índio é imediatamente reconhecível) e informativo (relaciona-se com o primeiro caso documentado de homofobia no Brasil), não constando no entorno do mesmo texto, placas ou totens com maiores explicações sobre Tibira e as causas LGBTI+. Lê-se que Tibira do Maranhão, índio-mártir gay, foi morto em 1613, no que foi apurado ser o primeiro caso

de homofobia registrado no Brasil. Infelizmente o monumento-lápide se encontra pichado na lateral direita com as letras “ZLBRTC”, em vermelho.

No primeiro contato com o monumento-lápide, durante o dia, percebi o local vazio. As poucas pessoas que subiam ou desciam os acessos ao centro administrativo, que circunda o local do monumento-lápide, não interagiam com o mesmo. Imediatamente, percebi que a melhor visão era obtida pelos indivíduos que circulavam em automóveis pela Avenida Beira-Mar. Ao retornar ao mesmo ponto, à noite, percebi que a iluminação e a localização favorecem muito a visibilidade do monumento-lápide quando não há mais luz natural.

Assim, é da via de relativo fluxo de automóveis, num nível abaixo daquele que se encontra a lápide-monumento, à noite, que logramos obter a melhor fotografia de Tibira. No dia 14.10.2023, quando estive na área, um grande número de pessoas se encontrava sentado no entorno do monumento-lápide, todos portando óculos com lentes escuras descartáveis, indiferentes à imagem de Tibira. Estavam preparados para assistir ao eclipse anular do sol.

Apesar de localizado no que administrativamente se chama o centro da cidade, minha impressão foi que o monumento-lápide a Tibira encontra-se à margem do núcleo de poder e do turismo de São Luís. A homenagem ao indígena sequer aparecia em um mapa turístico existente na Praça Pedro II, parte superior daquela região. A localização relativamente periférica do monumento-lápide a Tibira, em São Luís, se insere num contexto mais amplo onde as homenagens às pessoas LGBTI+ tendem a ser ocultadas. Segundo Kate Davison (2023) isso ocorre mesmo em contextos sociais progressistas. Nas palavras da autora, no *Routledge Handbook of Memory Activism*:

> Infelizmente, até mesmo os debates mais significativos não impedem a oposição, o ataque e o apagamento aos memoriais [...] Mesmo em contextos políticos caracterizados por grande igualdade e baixa estigmatização, a localização e o posicionamento de monumentos públicos em homenagem às vidas queer refletem estas tensões. Em 2014, um memorial em homenagem às vítimas LGBT do Terceiro Reich inaugurado em Israel foi descrito na imprensa como “escondido em uma praça em Tel Aviv” (Heller, 2014). A posição do Memorial aos Homossexuais Perseguidos pelo Nazismo, em Berlim, inaugurado em 2008, foi da mesma forma problemática ... (Davison, 2023, p. 240 [tradução nossa]).

4.3.2 Instalação-monumento “Meu coração bate como o seu”

A instalação-monumento **“**Meu coração bate como o seu” foi erigida dentro do Projeto Hack The City, um “desafio para jovens universitários co-criarem projetos de impacto social que atingissem meio milhão de pessoas”[46]. O projeto foi promovido pela plataforma de financiamento coletivo Benfeitoria, responsável pela mobilização de recursos para projetos de impacto cultural, social, econômico e ambiental.

Figura 30 – Instalação-monumento “Meu coração bate como o seu”. Imagem extraída do site da Archdaily. Acesso em: 29.08.2024.[47]

Essa instalação-monumento LGBTI+ foi inaugurada em 21.09.2018, sendo projetada pelo Estúdio Guto Requena, cuja descrição no site archdaily.com.br é a seguinte:

> O projeto mais recente do Estúdio Guto Requena, Meu coração bate como o seu, une a potência da empatia e do design como ativismo para criar um tributo à comunidade LGBT+ no Brasil. O trabalho interativo, em grande escala, é um híbrido entre mobiliário público urbano e escultura, localizado na icônica Praça da República em São Paulo, onde o primeiro encontro dos ativistas LGBT+ aconteceu (1978) e aonde a diversidade e as desigualdades da sociedade brasileira são

[46] https://www.archdaily.com.br/br/912316/meu-coracao-bate-como-o-seu-estudio-guto-requena.
[47] Ibid

> vistas diariamente, nos muitos passantes e inúmeros desabrigados que congregam na região. O Brasil é o país no qual mais pessoas da comunidade LGBT+ foram mortas em 2017. A estrutura de 6,1m de altura composta por cilindros metálicos de infraestrutura subterrânea, foram articulados e montados para criar uma forma cativante que pode-se dizer assemelhar-se a uma grande flecha encrustrada no chão e que dissolve pelos arredores. Dentro dos cilindros, equipamentos de som transmitem audio-depoimentos de ativistas LGBT+ sobre suas experiências e o som dos seus batimentos cardíacos, colhidos ao contarem suas histórias. Esses pulsos cardíacos informam o algoritmo que serve de parâmetro para a iluminação noturna do trabalho, enquanto o áudio toca em looping dia e noite. Alguns dos cilindros que se esparramam a partir do núcleo central de Meu coração bate como o seu estão pintados com as cores da bandeira LGBT+ em degradé e formam um grande banco público". "Meu coração bate como o seu" é um desenvolvimento de projetos passados do estúdio, que usam tecnologias digitais para dar forma a memórias e promovem trabalhos públicos como um meio de inspirar maior empatia e consciência social em espaços urbanos. No local, há uma placa que identifica o projeto e convida pessoas a enviarem suas histórias de resistência, via mensagem de voz do WhatsApp. Algumas destas histórias serão selecionadas para serem integradas ao trabalho...[48]

Como pode ser lido nas linhas acima, a obra convocava à interação, mas não tive oportunidade de colocá-la em prática. A instalação-monumento foi vandalizada alguns dias após a sua criação.

> Escultura em homenagem a luta LGBT é alvo de vandalismo em São Paulo. A escultura "Meu Coração Bate Como o Seu", assinada pelo arquiteto e designer Guto Requena em homenagem aos 40 anos da luta da comunidade LGBT no Brasil [...] foi alvo de vandalismo [...] O monumento teve toda sua parte elétrica prejudicada, com lâmpadas e fios internos roubados, além de ter suas laterais pichadas e destruídas. (Querino, 2024, p. 90).

Em maio do ano de 2023, estive na Praça da República, São Paulo - SP. Constatei que não há o menor sinal de que a instalação-monumento Meu Coração Bate Como o Seu esteve naquele espaço público por alguns dias. Quando perguntei sobre o monumento a alguns artesãos que exerciam seu comércio na praça, sequer recordavam da obra. A impressão que obtive foi que aquele monumento, assim como as pessoas em situação de rua que utilizam aquele espaço, não são merecedores de qualquer memória. Suas existências nada valem dentro da grande urbe.

[48] Ibid

Em vídeo postado no Youtube pelo Estúdio Guto Requena, divulgando a instalação-monumento Meu Coração Bate Como o Seu, constam depoimentos de ativistas LGBTI+. Transcrevo algumas destas falas:

> "Eu sofri três abusos sexuais por conta da transição, porque os caras, eles achavam que isso era por falta de homem. Tive depressão, tentei suicídio umas quatro, cinco vezes" ...
>
> "Muito duro você viver num mundo que já te diz, de cara, que aquele alí não é o seu lugar. Que o seu lugar é à margem."
>
> "Estava imaginando, tipo, quando seria a minha vez de também ser assassinada, de também ser espancada, única e exclusivamente, por ser lésbica e ter a pele preta."
>
> "Então, num país como o Brasil, que é um dos países que mais mata pessoas LGBTs. A cada dia, praticamente, uma pessoa LGBT é assassinada por crimes de ódio ... este ativismo se torna extremamente necessário para disputar as mentes, os corações, as consciências das pessoas, e desfazer séculos de discursos que sempre caracterizaram e pintaram as pessoas LGBTs como pessoas pecadoras, criminosas, pessoas doentes, e sempre estigmatizaram estas existências...[49]

Apesar de minha frustração por não ter encontrado e, principalmente, não ter conseguido interagir com a instalação, fui alertado por minha orientadora, sobre a relevância desse caso, para a reflexão sobre propostas contemporâneas de dar forma a memória, que não passam pela monumentalidade tradicional. Ou seja, aquela que escreve uma verdade em pedra, com pretensão de eternizar uma mensagem em consonância com

> ...certo modelo de estatuária pública, que busca moldar a memória coletiva literalmente de cima para baixo. Nesse modelo, a escala é baseada na importância relativa: quanto mais importante é a figura homenageada, maior ela é em relação às imagens que a rodeiam. Formas verticalizadas, de caráter fálico e sentido épico contribuem para que personagens encarnem senso de poder. Esse senso é reiterado pela presença de armas, uniformes militares e, não raro, cavalos, que elevam mais ainda as estátuas das personalidades montadas em relação às pessoas. (Gomes; Lânes, 2024, p. 211).

4.3.3 Estátua e placa em homenagem à Marielle Franco

No Rio de Janeiro, destaco a presença do monumento em homenagem a

[49] https://www.archdaily.com.br/br/912316/meu-coracao-bate-como-o-seu-estudio-guto-requena. Acesso em:26.08.2024

Marielle Franco (1979-2018). Entre as estátuas e outras formas memoriais que visitei no Brasil, trata-se da segunda em que pude, com grande satisfação, visualizar menção à sexualidade da pessoa homenageada. A primeira, como vimos acima, foi a lápide-monumento ao Índio Tibira, em São Luís.

Figura 31 – Estátua de Marielle Franco, Rio de Janeiro

Foto: Eduardo Lima, 2024

Quando vemos a estátua de Marielle Franco com o braço esquerdo levantado e com o punho cerrado, vislumbramos uma atitude de luta e apoio as causas sociais, contra o racismo, o sexismo, a xenofobia, a LGBTI+fobia e o LGBTI+cídio. Abaixo da estátua de Marielle Franco, localizada no Buraco do Lume, Praça Mário Lago, ao lado do prédio administrativo da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, região central da cidade, foi fixada placa (foto abaixo) com as seguintes palavras: “Marielle Franco (1979-2018). Mulher negra, favelada, LGBTQIA+ e defensora dos Direitos Humanos. Vereadora do Rio de Janeiro, eleita com 46.502 votos, brutalmente assassinada em 14 de março de 2018 por lutar por uma sociedade mais justa.”.

Figura 32 – Placa em homenagem à Marielle Franco, Rio de Janeiro

Foto: Eduardo Lima, 2024

O acrônimo LGBTQIA+ se faz presente nesta placa, posta em local de ampla circulação, no centro do Rio de Janeiro. É inegável que se trata de uma memória LGBTI+ interceccionada por outras dimensões da biografia de Marielle Franco explicitadas na própria placa: mulher, negra, favelada e defensora dos Direitos Humanos. Na cartilha editada pelo Instituto Marielle Franco “Raízes Firmes para Tempos de Ventania”, nos deparamos com a seguinte expressão: “memória como semente para outros futuros”:

> Julho 2022 – Inauguramos a primeira estátua de Marielle Franco no Centro do Rio de Janeiro. A ação reuniu mais de 5.000 pessoas no Buraco do Lume, onde Marielle fez campanha e prestava contas de seu mandato. O lançamento foi acompanhado de uma aula pública com Thula Pires e Eliane Alves sobre a “memória como semente para outros futuros”.

Na página 83 da mesma cartilha lemos:

> Até 2030, queremos que mulheres negras, pessoas LGBTQIA+ e periféricas, que se reconheçam enquanto sementes de Marielle, estejam liderando uma rede global que age coletivamente e compartilha conhecimento para seguir conquistando avanços na luta por justiça e reparação, multiplicação do legado e defesa da memória.

Como discutem Gomes e Lânes (2024), muitos “objetos semente” são elementos ativadores da memória de Marielle Franco. Esses objetos, como fotografias, bandeiras, camisetas, murais e outros artefatos, foram utilizados como símbolos para perpetuar a imagem e o seu legado, após o seu assassinato. A ideia é que esses objetos semeiem a memória e as reivindicações de Marielle Franco no

espaço público, permitindo que as suas lutas e as suas demandas por justiça continuem a reverberar na sociedade. Essa concepção está ancorada no provérbio mexicano “eles tentaram nos enterrar, mas não sabiam que éramos sementes”, sugerindo que, embora tenham tentado silenciar Marielle Franco, sua memória continua a florescer por meio desses objetos e ações memorialísticas.

Isto posto, certamente a estátua de Marielle Franco constitui mais do que uma invocação à defesa dos direitos da população LGBTI+. A grande comoção, dentro e fora do país, gerada pela sua execução, colocou a homenageada numa condição icônica de símbolo de luta pela democracia e, em especial, pelos direitos das minorias no Brasil. Apesar desta ponderação, destaco a importância da presença do acrônimo LGBTQIA+ na descrição do monumento dedicado a Marielle Franco, localizado em local de ampla circulação, no centro do Rio de Janeiro. O não apagamento dessa condição minoritária vivenciada por Marielle Franco é relevante para a compreensão e transmissão de seu legado.

4.3.4 Homenagens ao ator Paulo Gustavo

Neste capítulo abordamos as homenagens ao ator Paulo Gustavo, materializadas no espaço público de Niterói. Descrevemos o nicho memorial instalado no Campo de São Bento e tratamos da mudança do nome de uma avenida que foi alterado como forma de celebração da memória do ator. Apresentamos reflexões sobre o que as estátuas suscitam nos frequentadores do Campo de São Bento e como o processo de confecção e exposição delas é visto pela artista que as concebeu.

4.3.4.1 Memória de Paulo Gustavo no Campo de São Bento e nas ruas de Niterói

Em 22 de novembro de 2021, passados alguns meses do falecimento do ator Paulo Gustavo (04.05.2021), foram inauguradas no Campo de São Bento, em Niterói, as estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia. As esculturas são de bronze, medindo aproximadamente 1 metro e 85 centímetros e foram concebidas pela artista plástica Jo Grassini.

De acordo com informação disponível no balcão do *bureau* turístico, existente dentro do Campo de São Bento, também conhecido como Parque Prefeito Ferraz, o

Campo de São Bento é o principal jardim público de Niterói, localizando-se em região nobre da cidade, cercado por três ruas importantes (Lopes Trovão, Domingues de Sá e Gavião Peixoto) e uma grande avenida (Roberto Silveira). O Campo de São Bento localiza-se em uma área que já foi de restinga, pertenceu a proprietários particulares, posteriormente, a área foi comprada pelo Mosteiro de São Bento (século XVII), daí provem o nome Campo de São Bento. Em meados do século XIX, a área foi doada para a Municipalidade. Teve sua urbanização iniciada em 1903, pelo paisagista belga Arsénne Puttemans, com a intenção de se criar um paisagismo romântico, comum no século XIX, contando com a canalização do Rio Icaraí, a criação de um lago artificial, belvedere, grutas, pontes e guarda-corpos que imitam troncos de árvores. O Campo de São Bento, tombado pela Prefeitura de Niterói em 1990, possui cerca de 36.000 metros quadrados, que abrangem área com canteiros, brinquedos para crianças, uma grande feira de artesanatos que funciona nos fins de semana, dois banheiros públicos, duas floriculturas, um coreto (tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural como marco do romantismo), o Grupo Escolar Joaquim Távora, o Centro Cultural Paschoal Carlos Magno e o Jardim de Infância Júlia Cortines.

Dentro deste ambiente de lazer público, fora do lago, encontram-se três nichos arquitetônico-monumentais: 01) Uma grande estátua de São Francisco de Assis talhada em madeira, em forma de totem, próximo a uma das entradas do parque (na Rua Lopes Trovão), de autoria do artista plástico Odé Art, inaugurada em 2022; 02) Uma imagem de Nossa Senhora Imaculada Conceição, que se encontra próxima à outra entrada (Avenida Roberto Silveira) e à frente da Paróquia Porciúncula de Sant'ana; 3) As estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia, que ficam entre o Monumento a Nossa Senhora Imaculada Conceição e o lago. Estas são áreas de circulação dos visitantes. No centro do lago, encontram-se duas estátuas, representando figuras mitológicas, introduzidas no parque no contexto de embelezamento romântico.

O nicho escultural em homenagem a Paulo Gustavo compõe-se da figura do ator assentado em um banco de concreto, ladeado à sua direita por sua personagem de maior sucesso (Dona Hermínia) e, à sua esquerda, sobre uma mesa de concreto, uma placa celebrativa da vida e da obra do ator.

Figura 33 – Estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia no Campo de São Bento, Niterói

Foto: Eduardo Lima, 2024

Abaixo transcrevemos as palavras inscritas na placa celebrativa do ator, no Campo de São Bento:

> "O niteroiense Paulo Gustavo Amaral Monteiro de Barros eternizou Niterói como o principal cenário do maior sucesso de sua carreira: a trilogia para o cinema Minha Mãe é Uma Peça. Foi o protagonista dos três filmes no papel da dona de casa Dona Hermínia, homenagem à sua mãe Déa Lúcia.
>
> Recordista de público, a trilogia do cinema foi baseada na peça teatral homônima, lançada em 2006, também de sua autoria. Pelo papel de Dona Hermínia, Paulo Gustavo recebeu o prêmio Shell de melhor ator.
>
> Formado em artes dramáticas pela Casa das Artes de Laranjeiras (CAL), atuou nas peças Surto e Infraturas, liderando ainda, os elencos do espetáculo Hiperativo, do siticom Vai que Cola, do reality show Paulo Gustavo na Estrada e A Vila. Foi também apresentador do programa de TV 220 Volts e fez participação especial no filme Minha Vida em Marte.
>
> Além da carreira artística, Paulo Gustavo se destacou como importante porta-voz de questões sociais, quebrando preconceitos e combatendo a intolerância.
>
> Faleceu aos 42 anos, vítima da COVID-19".

Na extrema esquerda da placa, abaixo do nome de Paulo Gustavo (negritado) e das palavras ator e humorista, foram replicadas as palavras que o ator usou no programa televisivo da Rede Globo, no fim do ano 2020, no auge da Pandemia da Covid-19: "O humor salva, transforma, alivia, cura, traz esperança para a vida da gente. Rir é um ato de resistência".

Figura 34 – Placa em homenagem a Paulo Gustavo, fixada sobre mesa de concreto, ao lado da estátua daquele ator, no Campo de São Bento, Niterói

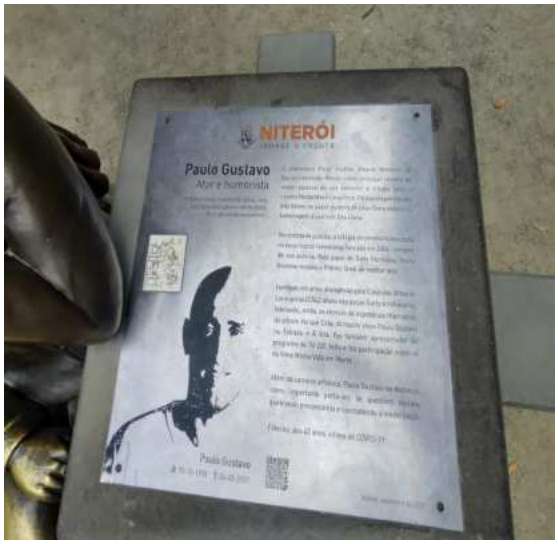


Foto: Eduardo Lima, 2024

Paulo Gustavo casou-se com outro homem, teve filhos e na sua vida privada lidava, com naturalidade e respeito, com temas relativos a sexualidade e uma sociedade mais tolerante, sempre buscando minimizar preconceitos. Acabou se tornando uma pessoa modelar, até mesmo arquetípica, dentro da comunidade LGBTI+, pois assumiu publicamente sua homossexualidade ao casar-se com outro homem e constituir uma família, além de ter sido um ator extremamente bem-sucedido.

O ator faleceu durante o período da pandemia de Covid-19, quando as vacinas ainda não se encontravam disponíveis no Brasil, num ambiente de amplo acirramento do debate entre bolsonaristas-negacionistas e opositores pró-ciência. Paulo Gustavo foi uma das vítimas da ação estatal, errante e lenta, no combate ao vírus e sua morte acendeu ainda mais a chama da reação da sociedade contra o governo brasileiro de ultradireita, do período 2019-2022, que se revelou homofóbico, negacionista e sectarista. O falecimento do ator fez repercutir, nacionalmente, as consequências da má governança na área de saúde, durante a pandemia da Covid-19 e causou uma comoção na cidade de Niterói. As homenagens se materializaram de forma relativamente acelerada, constituindo uma memória bastante viva do ator e de seu legado social.

Paulo Gustavo teve uma carreira meteórica, consagrando-se pela trilogia cinematográfica “Minha mãe é uma peça”, que foi campeã de bilheteria e narra o

cotidiano de uma dona de casa, divorciada, de classe média, extremamente estressada com os dois filhos mais novos (Juliano e Marcelina), apresentados como adolescentes normais, fazendo as coisas comuns do dia a dia. O filho se descobre homossexual e a mãe (Dona Hermínia) aprende a lidar com os dilemas familiares, sozinha. É neste contexto, entre outros, enquadrado com muito humor, que Dona Hermínia (*alter ego* do ator Paulo Gustavo) nos contagia com suas atitudes tragicômicas. A trilogia aborda com leveza questões importantíssimas para as pessoas LGBTI+, como as que dizem respeito a identidade e ao desejo, constituindo uma excelente forma de visibilizar a existência de pessoas homossexuais nas famílias.

Quando estive pela primeira vez no Campo de São Bento produzindo as fotografias acima, um senhor, acompanhado de uma senhora, aproximou-se das estátuas e disse: “mais um tirando fotos deste viado”. Este episódio evidencia como um monumento em homenagem a uma pessoa homossexual pode gerar diferentes interações, seja atraindo simpatizantes ou reforçando antipatias e atos de homofobia. Todavia, evidenciamos também mais de um aspecto lúdico na relação entre os usuários do Campo de São Bento e as estátuas estudadas. Inúmeros fãs tiram fotos ao lado das estátuas e muitos colocam a coleira de seus cachorros na mão de D. Hermínia, numa clara imitação da personagem passeando com seu animal de estimação naquele parque público.

Outra placa celebrativa do ator Paulo Gustavo em Niterói, encontra-se na entrada da tradicional Confeitaria Beira Mar, situada na Rua Ator Paulo Gustavo, local que o ator costumava frequentar. Abaixo transcrevemos parte do teor da referida placa:

> Paulo Gustavo Amaral Monteiro de Barros nasceu em Niterói em 30 de outubro de 1978. Predestinado ao sucesso, o ator, humorista, diretor e apresentador sempre se destacou pelo bom humor que contagiava a todos à sua volta. O talento nato acabaria se tornando paixão e profissão. Formado na Casa de Artes Laranjeiras (CAL), celeiro renomado de grandes atores, Paulo Gustavo logo ultrapassaria as fronteiras da Ponte Rio-Niterói e do Brasil [...] **Além de espalhar alegria, Paulo Gustavo foi além. Virou símbolo de luta, de amor. Quebrou rótulos e preconceitos e combateu a intolerância. Superou paradigmas**. Mais do que um gênio, Paulo Gustavo foi também filho, irmão, marido, pai, amigo. Além de sua obra, deixa um legado infinito e exemplar de amor ao próximo, solidariedade, generosidade e alegria, muita alegria. Nada mais justo do que a cidade de Niterói retribuir na forma dessa singela homenagem, ao batizar de

> Paulo Gustavo uma das ruas mais importantes da cidade e eternizar um dos seus filhos mais ilustres, que nos deixou no dia 4 de maio de 2021 [...] "**Rir é um ato de resistência. Contra o preconceito, a intolerância, já existe vacina: é o amor**!" (negritado pelo mestrando).

Na extrema esquerda da placa foi inscrito em letras garrafais e negritadas a icônica frase do ator: "Rir é um ato de resistência", cuja compreensão deve ser feita dentro do contexto sociopolítico em que o Brasil se encontrava, com valores democráticos sendo ameaçados e a população sendo submetida ao descaso negacionista governamental, no enfrentamento da epidemia de COVID-19. Resistir, como posto pelo ator homenageado, é um ato político, não se tratando de mera retórica.

Figura 35 – Placa em homenagem ao ator Paulo Gustavo, fixada na entrada da Confeitaria Beira Mar, Niterói

Foto: Eduardo Lima, 2024

Outra homenagem ao ator que ganhou materialidade no espaço público foi a transformação da rua Coronel Moreira César em rua Ator Paulo Gustavo, em região nobre daquela cidade. Jeander Cristian da Silva e Larissa Gouveia Duarte (2021), no artigo "*Rua Ator Paulo Gustavo: Um Caso de Mudança Antropoaxiotoponímica"*, discorrem sobre os efeitos da homenagem prestada ao ator, chancelada pela Lei 3588/2021. Os autores enfatizam se tratar de um dos poucos casos em que o homenageado é um membro do grupo LGBTI+. A homenagem gerou insatisfação nos setores mais conservadores da sociedade niteroiense e nos comerciantes daquela rua

que, em virtude da mudança do nome, foram obrigados a promover mudanças burocráticas nos registros de seus comércios.

Destacamos, no entanto, que na placa que acompanha o monumento do ator no Campo de São Bento, na placa que homenageia o ator na entrada da Confeitaria Beira Mar, assim como nas placas de sinalização da rua Ator Paulo Gustavo, não se menciona que ele foi uma pessoa LGBTI+. Seus admiradores e pessoas que o conheciam por seu trabalho, certamente sabem disso, mas o que dizer quanto as futuras gerações? Como saberão que aquela figura de destaque e que dá nome a uma importante via foi uma pessoa LGBTI+? É sabido que o apagamento da sexualidade dissidente é uma constante na biografia de inúmeras personalidades e os não-ditos nos objetos em homenagem a Paulo Gustavo, em Niterói, parecem contribuir para tanto.

Figura 39 – Placa da rua Ator Paulo Gustavo, Niterói

Foto: Eduardo Lima, 2024

Uma observação importante de ser sublinhada é a menção na placa do monumento do Campo de São Bento à doença que levou Paulo Gustavo a falecer. Como é informado, o ator “faleceu aos 42 anos, vítima de Covid-19”. Nesse sentido, o marco também atua contra o esquecimento da pandemia, um evento traumático coletivo.

Uns contrapontos interessantes às homenagens a Paulo Gustavo são aqueles relacionados à Marielle Franco e analisadas por Lilian Gomes e Patrícia Lânes (2022), no texto “Marielle e os Suportes de Contramemória: centelhas a partir do fogo em Borba Gato”. Marielle foi vereadora do PSOL, na cidade do Rio de Janeiro, onde foi barbaramente executada, num crime cuja investigação prossegue até os nossos dias. A placa “Rua Marielle Franco”, apesar de não nomear um espaço específico, viralizou

em ambientes *online* e *offline*. Segundo as autoras, a divulgação da placa foi mobilizada pelo ataque à homenagem, realizada por candidatos de extrema direita nas eleições de 2018. A placa, que seguia o padrão de placas de rua do Rio de Janeiro, trazia os seguintes dizeres:

> Rua Marielle Franco
> (1979-2018) Vereadora, defensora dos direitos humanos e das minorias, covardemente assassinada no dia 14 de março de 2018.
> 20260-080. Estácio.

Em 2021, a Prefeitura do Rio de Janeiro instalou uma placa no local onde a intervenção original foi retirada em 2018. Nessa nova homenagem, agora de caráter estatal, lemos:

> Vereadora Marielle Franco
> (1979-2018) Mulher negra, favelada, LGBT e defensora dos direitos humanos.
> Brutalmente assassinada em 14 de março de 2018, por lutar por uma sociedade mais justa.

Quem lê a placa instalada pela Prefeitura é informado que Marielle Franco não só defendia os direitos humanos, como também integrava grupos minoritários, afinal era uma mulher negra, de origem favelada e LGBTI+. Uma das faces da placa atualmente comercializada pelo Instituto Marielle Franco possui as cores da bandeira LGBTI+, o que reforça a ligação da homenageada com as causas ligadas a esse público e dá ênfase a atuação e presença de corpos LGBTI+ na esfera política das cidades, evocando uma representatividade necessária.

O olhar atento para as placas de rua em questão demonstra que elas celebram e também incomodam. Tanto a placa Rua Marielle Franco, quanto a placa da Rua Ator Paulo Gustavo foram alvos de contestação. A falta de menção à sexualidade de Paulo Gustavo na placa de rua e na placa que acompanha sua estátua evidencia que, mesmo personalidades declaradamente “fora do armário” podem ter a vivência de uma condição minoritária silenciada na materialização de homenagens, o que diminui a memória e a visibilidade LGBTI+ na cidade.

4.3.4.2 O que as estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia significam para os visitantes do Campo de São Bento?

No dia 04.05.2024 completaram-se três anos de falecimento do ator Paulo Gustavo. Avaliei que poderia ser interessante acompanhar eventuais comemorações ou eventos nas cercanias das estátuas e placa de Paulo Gustavo, situadas no Campo de São Bento (Niterói), em 05.05.2024, dia seguinte ao aniversário da data de falecimento do ator.

Inicialmente imaginei que permaneceria no local como um observador, anotando unilateralmente impressões e situações fáticas. Todavia, acabei me convencendo que a troca entre o pesquisador e as pessoas naquela área (turistas, transeuntes e frequentadores) traria muito mais elementos para minha pesquisa. Desta forma, elaborei um pequeno modelo de entrevistas semiestruturadas.

Nos dias que antecederam minha ida a Niterói me coloquei a questionar qual o critério que adotaria para me aproximar das pessoas que parassem no local: para apreciar as estátuas (Dona Hermínia e Paulo Gustavo), para ler o conteúdo da placa, para fotografar, ou para protestar. Acabei por achar que não conseguiria me aproximar com efetividade das pessoas que passassem para uma simples olhadela, em ritmo meio acelerado. Estas pessoas possivelmente não iriam querer ser interrompidas em suas marchas. Então, pensei naquelas pessoas que teriam interesse em registrar, através de fotografias, aquele homenageado, naquele momento. Decisão que se revelou ideal. Só entrevistei pessoas que disponibilizaram alguns minutos de suas vidas para apreciar e vivenciar aquele nicho memorial e que não se incomodaram em responder às perguntas.

Para minha absoluta surpresa obtive respostas de 32 pessoas, no período entre 10h e 15h, num sábado extremamente aquecido. Imaginei que só encerraria minha pesquisa de campo às 18h, com uns trinta entrevistados no máximo. Como explicitarei abaixo, alguns dos entrevistados prolongaram a entrevista por mais de trinta minutos. Uma entrevistada, “fã absoluta” de Paulo Gustavo, como ela se intitulou, acabou por me mostrar um vídeo em que ela imitava uma personagem do comediante (Senhora dos Absurdos). Numa outra entrevista, uma senhora veio às lágrimas quando falou sobre a forma como o comediante faleceu (vítima de Covid 19).

Em um período de 05 horas, fui do riso às lágrimas ao fazer as entrevistas. Além de toda esta riqueza de troca de vivências e informações, permanecia em minha memória a breve convivência que tive com o ator (antes de se tornar famoso), no último semestre de formação teatral na Casa de Artes Laranjeiras (2005). Ao perguntar para um entrevistado: Quando você pensa no Paulo Gustavo, o que vem à sua cabeça imediatamente? Ele respondeu: sagacidade. Exatamente a primeira impressão que tive do ator quando o conheci, vinte anos atrás. Uma capacidade extremamente inteligente e rápida de transformar o cotidiano em algo engraçado. Apesar de não ter convivido com o ator após aquele curto lapso temporal, posso assegurar, com certeza, que seu talento admirável acabou por conquistar grande parcela do público brasileiro. E o modo como conduziu sua vida afetiva, abertamente homossexual, foi determinante para quebra de paradigmas preconceituosos na sociedade.

Ainda no momento que antecede ao campo propriamente dito, imaginei quais as perguntas poderiam ser postas no sentido de elaborar, de uma forma mais ou menos convincente, o perfil motivacional das fotografias naquele local, tendo em vista aquele homenageado. Também conclui, intuitivamente, que teriam que ser poucas perguntas, de modo a não gerar um embaraço no passeio ou qualquer outro interesse dos entrevistados.

Finalmente, elaborei um modelo de entrevista semiestruturada com sete perguntas:

1. Nome
2. Cidade de origem
3. Você veio especificamente para visitar a estátua de Paulo Gustavo? ( ) sim ou ( ) não.
4. Você acha válida a homenagem prestada a Paulo Gustavo aqui no Campo de São Bento? ( ) sim ou ( ) não. E uma pergunta que justificasse a resposta:
5. Por quê?
6. Quando você pensa no Paulo Gustavo o que vem à sua cabeça imediatamente?
7. Quais outras estátuas/monumentos você se recorda ter visitado?

Passemos a análise dos dados produzidos.

Dentre as 32 pessoas entrevistadas, 22 pessoas se apresentaram com nomes femininos e 10 pessoas com nomes masculinos. Não identifiquei nenhum nome neutro ou agênero. Esta informação encerra em si algo importantíssimo para a comunidade e o movimento LGBTI+: quem se apresenta com o nome de mulher (ou de homem) é porque se identifica com este gênero e quer ser tratada (o) como tal.

As personagens de Paulo Gustavo em sua grande maioria eram femininas (Dona Hermínia, Senhora dos Absurdos, Ivonete, Periquita, A Mulher Feia e outras) que, com suas características exageradas, acabam criando vínculos de identificação e humor. Dentre as mulheres entrevistadas muitas começavam uma conversação a partir da personagem Dona Hermínia e sua labuta cotidiana de mãe. Algumas das entrevistadas lembravam-se detalhadamente das situações vivenciadas por Dona Hermínia na cidade de Niterói, inclusive no Campo de São Bento. Entre os homens o mote conversacional durante a entrevista se dava, invariavelmente, pelo humor e pela qualidade artística do ator.

Entre os 32 entrevistados, 13 eram de Niterói, 07 do Rio de Janeiro, 03 de São Gonçalo, 02 de Maricá, 01 de Campos dos Goytacazes, 01 de Nova Friburgo, 01 de Nova Iguaçu, 01 de São Paulo (capital), 01 de Manaus (AM), 01 de São Luís (MA) e 01 de Astolfo Dutra (MG).

Vinte e três dos entrevistados não foram àquele parque exclusivamente para visitar as estátuas de Paulo Gustavo, porém as incluíram no roteiro ou se depararam com as mesmas, com interesse, tanto que fotografaram as estátuas.

Nove dos 32 entrevistados foram ao Campo de São Bento exclusivamente para ver as estátuas de Paulo Gustavo, incluindo os 04 visitantes de outros Estados do Brasil (SP, MG, MA e AM). Dois entrevistados mais jovens, entre estes 04, aproveitaram a vinda para o grande evento com a cantora Madonna na Praia de Copacabana, naquele dia, para horas antes, irem a Niterói fotografar as estátuas de Paulo Gustavo. Ao passo que duas senhoras, entre estes quatro entrevistados, estavam em turismo na cidade do Rio de Janeiro, mas incluíram a visitação às estátuas de Paulo Gustavo, como parte essencial do roteiro turístico. A entrevistada de Minas Gerais, que estava acompanhada de sua sobrinha adulta, de forma prolixa

e entusiasmada, declarou-se fã incondicional do ator, conhecendo todos os filmes e personagens do mesmo. Quando perguntei à mesma o que vinha à sua cabeça, imediatamente, quando pensava em Paulo Gustavo, ela mudou o semblante e disse: “meu sobrinho”. Instantes depois me apresentou um vídeo seu em que imitava a arrogante personagem Senhora dos Absurdos, o que me fez rir muito. Já a entrevistada do Maranhão, uma senhora, que estava acompanhada pelo filho também adulto, disse de forma muito tímida que fora a Niterói exclusivamente para ver a estátua de Paulo Gustavo, porque o ator a fazia rir e isso trazia muita felicidade para sua vida.

Todos os 13 moradores de Niterói entrevistados já conheciam as estátuas, porém estavam tirando novas fotos ou apresentando as estátuas a novos conhecidos.

Cumpre informar que não havia no entorno das estátuas qualquer referência aos três anos de falecimento do ator, completados no dia anterior à experiência de campo ora relatada.

Próximo do nicho memorial, quando cheguei, já havia um piquenique com crianças e mães bem próximas das estátuas e lá permaneceram até as 13h aproximadamente.

Em diversos momentos desta atividade em campo nos deparamos com questões sobre diferentes intersecções: memória/religião, memória/gênero, memória/raça e outras variações.

Quando os entrevistados foram perguntados se consideravam válidas as homenagens prestadas no Campo de São Bento a Paulo Gustavo, 31 dos 32 entrevistados responderam que sim, elencando os motivos que seguem, na ordem de maior frequência nas respostas:

1. Porque Paulo Gustavo era um grande ator (11 entrevistados)
2. Porque Paulo Gustavo levava muita alegria e felicidade para as pessoas (09 entrevistados)
3. Porque Paulo Gustavo se tornou um símbolo da cidade de Niterói (3 entrevistados)
4. Porque Paulo Gustavo sofreu muito em decorrência da Covid-19, que o matou (03 entrevistados).

5. Porque Paulo Gustavo representava bem a maternidade (01 entrevistado)
6. Porque Paulo Gustavo trouxe muita consciência para a pluralidade e a diversidade na sociedade (02 entrevistados)
7. Porque Paulo Gustavo foi um modelo de resistência política (01 entrevistado)
8. Porque Paulo Gustavo deveria ser sempre lembrado por sua arte e por suas "bandeiras" (01 entrevistado)
9. Porque Paulo Gustavo deve ser lembrado pelo valor que deu à sua mãe na vida e na arte (01 entrevistado)

Apenas uma senhora, do município de São Gonçalo, me respondeu que não era favorável aquele tipo de homenagem, pois era contrária à "idolatria". Apareceria numa fotografia naquele local por insistência de seus netos, que estavam num grande grupo familiar. Uma outra senhora, de Niterói, quando respondia a mesma pergunta (se considerava válidas as homenagens prestadas no Campo de São Bento a Paulo Gustavo), respondeu que sim, porém mais importante era a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, que se encontra há poucos metros daquele ponto, no mesmo Campo de São Bento. Nos dois casos apontados acima, nos pareceu evidente uma clara graduação de importância da monumentalidade pública para estas duas entrevistadas, onde religiosidade prepondera sobre memórias do mundo laico.

Bastante marcante a entrevista feita com uma senhora do Rio de Janeiro, moradora do Flamengo, que sustentou com olhos marejados que a memória de Paulo Gustavo deveria ser preservada naquelas estátuas por conta do valor que o ator-filho deu para sua mãe, muito bem representada pela personagem Dona Hermínia, também presente no conjunto de estátuas. Esta carga emocional, assim como no caso da tia mineira que "lembrava do sobrinho", misturando sentimentos não explicitados claramente, é também efeito de memórias materializadas pela cidade. O ator homenageado, nestes casos, também pareceu ser um elo de memória familiar.

Quando efetuada a sexta pergunta (quando você pensa no Paulo Gustavo o que vem à sua cabeça imediatamente?), obtive as seguintes respostas:

1. Alegria e felicidade (09 entrevistados)
2. D. Hermínia (06 entrevistados)
3. Bom ator-comediante (04 entrevistados)

4. Os filmes de Paulo Gustavo (03 entrevistados)
5. Tristeza/Covid 19 (02 entrevistados)
6. Niterói (01 entrevistado)
7. Encontros (01 entrevistado)
8. Guerreiro (01 entrevistado)
9. Filho (01 entrevistado)
10. Família (01 entrevistado)
11. Incoerência da vida (01 entrevistado)
12. Sagacidade (01 entrevistado)
13. Nada (01 entrevistado)

Enquanto a quarta pergunta (validade da homenagem), gerava uma certa dinâmica de reflexão em cada indivíduo, sobre quem e o quê deve ser homenageado, nos parques e na cidade, na pergunta acima (pensamento imediato sobre Paulo Gustavo) quis obter uma resposta mais impulsiva, um comando do inconsciente. Presentes, nas respostas acima, estavam elementos que atravessam subjetividades muito diversas. Desde a poética imagem de “encontros” à lúgubre resposta “incoerências da vida”, cada resposta ao sabor da complexidade que é o próprio ser humano, nem sempre feliz, nem sempre triste. Este valor contemplativo e seu impacto no visitante é algo que o monumento, o memorial ou a estátua provocam.

Considerando-se que muitos monumentos pelas cidades passam totalmente despercebidos e que não são objeto de qualquer interesse, podemos afirmar, com certeza, que o conjunto de estátuas e a placa em homenagem a Paulo Gustavo são um exemplo típico em que a sociedade e a materialidade pública de caráter memorial estão interagindo ativamente. Considerando-se apenas o período de 05 horas, de um sábado, ao menos 32 duas fotografias foram tiradas naquele local, depois postadas para não se sabe quantas outras pessoas, para outras cidades, para outros estados e para outros países. Ou seja, estamos falando de um ator que teve uma enorme visibilidade, dentro e fora da comunidade LGBTI+, cujas falas, piadas, cenas e imagens continuam reverberando pelo mundo.

Quarenta dias após ter realizado as entrevistas relatadas acima, retornei ao Campo de São Bento. Desta vez, na tentativa de produzir informações quanto a forma de possíveis articulações entre as estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia com

as demais estátuas, dentro daquele parque público. Tendo em vista o caráter eminentemente religioso de duas das estátuas - São Francisco de Assis e Nossa Senhora Imaculada Conceição - às quais o público tem acesso, nos pareceu inicialmente que as estátuas de Dona Hermínia e Paulo Gustavo suscitam nos visitantes atitudes que remetem aos sentimentos de felicidade e de realizações no mundo profano (gargalhadas, risos, fotografias, família, conversas sobre os filmes de Paulo Gustavo e sobre o ator), enquanto os monumentos dedicados aos santos católicos, como estão associados a introspecção e à oração, acabam por sugerir aos visitantes um comportamento menos efusivo, demandando uma postura mais contrita, em alguns casos até uma postura de oração (olhos fechados, silêncio, e mãos unidas como em prece).

Na última incursão ao Campo de São Bento, fiz uma mesma pergunta a seis trabalhadores daquele parque: “com a inauguração das estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia aumentou o movimento de visitantes no Campo de São Bento?”. Com esta pergunta minha intenção era saber, se aquele novo nicho escultural, com mensagens de tolerância e resistência, foi acessado por muitos visitantes. A pergunta foi dirigida a Dona Lucimar e Dona Maria, faxineiras responsáveis pela limpeza dos dois banheiros públicos do parque; a Gabrielle, uma funcionária que trabalha no bureau de turismo dentro do parque; à Sra. Angélica, funcionária da administração do parque; ao Sr. Wilson, um dos responsáveis pela limpeza do parque e ao Sr. João Carlos, um dos pipoqueiros do Campo de São Bento. Lucimar e Maria foram unânimes em dizer que a movimentação no Campo de São Bento aumentou com a inauguração das estátuas. Gabrielle avalia que logo após a inauguração das estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia, em 22.11.2021, teve um fluxo muito grande de visitantes, mas que hoje em dia a visitação é principalmente da população niteroiense. Quanto ao Sr. João Carlos e Sr. Wilson, deram muita ênfase às grandes filas formadas, para fotografias, nos primeiros meses após a inauguração. Como veremos na fala da artista plástica Jo Grassini, escultora das estátuas de Dona Hermínia e Paulo Gustavo, no próximo tópico deste capítulo, ela mesma teve que entrar na fila, em algum momento, para poder apreciar as estátuas que esculpiu. Da mesma forma se manifestou Sra. Angélica em relação às grandes filas nos primeiros meses. Das falas destes funcionários fica bastante evidente que a inauguração das estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia gerou uma circulação e visitação acima do normal no Campo de São

Bento, tanto que filas tinham que ser organizadas, a fim de se evitar tumultos. Fica bem claro, no que diz respeito a esta pesquisa, que a popularidade de Paulo Gustavo era imensa e que sua mensagem contra o preconceito e a intolerância, inscritas na placa sobre a mesa onde se encontra a estátua do ator, foi lida por um enorme contingente de pessoas. Esta mesma placa é enfática ao dizer que: “Paulo Gustavo se destacou como importante porta-voz de questões sociais, quebrando preconceitos e combatendo a intolerância”.

Em todos os dias que estive em campo constatei uma visitação contínua às estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia. Muitos destes visitantes tiravam fotografias. As estátuas convocam à interação. Não são imensas, distantes e não se encontram sobre pedestais.

Em relação as demais estátuas (de cunho religioso), talvez pela diferença de propósitos, não as vi sendo fotografadas em momento algum.

Sobre o Campo de São Bento, vale a pena informar que não é apenas um local para lazer. A deambulação pelo parque também se dá por motivos de locomoção essenciais ao cotidiano dos pedestres no bairro de Icaraí. Como se trata de um espaço quadrangular, cravejado no centro daquele bairro, também é utilizado por pedestres que queiram cortar caminho para acessar vias opostas. Portanto, uma pessoa que se encontre na Rua Gavião Peixoto, caso queira chegar a Paróquia Porciúncula de Sant’ana, na Avenida Roberto Silveira, com frequência, atravessa o Campo de São Bento, porque o itinerário é menor e mais rápido. Esta dinâmica de circulação acaba favorecendo a visão das estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia, mas também gera uma circulação decorrente da parte comercial e menos lúdica da urbe.

No que tange ao direito ao livre uso do Campo de São Bento por parte do grupo LGBTI+, imagino que algumas das pessoas entrevistadas pertençam àquele grupo, porém ninguém indicou voluntariamente que pertencia. Enquanto estive em campo, presenciei apenas uma manifestação de sentimento homofóbico. Como relatei anteriormente, na minha primeira vista àquele parque, um senhor disse para uma senhora “mais um tirando foto deste viado”.

As estátuas de Dona Hermínia e Paulo Gustavo podem se tornar, eventualmente, um ponto de memória LGBTI+, porém, como a diversificação dos

visitantes apontados nas entrevistas de 04.05.2024 indica, a minha percepção é de que se trata de uma ideia mais ampla: liberdade de escolha e liberdade pela busca da felicidade. Um nicho arquitetônico memorial LGBTI+, mas também um nicho da saudade, do afeto, da dor e da alegria. Neste aspecto, recordei-me da estátua de Alan Turing, num parque em região central de Manchester (Inglaterra). Quase toda a área no entorno deste parque (Jardins de Sackville) tornou-se ponto de convivência LGBTI+. Cafeterias, restaurantes e discotecas foram inaugurados, o que tornou a área em um verdadeiro território LGBTI+, com vários signos desta comunidade (bandeiras, placas e imagens de ícones LGBTI+) expostos nos passeios públicos, nos letreiros dos estabelecimentos e nas mesas dos bares. Não creio que tal fenômeno, capaz de transformar o entorno comercial do Bairro de Icaraí, onde se encontra o Campo de São Bento, irá ocorrer, como se deu em Manchester. São realidades culturais distintas, embora contenham um pano de fundo comum: uma celebridade homossexual nacional sendo homenageada. Na Inglaterra, um cientista. No Brasil, um ator.

As estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia não foram pensadas como monumentos às causas LGBTI+, como é o caso do Monumento aos Homossexuais, que tivemos a chance de vivenciar em Amsterdã (Holanda). Todavia, o monumento instalado no Campo de São Bento encerra mensagens muito importantes para as pessoas LGBTI+ e instiga a população a refletir sobre dinâmicas sociais diversas, tais como pandemia, maternidade, intolerância à diversidade etc.

O Campo de São Bento está entre os pontos de visitação do Circuito Turístico Cultural Paulo Gustavo, fomentado pela Prefeitura de Niterói, que inclui oito pontos turísticos na cidade, todos com totens sinalizados digitalmente (QR Codes). Como se vê, o nome do ator ficou inegavelmente associado a Niterói, sua cidade natal e também associado a política cultural nacional, já que a Lei Complementar 195/2022 (Lei Paulo Gustavo), regulamentada e reajustada em 18.12.2023, foi responsável por dar sobrevida ao setor cultural brasileiro, por meio de ações e projetos em todo território nacional, no período pós-pandemia de Covid-19.

4.3.4.3 Jo Grassini e as estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia

A fim de melhor compreender a concepção e a execução das estátuas de Paulo

Gustavo e Dona Hermínia, presentes no Campo de São Bento, no dia 15 de junho de 2024, realizei entrevista com a artista plástica Jo Grassini, escultora responsável pelo monumento. Com esta entrevista busquei traçar liames entre a vontade da sociedade de prestar homenagem póstuma a Paulo Gustavo e a forma como características do ator se concretizaram nas estátuas concebidas por Jo Grassini.

A entrevista foi realizada no ateliê da artista, em um sábado, após sua última aula em curso que ministra regularmente, na Rua Miguel Frias, a alguns minutos do Campo de São Bento. Quando cheguei ao local, Jo Grassini ainda finalizava as últimas instruções para duas alunas de seu curso. Uma aluna acabara de concluir a elaboração, no torno, de dois vasos em cerâmica e a outra, concentrada à mesa, dava os retoques finais em pequenas peças que pareciam ser de uma futura bijuteria. Durante a entrevista, soube que todas aquelas peças iriam ser levadas para a casa de Jo Grassini, onde as colocaria no forno para cozimento.

Faço essa descrição inicial porque, dentro do seu local de trabalho, permitindo-me sentir o cheiro do barro, as cores das cerâmicas e a visualização de artesãos em plena atuação, Jo Grassini me deixou muito a vontade. Sem querer alterar a rotina da artista plástica, precipitadamente, sugeri que a entrevista iniciasse durante aqueles arranjos finais que estavam sendo feitos. Ela disse que preferia que nossa conversa mesmo começasse depois da limpeza do torno, das mesas e do recolhimento das peças trabalhadas no dia. Adorei esta orientação, o que me deu a certeza da organicidade da artesã dentro de seu local de trabalho e da forma natural com que ela lidava com o tempo e com o espaço naquele ambiente.

Jo Grassini me relatou ter começado seu interesse por esculturas na infância. Seu pai foi pastor da Igreja Presbiteriana de Campos dos Goytacazes (RJ) e a levava com muita frequência às cerimônias fúnebres dos fiéis. Nestes sítios fúnebres, Jo Grassini passou a observar as lápides e as estátuas de cemitérios com grande curiosidade. Depois vieram os desenhos, os croquis e os inúmeros sabonetes caseiros que serviram de material para entalhe de pequenas peças. As pequenas peças permanecem até hoje. A artista me esclareceu que, em muitas de suas exposições, as esculturas são expostas em salões e pequenas esculturas (réplicas das grandes) são reunidas num mostruário, protegido por vidro.

Jo Grassini não teve uma formação acadêmica propriamente dita. Adquiriu

maestria artística na lida, na experimentação. Seu reconhecimento público é inquestionável. São muitos os títulos já recebidos, inclusive comendas municipais. São muitos os bustos de sua autoria em Niterói e outras cidades do Brasil. De acordo com a artista, a escultura de Paulo Gustavo e Dona Hermínia foram o coroamento de uma caminhada artístico-profissional que se desenvolve há décadas.

Quando indaguei Jo Grassini sobre o convite para fazer as esculturas de D. Hermínia e Paulo Gustavo, a mesma me disse que soube por uma ex-nora, que lhe apontou, na imprensa, a convocação da Fundação de Arte de Niterói (FAN), serviço público e governamental, para concepção e execução daquelas esculturas. A convocatória implicava em duas estátuas, em nicho arquitetônico específico do Campo de São Bento: Dona Hermínia em pé e Paulo Gustavo sentado.

Jo Grassini soube que já havia um proponente, da cidade do Rio de Janeiro, que faria as esculturas em cimento. A partir desta informação, a artista disse ter se sentido imediatamente compelida a apresentar sua proposição escultural em bronze (matéria prima mais valorizada). Que se sentia legítima concorrente, já que possui uma imensa conexão com a cidade de Niterói, onde mantém seu ateliê e onde se encontram muitas de suas obras, entre as quais, pelo menos 22 bustos de personalidades eminentes e onde já realizou algumas exposições, por exemplo, no Museu dos Bondes e no Espaço Cultural Correios de Niterói.

As esculturas de bronze de Dona Hermínia (em pé) e Paulo Gustavo (sentado) medem aproximadamente 1 metro e 85 centímetros e pesam em torno de 400 quilogramas. Esta informação me deixou bastante surpreso, pois já havia feito algumas incursões observatórias no Campo de São Bento e percebi que adultos, crianças e idosos efetivamente interagiam com as estátuas, abraçando-as, tocando-as, encostando nas mesmas e, no caso de crianças, até se penduravam. Jo Grassini então me esclareceu que, inicialmente, a estátua de Dona Hermínia não tinha escoras, mas ao perceber que havia uma grande empolgação dos frequentadores do parque em relação àquela escultura, informou da imediata necessidade das escoras para se evitar uma fatalidade. A estátua de Paulo Gustavo, por se encontrar assentada, em banco de concreto, não apresenta tanto risco.

A artista me explicou, detalhadamente, como foi complexa a confecção das esculturas. Desde as estruturas de ferro que serviram como “esqueletos” das

esculturas, onde foram feitas as modelagens das peças em argila, o preparo das formas em gesso e silicone, em seguida, esculpir as peças na cera, preparo de novas formas nas quais, finalmente, é colocado o bronze em estado líquido. Todas estas etapas foram executadas na casa e também no ateliê, maior e mais equipado, que a artista plástica mantém em São Gonçalo, cidade vizinha à Niterói. O processo de esculpir foi executado por Jo Grassini individualmente, porém a artista dirigiu duas equipes distintas na fase de confecção das formas, para receber a cera e para receber o bronze em estado líquido.

Quando perguntei a Jo Grassini como ela mesma interagia com as esculturas, ela me disse que sempre vê suas obras muito detalhadamente e que é capaz de encontrar sempre minúcias a serem corrigidas. Gosta do resultado final, mas sempre encontra pontos a melhorar. Jo Grassini relatou que, sabendo do grande sucesso que as estátuas estavam fazendo no Campo de São Bento, com filas para se tirar fotografias, em determinada ocasião ela mesma entrou na fila, anonimamente. Porém, uma aluna a reconheceu e disse em voz alta: “Esta é a Jo Grassini, a escultora destas estátuas!”. A partir deste momento, os visitantes também queriam tirar fotos com a escultora.

Apesar de não ter conhecido Paulo Gustavo pessoalmente, disse que reconhecia no ator um grande talento e que materializar a homenagem ao mesmo, em forma de escultura foi um orgulho, já que Paulo Gustavo foi um ator cuja homossexualidade foi vivenciada às claras em sociedade, assim como Jo Grassini, que vive um casamento homossexual há anos.

Figura 36 – Mão da artista plástica Jo Grassini esculpindo em argila a cabeça da escultura do ator Paulo Gustavo. Imagem extraída do Instagram da artista plástica[50]

Figura 37 – Mãos da artista plástica Jo Grassini esculpindo a cabeça da escultura do ator Paulo Gustavo. Imagem extraída do Instagram da artista plástica [51]

Achei extremamente importante ter feito esta entrevista como forma de aquilatar os diversos acessos possíveis à minha pesquisa. Recordo-me de Jo Grassini falando sobre sua experiência na infância com as esculturas dos sítios funerários e eu, como pesquisador, ser imediatamente remetido a lápide-monumento de Tibira do Maranhão, concebida pelo escultor Eduardo Sereno, onde, além da imagem de Tibira,

[50] #jograssini. Acesso em: 26.08.2024.
[51] Ibid.

encontra-se inscrito: TIBIRA DO MARANHÃO – 1º CASO DE HOMOFOBIA NO BRASIL (inscrito em letras maiúsculas na lápide-monumento). A entrevista também me proporcionou profunda reflexão sobre a importância da visão do artista plástico, com sua individualidade, com o seu olhar e com a sua sensibilidade. Pensei nestas esculturas únicas de Paulo Gustavo e de Dona Hermínia e como é importante valorizá-las em tempos de reprodutibilidade técnica, conforme o aprendizado de Walter Benjamin (2012), “Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre literatura e história da cultura”, Volume I.

Minha entrevista com Jo Grassini se revelou uma troca de impressões muito produtivas. Eu, pesquisador, que convivi brevemente com Paulo Gustavo num período de seis meses (quando estudamos teatro na mesma turma) e Jo Grassini, escultora, que não chegou a conhecê-lo pessoalmente, mas imortalizou a figura do ator e a de sua personagem de maior popularidade (Dona Hermínia). Ambos constituindo, de alguma forma, a memória do grupo LGBTI+, do qual os três (Paulo Gustavo, Jo Grassini e o mestrando) fazem parte. Tive a certeza que estávamos muito conectados por um interesse comum, que é a busca pela felicidade dos indivíduos LGBTI+.

Ao finalizar nosso encontro, mostrei para Jo Grassini o folder do Monumento aos Homossexuais em Amsterdã (Holanda) e disse que alimento o sonho de que um monumento, ou memorial, dedicado à causa LGBTI+ nacional, também fosse concebido e construído, em algum local bastante central de uma de nossas capitais estaduais. Expliquei que este foi o principal norte motivacional de minha pesquisa. Sobre a minha fala, a artista disse considerar um pouco difícil a consecução daquele sonho, tendo em vista o recrudescimento da extrema-direita no país e que ela mesma perdeu alunas por ter se posicionado politicamente sobre os bolsonaristas. Compartilhamos nossas angústias por possuirmos familiares que fazem a defesa de posicionamentos político-religiosos conservadores e como isso nos distancia de algumas pessoas de quem amamos.

Após o encontro com Jo Grassini retornei ao Campo de São Bento. Observei as estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia, pensei nas mãos extremamente humanas e sensíveis que deram forma àquelas homenagens. Não tenho dúvidas, as estátuas de Paulo Gustavo e Dona Hermínia, concebidas por Jo Grassini, cristalizam a arte e os ideais de Paulo Gustavo. Posteriormente, acabei por me indagar se o

esculpir, por mãos de uma artista plástica lésbica, faria alguma diferença em relação ao homenageado homossexual. Talvez a grande maioria das pessoas considerem irrelevante tal ordem de conjecturas. Todavia, da perspectiva de quem é parte do grupo LGBTI+, faz muita diferença, tendo em vista a notoriedade do ator gay e o inegável sucesso das esculturas de Jo Grassini, cuja visibilidade e legitimidade artística, denotam mais verdade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Dionisio é mantido nos aposentos femininos, disfarçado de menina, para não ser descoberto por Hera. É tratado e educado como uma menina, e assim vai crescendo efeminado. Incapaz de distinguir as funções masculina e feminina em si mesmo, Dionísio mal sabe quem ele é. Como um eterno jovem, ele vagueia pelo mundo afora assumindo diversas formas, enlouquecendo, embebedando-se até a inconsciência, vivendo o total abandono da natureza e, como a natureza, vivenciando ciclos de morte e renascimento. (Singer, 1990, p.67).

No livro “Androginia, rumo a uma nova teoria da sexualidade”, June Singer (1990) nos incita a explorar nossa psiquê, a fim de que dualidades e dicotomias sejam operadas a favor do ser humano. Desta forma, características masculinas e femininas passam a ser entendidas de uma forma mais cooperativa e menos antagônica. Essa é uma das realidades que permeiam a comunidade LGBTI+. Todavia, esta dimensão de conflitos subjetivos, caso esteja presente, diz respeito exclusivamente ao indivíduo, cabe a cada personagem compor o drama de sua própria vida.

Quando iniciei esta pesquisa já parti do ponto de vista segundo o qual a memória e os lugares de memória LGBTI+ são essenciais para a constituição do senso de pertencimento social dos membros desta comunidade. Por isto lutamos para minimizar estigmas, para potencializar modos de viver que não coadunam com o heterocentrismo dominante. É inadmissível que corpos dissidentes ainda sejam percebidos como corpos que não possam e não devam participar da vida pública, como quaisquer outros corpos. Entretanto, quando nos deparamos com os casos de vandalismos contra a memória LGBTI+, como se deu com a Instalação-monumento Meu coração bate como o seu (São Paulo) ou as destruições das placas em homenagem a Lota de Macedo Soares (Rio de Janeiro), percebemos atitudes conservadoras e radicais, que desconsideram a pluralidade de possibilidades e diferenças em sociedade.

Interessa-nos saber que o grupo LGBTI+, tão perseguido e tão criminalizado, no curso da história, seja capaz de elaborar e cristalizar sua memória. Acalento o sonho de que em todas as cidades possamos ver marcos, monumentos, memoriais, museus e placas, onde a população LGBTI+ possa ter referências, lembranças e vivências de sua história, de suas dores e de suas alegrias.

Nesta dissertação, utilizamos as ausências de monumentos LGBTI+ nas cidades brasileiras como indutoras de reflexão quanto a incapacidade de plena ocupação e uso das cidades por aquele grupo, sem perder de vista os gritantes desrespeitos aos direitos humanos, traduzidos em alto grau de translesbohomofobia e a condição de país que mais mata a população LGBTI+ no mundo.

As estátuas de Dona Hermínia e Paulo Gustavo, no Campo de São Bento se revelaram excelente modo de examinar e compreender a elaboração da memória de uma pessoa LGBTI+ no espaço público. Um excelente ator homossexual deixa seu legado artístico e instiga a população a repensar preconceitos, homofobia e LGBTI+cídios. Entretanto, não consta a inscrição da palavra homossexual na placa que acompanha as estátuas e o nome da rua em sua homenagem, o que configura um apagamento de sua sexualidade. Temos que nos perguntar sempre: por quê?

Entrevistar a presidente do Grupo Pela Vidda e vivenciar algumas de suas atividades, serviram para demonstrar a necessidade do movimento LGBTI+ para consecução de direitos e melhorias para a comunidade LGBTI+. Quando estive em contato com ativistas daquele grupo tive a certeza que a construção da memória LGBTI+ é uma realidade na qual poderei influir, na medida que a temática desta dissertação se torna objeto de discussões e incitadora de iniciativas para melhoria da comunidade LGBTI+.

Paul Preciado (2020) nos fala da necessidade de construção de novas formas de se pensar a existência, apresentando possibilidades que se apartam do cisheterocentrismo, que pretende a regulação e a normatização de toda a sociedade. Monumentos e memorias LGBTI+ têm o condão de naturalizar e visibilizar nossos corpos dissidentes. Experiências como as do Rolé de Memórias e Resistências LGBTQIAP+ no Rio de Janeiro e a do Museu de Ocupação e de Narrativas do Arouche LGBTQIAP+ são a prova de que o caminho de construção do tecido social, conquanto repleto de disputas por direitos, espaços e narrativas, deve ser reivindicado por todos. Não tem cabimento a exclusão LGBTI+ dos espaços centrais das cidades. A cidade pertence a todos e todos têm direito à cidade. Quando o Instituto Pólis lança a campanha “Beijar o seu amor é direito à cidade” atua também como forma de convencimento de que o preconceito não deve ter cabimento em sociedade. A

campanha é um exemplo típico do *hacer memoria,* consistente na iniciativa da própria comunidade LGBTI+ em constituir sua memória.

Figura 38 – Campanha veiculada no Instagram do Instituto Pólis[52]

A comunidade LGBTI+ deve estar presente e atuante na cidade. Não podemos aceitar pacificamente que o Brasil seja, por mais de uma década, o país com maior LGBTI+cídio no mundo e também não podemos aceitar as margens e os guetos, como locais naturalmente LGBTI+. Neste sentido, é fundamental que consolidemos uma cultura memorial da população LGBTI+. O afastamento dos estigmas será tanto maior, quanto mais estivermos próximos de nossos dilemas. Materialidades públicas que traduzam quereres da comunidade LGBTI+, que relembrem o movimento LGBTI+ e que reflitam a história desta comunidade, acabam por gerar um senso de pertencimento a própria urbe.

As primeiras sextilhas do “Cordel LGBT”, de Flávio Alves, resumem de forma sábia um pouco do *modus vivendi* LGBTI+:

[52] #institutopolis. Acesso em: 26.08.2024

CORDEL LGBT
A todos LGBTS
Ou todos LGBTI
Erga sempre a cabeça
E faça o melhor de si
Pense sempre positivo
E nunca pense em desistir.

Setenta, oitenta e noventa
Foram décadas do imaginário
Todos os gays tinham medo
De maldosos comentários
E muitos não se assumiam
E ficavam no armário.

Às vezes o próprio gay
Se mostrava um machão
Não queria se assumir
E tinha convicção
Que a fase ia passar
E teria salvação.

Que salvação que nada!
Melhor seria se aceitar
Independente de chacotas
Em casa ou outro lugar
Mas a época era repressora
E melhor era se calar...[53]

O início deste cordel, de forma lúdica, aponta para a necessidade de ação da comunidade LGBTI+. Refletir sobre si e atuar em prol de melhorias para toda a comunidade LGBTI+. *Erga sempre a cabeça e faça o melhor de si*.

Concluímos esta dissertação lançando a perspectiva de um possível olhar LGBTI+ sobre as cidades brasileiras. Um olhar no qual vivências e memórias LGBTI+ estejam presentes. Acreditamos que memoriais e monumentos refletem uma dinâmica de disputas político-territoriais nas cidades, domínios culturais e econômicos na urbe. A ausência de um monumento à causa LGBTI+ no Brasil, tal como vimos na Holanda, deve ser compreendida dentro do mesmo contexto em que se procura entender o preconceito e a violência, que fazem do Brasil o país número 1 no lastimável ranking de LGBTI+cídios. Da mesma forma, lamentamos a inexistência de qualquer

[53] https://www.recantodasletras.com.br/cordel/6672601

monumento em memória aos inúmeros vitimados pela Aids. Talvez, na esteira de aversões e repulsas aos corpos dissidentes, encontremos as justificativas para a vandalização da instalação-monumento Meu Coração Bate Como o eu (São Paulo) e a destruição das placas de Lota de Macedo Soares, pertencentes ao Circuito da Diversidade do Rio de Janeiro.

Em contato com ativistas LGBTI+ e em visita aos sítios de memória LGBTI+ constatamos que existe uma demanda por uma sociedade menos translesbohomofóbica. Monumentos e memoriais LGBTI+ podem se tornar condutores de visibilidade e de naturalização de corpos dissidentes. Acredito que esta dissertação se preste para suscitar esta discussão sobre a quase ausência monumental LGBTI+ e da memória de corpos estigmatizados, que dissidem dos paradigmas da heteronormatividade.

“Erga sempre a cabeça e faça o melhor de si!”

REFERÊNCIAS

AGUIÃO, Silvia. Não somos um simples conjunto de letrinhas: disputas internas e re(arranjos) da política “LGBT”. **Cadernos Pagu**, n. 46, 2016.

ALVES, Flavio. **Cordel LGBT**. 2024. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/6672601>. Acesso em: 14 jun. 2024.

ALEXANDRE, J-Michel. Introdução. *In:* HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1990.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Claro Enigma**. Rio de Janeiro: Editora Record,1951.

ANDREWS, John. **O livro da história LGBTQIAPN+**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2024.

AREDA, Felipe; BORTOLOZZI, Remom Matheus. **Nosso caos, nosso cosmos**: notas sobre a memória e a cultura LGBT brasileira. Ponta Grossa: Uniletras, 2017 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br//index.php/uniletras>. Acesso em: 14 jun. 2024.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia Vargas Kayser. **Dicionário de Expressões da Memória Social dos Bens Culturais e da Cibernética**. Canoas: Editora Unilasalle, 2017.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOITA, Tony. **Museologia LGBT**: cartografia das memórias LGBTQI+ em acervos, patrimônios, monumentos e museus transgressores. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

BRULON, Bruno; MAGALDI, Monique. Dossiê. Museus e Museologia: aportes teóricos na Contemporaneidade. **Revista Museologia e Interdisciplinariedade**, v. 9, n. 17, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31587/26131>. Acesso em: 13 jul. 2024.

BULGARELLI, Lucas. Um impeachment, algumas tretas e muitos textões: notas sobre o movimento LGBT brasileiro pós-2010. *In:* GREEN, James N.; QUINAHALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CÁCERES FERIA, Rafael; VALCUENDE DEL RÍO, Victoria; QUINTERO MORÓN, José Maria. Turismo, patrimonio y memoria LGBT+. **Pasos – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, n. 30, 2023.

CAETANO, Márcio; NASCIMENTO, Claudio; RODRIGUES, Alexsandro. Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT. *In:* GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

CAIXETA, Izabella. Datafolha aponta que 15,5 milhões de brasileiros se autodeclaram LGBTQIA. **Estado de Minas**, 21 set. 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br>. Acesso em: 1 maio 2024.

CARDOSO, Rafael. Grupo Arco-Íris recebe certificado por promover memória social LGBTI+. Luta contra discriminação e violência marcam trajetória da comunidade, **Agência Brasil**. Disponível em: <agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-08/grupo-arco-iris-recebe-certificado-por-promover-memoria-social-lgbti>. Acesso em 15 ago. 2024.

CARVALHO, Renata. **Manifesto Tanspofágico**. São Paulo: Casa 1: Editora Monstra,2021.

CARVALHO, Maria Alice Rezende. **Cidade, Cidadania e o Rio de Janeiro**: ciclo Cidadania em Debate. Rio de Janeiro: Juá; Ed. Museu da República, 2009.

CIRCUITO TURÍSTICO PAULO GUSTAVO. Disponível em: <visit.niteroi.br/circuitopaulogustavo>. Acesso em: 14 jun. 2024.

COLLADO, Lilliana Ramos. **De monumentos y otras marchas que si llegaron al hit parade**. Porto Rico: Universidad de Puerto Rico, 2016.

COLLING, Leandro. **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: Editora da UFBA, 2016.

CORREIO. São Tibira do Maranhão. **Correio**, 8 dez. 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/artigo/sao-tibira—do-maranhao-1220>. Acesso em: 15 mar. 2024.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 2005.

CUTHBERT, Alexander R. **Compreendendo as cidades**: método em projeto urbano. São Paulo: Perspectiva, 2021.

DAVISON, Kate. **Queer Spaces**: The Routledge Handbook of Memory Activism. New York: Routledge, 2023.

DUARTE, Larissa Gouveia; SILVA, Jeander Cristian**.** Rua Ator Paulo Gustavo: Um caso de Mudança Antropoaxiotoponímica. **Anais do EVIDOSOL/CILTec**, v. 10, n.1, 2021.

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. *In:* HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1990.

ESTÚDIO GUTO REQUENA. Meu coração bate como o seu. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-L8I3h57QZI>. Acesso em: 15 mar. 2024.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FACCHINI, Regina. **Movimento homossexual no Brasil**: recompondo um histórico. Campinas: Unicamp, 2003.

FACCHINI, Regina. Múltiplas Identidades, diferentes enquadramentos e visibilidades: um olhar para os 40 anos do Movimento LGBTT. *In:* GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa (Orgs). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

FERIA, Rafael Cáceres; MORÓN, Vitoria Quintero; RIO, José Maria Valcuende. Turismo, patrimônio y memoria LGBT+. **Revista Pasos**. <https://www.pasosonline.org>. Acesso em: 16 ago. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GALUPPO, Adriana. **Cidade queer: uma autobiografia plural**. 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

GOMES, Lilian, LÂNES, Patrícia. Rua Marielle Franco e Beco Eduardo de Jesus: Toponímia Urbana e Conflitos de Memória no Rio de Janeiro. *In:* BEZERRA, Daniele Borges et al. (Org.). **Memória Coletiva**: entre lugares, conflitos e virtualidade. Porto Alegre: Casaletras; Pelotas: PPGMP/UFPel, 2021.

GOMES, Lilian, LÂNES, Patrícia. Pedras no caminho do esquecimento. monumentos, ações desmonumentalizadoras e contramemoriais no espaço público. **Entropia**, v. 8, n. 15, 2024.

GOMES, Lilian, LÂNES, Patrícia. Marielle Franco e os suportes de contra memória: centelhas a partir do fogo em Borba Gato. *In:* 33ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2022. **Anais** [...]. Disponível em: <https://www.33rba.abant.org.br/>. Acesso em: 4 jul. 2024.

GREEN, James N. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Editora Penso, 2023.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 1963. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HUYSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano,2000.

HUYSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda, 2014.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO. **Raízes firmes para tempos de ventania**: fortalecendo as bases do ativismo das mulheres negras brasileiras - Estratégia 2023-2026. Rio de Janeiro, 2022.

INSTITUTO YDUQS. **Rolé visita:** memórias e resistência LGBTQIAPN**+**. Rio de Janeir, 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACOMBE, Eliana. Los Caminos de las Memorias em America Latina. Memorias, para qué? *In:* II SEMINARIO INTERNACIONAL MEMÓRIAS POLITICAS EM PERSPECTIVA LATINOAMERICANA. Córdoba. **Anais** [...] Universidad Nacional de Córdoba, 2020.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo. Centauro, 2001.

LINCOPI, Claudio Alvarado; VASQUEZ, Ivette Quezada. Derribar, substituir y saturar. Monumentos, blanquitud y descolonización. **Corpus: Archivos virtuales de la alteridade americana**, v.11, n.1, 2021.

SILVA, Moisés; SANABRIA, Guilhermo Vega. **Glossário de (des)identidades sexuais**. Salvador: Eduíba, 2023.

LISBOA, Vinicius. LGBTfobia que chegou nas caravelas se enraizou com a colonização. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 17 maio 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-05/lgbtfobia-que-chegou-nas-caravelas-se-enraizou-com-colonizacaolink>. Acesso em: 15 mar. 2024.

LOPEZ, Matthew. **The Inheritance**. Londres: Faber and Faber Ltd., 2018.

MUSEU DE OCUPAÇÃO E NARRATIVAS DO AROUCHE LGBTQIAP. **Mapa Histórico-Cultural de práticas e manifestações que são patrimônios LGBTQIA+ na Região do Largo do Arouche**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repep.fflch.usp.br/sites/repep.fflch.usp.br/files/mapa%20Folheto%20Mona_compressed_compressed%20(1)_0.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2024.

MARQUES, Rogério. **GGN – O jornal de todos os brasis**. Lota sofre agressões homofóbicas no parque que idealizou com paixão. Em 26.03.2022. Link: < https://jornalggn.com.br/direitos-humanos/lota-sofre-agressoes-homofobicas-no-parque-que-idealizou-com-paixao-por-rogerio-marques/>.

MELUCCI, Alberto. **Um objetivo para os movimentos sociais?** São Paulo: Lua Nova, 1989.

MEU CORAÇÃO BATE COMO O SEU. **Estúdio Guto Requena**. Disponível em: <https://archdaily.com.br>. Acesso em: 01 maio de 2024.

MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política de esquecimento? **Revista Memória em Rede**, v. 2, n. 3, 2010.

MOTT, Luiz. O imprescindível GGB, Grupo Gay da Bahia. *In:* GREEN, James N.; QUINAHALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. **O pioneiro Museu do Sexo da Bahia**: acervos e referências da memória LGBTQIAP+. São Paulo: Instituto Odeon, Museu da Diversidade Sexual, 2022.

NETO, Hugo Menezes; SOLIVA, Thiago Barcelos. Musealizando a diferença: acervos e museus virtuais LGBTQIAPN+. **Iluminuras**, v. 24, n. 65, 2023.

NETO, Hugo Menezes; SOLIVA, Thiago Barcelos. Patrimônios LGBTQIA+: tensões e disputas no campo patrimonial. **Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, 9 (19), p. 17-32, 2022.

NOGUEIRA, Carolina Rodrigues Chaves. **Diversidade carnavalizada**: experiência e luta LGBT+ na e pela cidade. 2021. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Escola de Arquitetura, UFMG, Belo Horizonte, 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, n.10. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 6 jul. 2024.

OUTRAGE. Disponível em:<outrage.org.uk>.Acesso em:17 jun. 2024.

PARKINSON, Richard Bruce. **A Little Gay History**: desire and diversity across the world. Londres: The British Museum Press, 2013.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2 n. 3, 1989.

PORTAL G1 Bahia. Brasil registra 257 mortes violentas de pessoas LGBTQIA+ em 2023, uma a mais que em 2022, e segue como país mais homotransfóbico do mundo. **Portal G1 BA**. Link: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/01/20/mortes-violentas-de-pessoas-lgbtqia-na-ba-2023.ghtml > Acesso em: 10 jun. 2024.

PRECIADO. Paul. B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

QUERINO, Rangel. Escultura em homenagem a luta LGBT é alvo de vandalismo em São Paulo. **Observatoriog**. Disponível em: <https://observatoriog.com.br/noticias/escultura-em-homenagem-a-luta-lgbt-e-alvo-de-vandalismo-em-sao-paulo/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RADRIGUEZ, Carlos. **O jardim**. São Paulo: Bebel Books, 2019.

REIS, Rogério. **Onde está o sujeito?** Rio de Janeiro: Estrutura Poema, Programa de Exposições do Centro Cultural Justiça Federal, 2022.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANCHES, Yasmin. O ACT UP e a luta transnacional contra os estigmas em relação a AIDS. **Programa de Educação Tutorial de Relações Internacionais da PUC-SP**. Disponível em: < https://www.petripuc.com.br/post/o-act-up-e-a-luta-transnacional-contra-os-estigmas-em-rela%C3%A7%C3%A3o-a-aids#:~:text=A%20a%C3%A7%C3%A3o%20do%20ACT%20UP,por%20homens%20gays%20e%20bissexuais >. Acesso em:05 jun.2024.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. Memória coletiva, trauma e cultura: um debate. **Revista USP**, n. 98, p. 51-68, 2013.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Projeto História**, n. 30, p. 71-98, 2005.

SENNET, Richard. **Carne e pedra**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2021.

SINGER, June. **Androginia**: rumo a uma nova teoria da sexualidade. São Paulo: Editora Cultrix Ltda., 1990.

SODARO, Amy. Museus Memoriais: a emergência de um novo modelo de museu. **Revista PerCursos**, v. 20, n. 44, 2019.

SOUZA, Edson. Ler as cinzas – trauma, memória e esperança. *In:* Marchi, Darlan; Castro Jaime (Orgs). **Memórias em tempos difíceis**. Porto Alegre: Casaletras; Pelotas: PPGMP/UFPel, 2022.

TAVOLARI, Bianca. Direito à cidade: uma trajetória conceitual. Plataforma SCIelo. Artigos Novos Estudos. **Cebrap**, n. 35, v. 1, 2016. Disponível em: <https://doi.org/1025091>. Acesso em: 6 jul. 2024.

TJSE. **Respeitando todas as formas de existir**: Manual de Comunicação LGBTQIAPN+. 2022. Disponível em: <https://www.tjse.jus.br/portaldoservidor/arquivos/documentos/espaco-do-servidor/manuais/cartilha_antirracista.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2024.

URQUIDI, Vivian; DE SOUZA REIS, Graziela Tavares; ALMEIDA, Ana Carolina Moura. **Femigenocídio e sanación**: limites da reparação pela violência de gênero na guerra da Guatemala e a proposta de uma coletiva comunitária. Rio de Janeiro: Ponto e Vírgula, 2021.

VALLE, Leonardo. **Jornal do Instituto Claro**. Sem monumentos e tombamentos, memória LGBTQIA+ é apagada da arquitetura das cidades. Disponível em: < https://www.institutoclaro.org.br/cidadania/nossas-novidades/reportagens/sem-monumentos-e-tombamentos-memoria-lgbtqia-e-apagada-da-arquitetura-das-cidades/#:~:text=Sem%20monumentos%20e%20tombamentos%2C%20mem%C3%B3ria%20LGBTQIA%2B%20%C3%A9%20apagada%20da%20arquitetura%20das%20cidades,-Projetos%20usam%20redes&text=Para%20o%20doutorando%20em%20urbanismo,reflete%20na%20arquitetura%20das%20cidades>. Acesso em: 15 de março de 2024.

VIEIRA, Leonardo. **Acervos e referências da memória LGBTQIAP+**. São Paulo: Museu da Diversidade Sexual, 2023.

WICHERS, Camila; BOITA, Tony. Patrimônio Cultural LGBT. *In:* MENEGUELLO, C.; CARVALHO, Aline (Orgs.). **Dicionário temático de patrimônio**: debates contemporâneos. Campinas: Unicamp, 2020.

ANEXO

ANEXO - Alguns marcos de memória monumental LGBTI+ pelo mundo

1
Tipologia: Monumento-lápide ao Índio Tibira do Maranhão, São Luís, MA.
Motivação: Primeiro caso de homofobia registrado no Brasil
Referências: Índio gay morto pela Igreja é homenageado no Maranhão, em 10.12.2016, link: https://oquartopoder.com/sao-luis/; O indígena brasileiro que foi executado por ser homossexual. Observatório do Terceiro Setor, em 31.03.2023, link: https://observatorio3setor.org.br/noticias/o-indigena-brasileiro-que-foi-executado-pela igreja-por-ser-homossexual/

2
Tipologia: Instalação-monumento Meu Coração Bate Como o Seu. Encontrava-se em São Paulo.
Motivação: Comemoração pelos 40 anos do Movimento LGBT no Brasil
Referência: Guto Requena assina escultura em comemoração ao ativismo LGBTQ+, Revista Casa e Jardim, em 24.03.2023, link: https://revistacasaejardim.globo.com; Meu coração bate como o seu, Estúdio Guto Requena, em 21.08.2023, link: https://gutorequena.com/meucoracao/

3
Tipologia: Estátua em homenagem a Marielle Franco no Rio de Janeiro.
Motivação: Celebrar o legado da vereadora, defensora de minorias, brutalmente assassinada
Referências: Estátua Marielle Franco, em 21.08.2023, link: https://wikifavelas.com.br/index.php/Estatua-Marielle-Franco; Marielle Franco ganha estátua no centro do Rio de Janeiro, Revista Veja, em 21.08.2023, link: https://veja.abril.com.br/brasil/marielle-franco-ganha-estatua-no-centro-do-rio-de-janeiro; Inauguração da Estátua de Marielle Franco, em 29.08.2023, link: https://estatua.institutomariellefranco.org; GOMES, Lilian, LANES, Patrícia. Rua Marielle Franco e Beco Eduardo de Jesus: Toponímia Urbana e Conflitos de Memória no Rio de Janeiro. In: Memória Coletiva: entre lugares, conflitos e virtualidade. Porto Alegre: Casaletras; Pelotas: PPGMP/UFPel,2021; GOMES, Lilian, LANES, Patrícia. Pedras no Caminho do Esquecimento. Monumentos, ações desmonumentalizadoras e contramemoriais no espaço público. Revista digital Entropia, v. 8, n. 15, 2024.

4
Tipologia: Estátua de Paulo Gustavo em Niterói, Rio de Janeiro.
Motivação: Homenagear o ator que assumiu sua homossexualidade publicamente
Referência: DUARTE, Larissa Gouveia; SILVA, Jeander Cristian**.** Rua Ator Paulo Gustavo: Um caso de Mudança Antropoaxiotoponímica. Anais do EVIDOSOL/CILTec – Online, v. 10, n.1 (2021); Prefeitura inaugura estátuas em homenagem a Paulo Gustavo, em 22.11.2021, link: https: www.diariodeniteroi.com.br; Niterói homenageia Paulo Gustavo com placa em rua que agora leva o seu nome, em 21.05.2021, link: https://niteoi.rj.gov.br

5
Tipologia: Monumento aos homossexuais em Amsterdã, Holanda.
Motivação: Monumento à causa LGBTQIAPN+

Referências: Homomonument: a importância de um espaço de representatividade na cidade, em 18.07.2022, link: https://www.archdaily.com ; Homomonument – Three connected pink triangles memorialize persecuted gays and lesbians throughout history, em 31.07.2017, link: https://atlasoscura.com; Homomonument – Amsterdam. Building of the month. Twentieth Century Society, em 10.02.2022, link: https://c20society.org.uk . Conheça 05 Lugares importantes para a luta LGBTQ+, em 28.06.2023, link: https://nationalgeographicbrasil.com

6
Tipologia: Memorial a Alan Turing em Manchester, Inglaterra.
Motivação: Homenagem ao cientista, considerado pai da computação, que foi vítima de perseguição por conta de sua homossexualidade
Referência: Alan Turing Memorial – History and Facts, em 08.04.2024, link: https://www.historyhit.com

7
Tipologia: Memorial na Praça Harvey Milk em São Francisco, EUA.
Motivação: Homenagem ao ativista Harvey Milk, ponto de ativismo do movimento LGBTQIAPN+ nos EUA
Referência: Memorial da Praça Harvey Milk, em 27.03.2023, link: https://www.harveymilkplaza.org/vision;

8
Tipologia: Memorial Nacional da AIDS em São Francisco, EUA.
Motivação: Homenagem póstuma as milhares de vítimas da AIDS nesta cidade, que foi frontalmente atingida pelo vírus
Referência: The National AIDS Memorial, em 24.03.2023, link: https://www.aidsmemorial.org/the-memorial

9
Tipologia: Legacy Walk em Chicago, EUA.
Motivação: Homenagem a figuras importantes para a humanidade (escritores, cientistas, cantores e atores) que passaram por apagamento histórico devido a sexualidade dissidente.
Referências: Explore the Legacy Walk, em 27.03.2023, link: https://legacyprojectchicago.org/legacy-walk; Legacy Walk Outdoor LGBTQ History Museum Tour, em 05.07.2023, link: https://feverup.com/m/100993

10
Tipologia: Parque do Triângulo Rosa, São Francisco, EUA.
Motivação: Homenagem aos homossexuais perseguidos e executados pelos nazistas
Referência: Pink Triangle Park, em 08.4.2024, link: https://pinktrianglepark.org

11
Tipologia: Memorial ao Homossexuais Perseguidos pelo Nazismo, Berlim, Alemanha.
Motivação: Homenagem aos homossexuais perseguidos e executados pelos nazistas

Referências: Monumento em Berlim relembra homossexuais vítimas do nazismo, em Reuters, 27.03.2023, link: https://www.reuters.com/article/mundo-alemanha-monumento-gays-pol-idBRN2729564120080527; Alemanha pede perdão por perseguição aos homossexuais, em 03.06.2018, link: https://www.vermelho.org.br/internacional/;

12
Tipologia: Memorial para as Vítimas Gays e Lésbicas do Nacional Socialismo, Colônia, Alemanha.
Motivação: Homenagem aos gays e lésbicas perseguidos e executados pelos nazistas
Referência: Memorial para as vítimas gays e lésbicas do nacional-socialismo em Colônia, Loquis, em 27.03.2023, link: https://loquis.com/py/loquis/1573303/Memorial+para+as+v+timas+gays+e+l+sbicas=do+nacional+socialismo+em+Col+nia

13
Tipologia: Praça da Diversidade Sexual em Montevidéu, Uruguai
Motivação: Honrar a diversidade sexual, todo os gêneros, identidades e orientações sexuais
Referência: Nueva Plaza de la Diversidad, em 27.03.2023, link: https://municipiob.montevideo.gub.uy/nueva-plaza-de-la-diversidad

14
Tipologia: LGBT Memorial em Nova Iorque, EUA
Motivação: Reconhecimento às vítimas do massacre do Clube Pulse em Orlando (Florida – EUA), em junho de 2016.
Referência: LGBT Memorial, em 08.04.2024, link: https://hudsonriverpark.org

15
Tipologia: Monumento a la Comunidad LGBT em San Juan, Porto Rico.
Motivação: Homenagem aos inúmeros porto-riquenhos mortos na Boate Pulse (EUA) em 2016.
Referências: COLLADO, Lilliana Ramos. De monumentos y otras marchas que si llegaron al hit parade. Porto Rico: Universidad de Puerto Rico, 2016; Escultura Queer. Sculpting A Pride Marcho of memories Across the Continent. Revista, 2021. Link: https://revista.drclass.havard.edu; Inauguran primer monumento a la lucha gay em Puerto Rico, NOTICEL, em 26.06.2016, link: www.noticel.com

16
Tipologia: Memorial por la Diversidad em Santiago, Chile.
Motivaçao: Celebração da diversidade sexual
Referência: Lista de monumentos e memoriais LGBT, em 24.03,2023, link: htpps://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_monumentos_e_memoriais_LGBT

17
Tipologia: Memorial das Cerejeiras no Devonian Harbour Park, plantadas em 1985, solenizadas em 2019. Reconhecido como um dos primeiros memoriais da AIDS no mundo. Vancouver, Canadá.

Motivaçao: Homenagem aos GLBTQIAPN+ vitimados pela AIDS
Referência: Lista de monumentos e memoriais LGBT, em 24.03,2023, link: htpps://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_monumentos_e_memoriais_LGBT

18
Tipologia: Toronto AIDS Memorial (1993), Toronto, Canadá.
Motivaçao: Homenagem aos GLBTQIAPN+ vitimados pela AIDS
Referência: Lista de monumentos e memoriais LGBT, em 24.03,2023, link: htpps://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_monumentos_e_memoriais

19
Tipologia: Vancouver AIDS Memorial (2004), Vancouver, Canadá.
Motivaçao: Homenagem aos GLBTQIAPN+ vitimados pela AIDS
Referência: Lista de monumentos e memoriais LGBT, em 24.03,2023, link: htpps://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_monumentos_e_memoriais

20
Tipologia: Memorial do Holocausto Gay e Lésbico de Sydney, Austrália.
Motivaçao: Homenagem aos gays e lésbicas perseguidos e dizimados pelo nazismo.
Referência: Lista de monumentos e memoriais LGBT, em 24.03,2023, link: htpps://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_monumentos_e_memoriais_LGBT

21
Tipologia: Memorial do Holocausto Gay e Lésbico de Telavive, Israel.
Motivaçao: Homenagem aos gays e lésbicas perseguidos e dizimados pelo nazismo.
Referência: Lista de monumentos e memoriais LGBT, em 24.03,2023, link: htpps://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_monumentos_e_memoriais_LGBT

22
Tipologias: Escultura al colectivo homossexual, Stiges, Espanha.
Motivaçao: Homenagem às pessoas e à causa LGBTQIAPN+.
Referência: Lista de monumentos e memoriais LGBT, em 24.03,2023, link: htpps://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_monumentos_e_memoriais_LGBT

23
Tipologias: Monolito em memoria a las personas represaliadas por el franquismo por su opción sexual, Durango, Espanha.
Motivaçao: Homenagem às pessoas LGBTQIAPN+ , perseguidas e executadas, pelo governo autoritário de Franco na Espanha,
Referência: Lista de monumentos e memoriais LGBT, em 24.03,2023, link: htpps://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_monumentos_e_memoriais_LGBT

24
Tipologias: Monumento em memoria de los gais, lesbianas y personas transexuales represaliadas, Barcelona, Espanha.
Motivaçao: Homenagem às pessoas LGBTQIAPN+ perseguidas e reprimidas ao longo da história.
Referência: Lista de monumentos e memoriais LGBT, em 24.03,2023, link: htpps://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_monumentos_e_memoriais_LGBT

25
Tipologia: Placa comemorativa em homenagem ao casal homossexual Jean Diot e Bruno Lenoir, últimas pessoas executadas na França, em razão da homossexualidade, Paris, França.
Motivaçao: Homenagem ao casal gay executado em 1750.
Referência: Top 10 Monumentos Gays à Volta do Mundo, em 16.09.2022, link: https://www.misterband

26
Tipologia: Memorial LGBT, Centro Nacional do Holocausto , Laxton, Nottingamshire, Inglaterra.
Motivaçao: Homenagem aos gays e lésbicas perseguidos e dizimados pelo nazismo.
Referência: Lista de monumentos e memoriais LGBT, em 24.03,2023, link: htpps://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_monumentos_e_memoriais_LGBT

27
Tipologia: Placa da Frente de Liberação Gay em Londres (Inglaterra)
Motivaçao: Homenagem à causa LGBTQIAPN+ e aos gays que enfrentaram, pela primeira vez, a força policial em Highbury Fields, Londres, em
Referências: “Learning London’s LGBTQ+ History Empowered Me to Walk the City’s Streets”, em 07.04.2024, link: https://londonist.com; OutRage! Gay Liberation Front Plaque, em 07.04.2024, link: https://islington.humap.site; First gay rights demonstration, em 07.o4.2024, link: https://londonremembers.com

28
Tipologia: Monumento Arco-Íris (Regenboogmonument), Antuérpia, Bélgica.
Motivaçao: Homenagem às pessoas e à causa LGBTQIAPN+.
Referência: Lista de monumentos e memoriais LGBT, em 24.03,2023, link: htpps://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_monumentos_e_memoriais_LGBT

29
Tipologia: Minha Mitologia Gay- Um monumento para todos, Bruxelas, Bélgica.
Motivaçao: Homenagem às pessoas e à causa LGBTQIAPN+.
Referência: Lista de monumentos e memoriais LGBT, em 24.03,2023, link: htpps://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_monumentos_e_memoriais_LGBT

30
Tipologia: Placa de homenagem aos homossexuais encarcerados na Prisão de Huelva, Espanha.
Motivaçao: Homenagem à população LGBTQIAPN+, perseguida e abandonada na Prisão de Huelva, pelo governo ditatorial de Franco.
Referência: Gays, as vítimas esquecidas de Franco, em 17.09.2018, link:// https://noticias.uol.com.br

31
Tipologia: Parede do Beijo (Kiss Wall), em Brighton, Inglaterra.
Motivaçao: Homenagem à diversidade de gênero. Uma coluna vertical de alumínio mostra seis imagens de pessoas de diferentes idades e gêneros se beijando.

Referência: Top 10 Monumentos Gays à Volta do Mundo, em 16.09.2022, link: https://www.misterband

32
Tipologia: Anjo de Frankfurt (Frankfurt Engel) Alemanha.
Motivaçao: Homenagem aos homossexuais e às lésbicas perseguidos pelo nazismo.
Referência: Top 10 Monumentos Gays à Volta do Mundo, em 16.09.2022, link: https://www.misterband